

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo – Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

PEDESTRIANISMO, PERCURSOS PEDESTRES E TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE EM PORTUGAL



Zília Maria de Serpa Barata de Tovar

Março de 2010

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo – Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

PEDESTRIANISMO, PERCURSOS PEDESTRES E TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE EM PORTUGAL

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
para obtenção do grau de Mestre em Turismo, especialização em Gestão
Estratégica de Destinos Turísticos

Orientador: Professor Doutor Paulo Carvalho

Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de
Coimbra

Zília Maria de Serpa Barata de Tovar

Março de 2010

Resumo

A prática de andar a pé em trilhos sinalizados, ou pedestrianismo, é uma actividade que tem vindo a ganhar um número crescente de praticantes. O pedestrianismo é uma actividade que procura os caminhos tradicionais e de montanha, no meio rural e nas cidades, no interior e no litoral. Para facilitar a sua prática são criados percursos pedestres sinalizados que têm por finalidade conduzir os praticantes que os percorrem.

As principais motivações associadas ao pedestrianismo são o contacto com a natureza, o bem-estar físico e a descoberta, motivações que se encontram descritas para os mercados de Turismo de Saúde e Bem-Estar e, sobretudo, de Turismo de Natureza, mercados com fortes perspectivas de crescimento e identificados, no âmbito do Plano Estratégico Nacional de Turismo, como de desenvolvimento prioritário.

O presente trabalho explora o tema do pedestrianismo, percursos pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, avaliando a sua dimensão e expressão territorial, através da análise das actividades de pedestrianismo promovidas, dos recursos existentes e sua divulgação e dos programas de Turismo de Passeio Pedestre disponíveis no mercado.

A análise da expressão territorial do pedestrianismo é feita com base na oferta de actividades promovidas por diversas entidades nos três últimos anos (2007 a 2009). Os percursos pedestres considerados são os percursos homologados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. São apresentados dados quantitativos, bem como a distribuição territorial das actividades, dos percursos pedestres e a relação existente entre actividades e percursos e entre actividades, percursos e território.

Após a identificação dos operadores de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, caracterizando-os de acordo com a sua origem e os destinos turísticos em que trabalham, apresenta-se uma análise da oferta de programas de Turismo de Passeio Pedestre no nosso país, enfatizando os destinos.

São ainda analisados os principais meios de divulgação de percursos pedestres em Portugal, considerando essencialmente edições de distribuição internacional e *sites* das entidades oficiais de turismo, com responsabilidade ao nível da promoção de destinos e produtos turísticos.

No que diz respeito à expressão territorial do pedestrianismo e do Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, são identificadas as áreas de maior desenvolvimento actual e potencial do Turismo de Passeio Pedestre.

No final do trabalho é apresentado o exemplo do destino Aldeias do Xisto, focando os aspectos mais relevantes que constituem um destino de Turismo de Passeio Pedestre.

Abstract

Walking is an increasingly motivating activity, which is getting more and more adepts everywhere. It privileges traditional and mountainous paths in rural areas or in towns, inland or on the coastline. Flagged walking routes have been and are still created in order to offer guidance and to make this activity easier and safer for those interested in such ways of getting to know a country or a region.

The main motivations associated with walking are the contact with nature, the physical wellness and the discovery thrill; such interests are those identified for Health & Wellness Tourism and especially for Nature Tourism markets. These markets have strong development perspectives and are identified as a priority in the National Strategic Plan for Tourism.

The present work is focused on walking organized activities, walking paths and Walking Tourism in Portugal. It aims at assessing the dimension and territorial expression of this reality by analysing the provided activities, the existing resources and the way they are promoted; it also reviews and analyses the available Walking Tourism programs.

The analysis of the territorial expression of walking organized activities is based on the offer promoted by different entities along three years (2007-2009). The walking paths considered are those approved by the Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. Quantitative data is provided together with the geographical location of the considered activities and paths, as well as the existing relationship between activities and paths on the one hand, and activities, paths and their spatial distribution on the other.

After the identification of the tour operators, who offer Walking Tourism products in Portugal, these are characterized according to their origin and touristic destinations on their programs; subsequently the available Walking Tourism programs are reviewed as well, focusing on the spatial distribution of destinations.

Then, the means to promote walking in Portugal are also analysed considering both the main international distribution editions and sites of Portuguese official tourism entities, responsible for the promotion of tourist destinations and products.

Furthermore, the most developed areas or those with greater development potential, as Walking Tourism destinations, are identified, taking in consideration the spatial distribution of walking organized activities and Walking Tourism programs.

Finally, this study would not be complete without an example. Aldeias do Xisto is a new tourism destination, presenting the most relevant aspects to consider within a Walking Tourism destination and is therefore worth a closer look.

Lista de Abreviaturas

ADXTUR – Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto
 APA – Agência Portuguesa do Ambiente
 ARPT – Agência Regional de Promoção Turística
 BTT – Bicicleta todo-o-terreno
 CCDRC – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
 CX – Caminho do Xisto
 DLR – Decreto Legislativo Regional
 DRT – Direcção Regional do Turismo
 EN – Estrada Nacional
 ERA – *European Ramblers Association*
 ERT – Entidade Regional de Turismo
 EUA – Estados Unidos da América
 FCMP – Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal
 FFRP – *Fédération Française de La Randonnée Pédestre*
 FPC – Federação Portuguesa de Campismo
 GPS – Sistema de Posicionamento Global
 GR – Grande Rota
 GR E – Grande Rota Europeia
 IC – Itinerário Principal
 ICN – Instituto de Conservação da Natureza
 ICNB – Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade
 Km – Quilómetro
 MAOT – Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território
 MIDE – *Método d'Información de Excursiones*
 N.º - Número
 PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo
 PIB – Produto Interno Bruto
 PNPG – Parque Nacional Penêda-Gerês
 PNSA – Parque Natural da Serra da Arrábida
 PNSC – Parque Natural de Sintra-Cascais
 PNSE – Parque Natural da Serra da Estrela
 PNSSM – Parque Natural da Serra de São Mamede

PPSA – Paisagem Protegida da Serra do Açor

PR – Pequena Rota

QCA – Quadro Comunitário de Apoio

RU – Reino Unido

Séc. – Século

THR – *Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, SA*

UK – *United Kingdom*

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

ZEC – Zona Especial de Conservação

ZPE – Zona de Protecção Especial

Índices**Índice Geral**

	Página
Resumo	2
Abstract	3
Lista de Abreviaturas	4
Índices	
Índice Geral	6
Índice de Figuras	8
Índice de Quadros	10
Índice de Quadros (Anexo)	12
1. Introdução	
1.1 Tema e Âmbito da Investigação	13
1.2 Objectivos	15
1.3 Metodologia	16
1.4 Estrutura do Trabalho	17
2. Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre	
2.1 Pedestrianismo	19
2.2 Percursos Pedestres	22

	Página
2.3 Práticas de Pedestrianismo	28
2.4 Turismo de Passeio Pedestre	31
3. Pedestrianismo e Percursos Pedestres em Portugal	
3.1 Pedestrianismo: praticantes e lugares	37
3.2 Percursos Pedestres: expressão territorial	46
4. Turismo de Passeio Pedestre em Portugal	
4.1 Enquadramento do Turismo de Passeio Pedestre no Plano Estratégico Nacional do Turismo	57
4.2 Operadores, Programas e Destinos	60
4.3 Promoção dos Percursos e do Turismo de Passeio Pedestre	75
5. Aldeias e Caminhos do Xisto: a construção de um novo destino de Turismo de Passeio Pedestre	
5.1 Retrato Territorial e Enquadramento do Programa das Aldeias do Xisto	83
5.2 Recursos Patrimoniais e Turismo	89
5.3 Percursos Pedestres da Rede das Aldeias do Xisto	95
5. 4 Operadores e Programas	102
6. Conclusões	108
Bibliografia	113
Anexo	121

Índices

Índice de Figuras

	Página
Figura 1. Suportes de sinalização em percursos pedestres	24
Figura 2. Rede europeia de percursos pedestres de Grande Rota	26
Figura 3. Número de actividades de pedestrianismo, por mês, em 2007, 2008 e 2009	42
Figura 4. Actividades programadas por concelho, em 2007	43
Figura 5. Actividades programadas por concelho, em 2009	44
Figura 6. Pedestrianismo (2007 – 2009), áreas de montanha e áreas de interesse natural	45
Figura 7. Distribuição territorial dos percursos pedestres homologados	51
Figura 8. Actividades de pedestrianismo e percursos pedestres homologados	55
Figura 9. Empresas de animação turística com oferta de passeios pedestres	61
Figura 10. Operadores de programas de Turismo de Passeio Pedestre, por nacionalidade	64
Figura 11. Programas de Turismo de Passeio Pedestre por região	65
Figura 12. Destinos de Turismo de Passeio Pedestre nos programas dos operadores portugueses e estrangeiros	65
Figura 13. Programas de Turismo de Passeio Pedestre, de 2 dias ou mais, por região	67
Figura 14. Programas de Turismo de Passeio Pedestre, de 1 dia, por região	67
Figura 15. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre nos Açores	69
Figura 16. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre no Alentejo	70
Figura 17. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre no Algarve	70
Figura 18. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre na região Centro	71

	Página
Figura 19. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre na região de Lisboa e Vale do Tejo	72
Figura 20. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre na região Norte	73
Figura 21. Aldeias do Xisto: enquadramento regional e nacional	84
Figura 22. Aldeia do Xisto de Cerdeira	92
Figura 23. Alojamento turístico nos municípios das Aldeias do Xisto: número de camas	93
Figura 24. Alojamento turístico nos municípios das Aldeias do Xisto: número de estabelecimentos	93
Figura 25. Loja do Xisto de Aigra Nova	94
Figura 26. Folheto Caminho do Xisto de Fajão	97
Figura 27. Percurso acessível de Gondramaz	99
Figura 28. Caminho de Xisto da Água Formosa: caminho de terra / trilho	100
Figura 29. Sinalização dos Caminhos do Xisto	101
Figura 30. Duração dos programas de Turismo de Passeio Pedestre nas Aldeias do Xisto	103

Índices

Índice de Quadros

	Página
Quadro 1. Marcas utilizadas nos percursos pedestres em Portugal	23
Quadro 2. Programas de passeios pedestres divulgados pela FFRP e <i>Ramblers</i>	30
Quadro 3. Programas de Turismo de Passeio Pedestre	34
Quadro 4. Programa “Jejum e Passeio Pedestre”	35
Quadro 5. Diferenças entre pedestrianistas e não pedestrianistas	38
Quadro 6. Diferenças entre pedestrianistas portugueses e pedestrianistas estrangeiros	39
Quadro 7. Perfil do pedestrianista português	40
Quadro 8. Entidades promotoras de actividades de pedestrianismo, por região, em 2008 e 2009	41
Quadro 9. Percursos pedestres homologados, por região, até Abril de 2009	49
Quadro 10. Percursos pedestres de pequena rota homologados, por região, até Abril de 2009	49
Quadro 11. Percursos pedestres de grande rota homologados, por região, até Abril de 2009	50
Quadro 12. Factores chave para o desenvolvimento do Turismo de Natureza	59
Quadro 13. Programa de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal	63
Quadro 14. Duração dos programas de Turismo de Passeio Pedestre	66
Quadro 15. Programas de Turismo de Passeio Pedestre, de 2 dias ou mais, por região	68
Quadro 16. Exemplos de livros sobre percursos pedestres em Portugal	76
Quadro 17. Percursos Pedestres divulgados pelas Entidades Regionais de Turismo e Direcções Regionais do Turismo	78
Quadro 18. Percursos Pedestres divulgados pelas Agências Regionais de Promoção Turística	81
Quadro 19. Lugares que integram o Programa Aldeias do Xisto	86

	Página
Quadro 20. Alojamento Turístico nas Aldeias do Xisto	94
Quadro 21. Caminhos do Xisto	96
Quadro 22. Caminhos do Xisto: altitudes, desníveis e grau de dificuldade	98
Quadro 23. Pontos de interesse ao longo dos Caminhos de Xisto	101
Quadro 24. Programa exemplo: Trekking Aldeias do Xisto e Zêzere (2 ou + dias)	102
Quadro 25. Programa de Turismo de Passeio Pedestre nas Aldeias do Xisto	104
Quadro 26. Factores chave num destino de Turismo de Passeio Pedestre: grau de desenvolvimento nas Aldeias do Xisto	106

Índices**Índice de Quadros (Anexo)**

		Página
Quadro I.	Características gerais dos percursos pedestres nos países europeus	121
Quadro II.	Actividades de pedestrianismo, por mês, em 2007, 2008 e 2009	123
Quadro III.	Percursos Pedestres Homologados: Pequena Rota	124
Quadro IV.	Percursos Pedestres Homologados: Grande Rota	126
Quadro V.	Operadores e Programas de Turismo de Passeio Pedestre	127
Quadro VI.	Alojamento turístico no território das Aldeias do Xisto	139
Quadro VII.	Caminhos do Xisto	141
Quadro VIII.	MIDE (Método de Información de Excursiones)	142
Quadro IX.	Pontos de interesse nos Caminhos do Xisto	143

1. Introdução

1.1 Tema e Âmbito da Investigação

A prática de andar a pé em trilhos sinalizados, ou pedestrianismo, é uma actividade que tem vindo a ganhar um número crescente de praticantes. O pedestrianismo, definido pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal como o desporto dos que andam a pé, é uma actividade que procura os caminhos tradicionais e de montanha, no meio rural e nas cidades, no interior e no litoral. Para facilitar a sua prática foram criados percursos pedestres sinalizados que têm por finalidade conduzir os praticantes que os percorrem.

As principais motivações associadas ao pedestrianismo são o contacto com a natureza, o bem-estar físico e a descoberta, motivações que se encontram descritas para os mercados de Turismo de Saúde e Bem-Estar e, sobretudo, de Turismo de Natureza, mercados com fortes perspectivas de crescimento e identificados, no âmbito do Plano Estratégico Nacional de Turismo, como de desenvolvimento prioritário na Região Centro.

O mercado europeu de Turismo de Natureza apresentou nos últimos anos um crescimento regular. Em 2004, foram realizados 22 milhões de viagens cuja principal motivação foi usufruir deste produto, correspondendo a 9% do total de viagens realizadas pelos europeus. Para 2015 espera-se que este produto atinja os 43,3 milhões de viagens, o equivalente a um crescimento anual de 7% (THR, 2006). As oportunidades de crescimento relacionam-se com: uma maior e crescente consciência ambiental entre a população dos países emissores; o aumento da preferência por áreas envolventes não massificadas como destino de viagem; a crescente preferência por férias activas em detrimento de férias passivas (procura de emoções); o aumento da procura de experiências com elevado conteúdo de autenticidade e de valores éticos; tirar partido das valências “património e cultura”; a forte presença de oferta de viagens de Natureza na Internet, acessíveis a uma fatia crescente da população (THR, 2006).

Sendo actualmente uma actividade muito divulgada entre a população dos países europeus, o passeio pedestre evoluiu, passando da categoria de um lazer informal para

uma verdadeira acção turística, potencialmente geradora de benefícios económicos a nível local (Kouchner e Lyard, 2001).

Admitindo que o pedestrianismo é uma actividade com fortes perspectivas de crescimento, assim como o Turismo de Passeio Pedestre enquadrado no âmbito do Turismo de Natureza, e que os programas de Turismo de Passeio Pedestre, oferecidos no mercado de viagens, privilegiam os territórios de montanha e os espaços de grande interesse natural, estas áreas apresentam um elevado potencial para se desenvolverem como destinos turísticos de passeio pedestre, contrariando as actuais tendências de abandono, degradação e despovoamento.

São áreas que apresentam valores patrimoniais e paisagísticos relevantes, que permitem reorientar a sua vocação e reconverter os espaços, dando-lhes novos usos/funções associados à emergência de um novo sistema social de valores, ligado à sociedade urbana e à fruição de tempos livres, que reconhece como excepcionais as qualidades culturais e naturais que melhor identificam as montanhas (Carvalho, 2005).

O destino turístico Aldeias do Xisto, constituído por 24 lugares, nas serras do Pinhal Interior (região Centro), é um espaço reorientado recentemente para novas funções ligadas sobretudo ao lazer e ao turismo, onde os percursos pedestres são assumidos como factor de inovação do produto turístico. Esta aposta clara num produto turístico, em que o passeio pedestre se assume como um dos principais factores de atracção ou de diversificação, é inovadora em Portugal e meritória de destaque, como exemplo para outras áreas com potencialidades e condicionantes semelhantes.

O presente trabalho explora o tema do pedestrianismo, percursos pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, avaliando a sua dimensão e expressão territorial, através da análise dos recursos existentes e sua divulgação, das actividades de pedestrianismo promovidas e dos programas de Turismo de Passeio Pedestre disponíveis no mercado.

Analisando a expressão territorial do pedestrianismo e do Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, e considerando ainda a bibliografia estudada, são identificadas as áreas de maior potencial de desenvolvimento do Turismo de Passeio Pedestre. É apresentado o exemplo do destino Aldeias do Xisto, focando os aspectos mais relevantes que constituem um destino de Turismo de Passeio Pedestre.

1. 2 Objectivos

O objectivo geral deste trabalho é o de contribuir para um melhor conhecimento da expressão do pedestrianismo, dos percursos pedestres e do Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, bem como identificar factores que potenciam o desenvolvimento de um destino de Turismo de Passeio Pedestre.

São objectivos específicos:

- Mostrar a expressão do pedestrianismo na Europa e a sua tendência de crescimento;
- Identificar os principais recursos necessários à prática de pedestrianismo;
- Analisar, de forma genérica, a expressão e práticas de pedestrianismo e oferta de percursos pedestres nos diferentes países europeus;
- Identificar as principais componentes do produto Turismo de Passeio Pedestre;
- Caracterizar, em linhas gerais, o pedestrianista em Portugal e as suas práticas;
- Identificar os principais promotores de actividades de pedestrianismo em Portugal;
- Analisar a distribuição geográfica da oferta de actividades de pedestrianismo;
- Analisar a distribuição geográfica da oferta de percursos pedestres em Portugal;
- Relacionar a oferta de percursos pedestres com a oferta de actividades de pedestrianismo;
- Identificar os principais operadores de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal;
- Analisar os programas de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, identificando os principais destinos;

- Analisar a expressão territorial do Turismo de Passeio Pedestre em Portugal;
- Identificar os principais meios de divulgação de recursos para o desenvolvimento de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal;
- Apresentar o exemplo de um destino turístico onde o Passeio Pedestre constitui uma parte importante e assumida da oferta;
- Identificar factores potenciadores do desenvolvimento de um destino de Turismo de Passeio Pedestre.

1.3 Metodologia

A prossecução do trabalho, no alinhamento dos objectivos definidos, assentou na seguinte metodologia:

- Análise documental alicerçada em publicações científicas (livros, artigos e dissertações), em formato papel e digital e com recurso à Internet. De referir, que o tema do pedestrianismo e do Turismo de Passeio Pedestre é um tema pouco presente em publicações científicas e, pode afirmar-se com segurança, pouco estudado em Portugal;
- Análise documental de publicações não científicas, de divulgação técnica sobre o tema do pedestrianismo e percursos pedestres;
- Análise documental de diferentes materiais e suportes de divulgação de percursos pedestres;
- Pesquisa e análise da distribuição geográfica das actividades de pedestrianismo em Portugal, através de informação disponível na Internet, no *blog* Pedestrianismo e Percursos Pedestres;
- Pesquisa e análise da distribuição geográfica dos percursos pedestres em Portugal, considerando a informação disponibilizada *on-line* pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, relativa aos percursos pedestres homologados;

- Análise da distribuição geográfica das actividades e percursos, através de cartografia produzida com base no Atlas Português do Ambiente;
- Identificação dos operadores portugueses de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, através de informação do Turismo de Portugal, disponível *on-line*;
- Identificação dos operadores estrangeiros de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, através de pesquisa no motor de busca *Google*, inserindo as expressões “*walk in Portugal*” e “*walking holidays Portugal*”;
- Consulta da informação sobre programas de Turismo de Passeio Pedestre, nas páginas de Internet dos operadores identificados;
- Caracterização e análise dos percursos pedestres do destino Aldeias do Xisto, com recurso à informação turística disponibilizada pela entidade gestora do destino.

1.4 Estrutura do trabalho

O presente trabalho está organizado em seis capítulos.

O capítulo inicial apresenta uma síntese da temática e dos objectivos do trabalho, da metodologia da investigação e respectiva organização.

O segundo capítulo introduz o tema do pedestrianismo, percursos pedestres e Turismo de Passeio Pedestre, distinguindo conceitos, mostrando a expressão e contornos da actividade de pedestrianismo na Europa, apresentando considerações técnicas sobre percursos pedestres e definindo Turismo de Passeio Pedestre. A definição do Turismo de Passeio Pedestre baseia-se na descrição e apresentação de exemplos de programas de Turismo de Passeio Pedestre.

No terceiro capítulo é tratado o tema do pedestrianismo e percursos pedestres em Portugal. A análise da expressão territorial do pedestrianismo é feita com base na oferta de actividades promovidas por diversas entidades nos três últimos anos (2007 a 2009). A abordagem à procura, tentando caracterizar o praticante de pedestrianismo, é feita, de forma breve, com recurso à bibliografia consultada. É apresentada uma distribuição

territorial das actividades, dos percursos pedestres homologados, bem com da relação existente entre actividades e percursos e entre actividades, percursos e território.

O quarto capítulo identifica os operadores de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, a sua origem e os destinos turísticos em que trabalham. Apresenta assim uma caracterização da oferta de programas de Turismo de Passeio Pedestre no nosso país, enfatizando os destinos. Neste capítulo são ainda analisados os principais meios de divulgação de percursos pedestres em Portugal, considerando essencialmente edições de distribuição internacional e *sites* das entidades oficiais de turismo, com responsabilidade ao nível da promoção de destinos e produtos turísticos.

O quinto capítulo expõe o exemplo do destino Aldeias do Xisto, na região Centro, como destino turístico onde o passeio pedestre constitui uma parte importante e assumida da oferta. É apresentado o historial da construção do destino e os factores identificados como potenciadores do desenvolvimento de um destino de Turismo de Passeio Pedestre.

O último capítulo apresenta as conclusões e abre perspectivas sobre o interesse de continuar a estudar o tema do Pedestrianismo e do Turismo de Passeio Pedestre, nomeadamente através da análise da procura.

2. Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre

2.1 Pedestrianismo

“O acto de caminhar está associado à história do pensamento e dos homens que desde sempre atravessaram continentes para procurar alimento, transaccionar, conquistar terras e povos, erigir e aniquilar impérios, conduzir os rebanhos em transumância, no encalço das estações. (...) Na Idade Média e no Renascimento, eram sobretudo os comerciantes e os peregrinos que se deslocavam por milhares de quilómetros, em míticas viagens que duravam anos, à procura de novos mercados, da espiritualidade e da saúde, à descoberta de novos mundos.” (Bietolini, 2007: 7).

No séc. XIX, Schelle escrevia um tratado sobre a *Arte de Passear*, afirmando a importância do passeio pedestre como um fim em si, como uma forma de exercitar não só o corpo mas também o espírito, como uma actividade ímpar capaz de proporcionar o contacto com os outros e com a natureza: “O passeio a pé é a forma mais natural de vaguear, porque depende exclusivamente de nós e nos deixa completamente entregues a nós próprios. Ao passearmos a pé ficamos totalmente livres para observar as coisas como melhor nos convier, com uma completa tranquilidade de alma; podemos adaptar o movimento do corpo às exigências do espírito e, quando a observação quiser alargar-se a uma vista de conjunto, basta uma ligeira deslocação do corpo para abraçarmos o horizonte por inteiro; sem perturbar minimamente a atenção dada a um objecto preciso, podemos parar ou continuar a andar consoante as exigências do nosso espírito.” (Schelle, 2008: 65-66)¹.

“No séc. XIX, começaram a ser apreciadas as caminhadas, a escalada de uma montanha pelo prazer de desfrutar de vistas grandiosas, sentir emoções e sensações novas, descobrir ambientes desconhecidos, como as neves eternas e a alta montanha” (Bietolini, 2007: 8).

Caminhar pelo prazer da descoberta e da contemplação é uma actividade que foi evoluindo, tornando-se acessível a cada vez mais pessoas. As mudanças económicas e

¹ Schelle nasceu na Alemanha, em 1777. O texto citado faz parte de uma obra sua publicada em português, em 2008.

sociais decorrentes Revolução Industrial, que se deu em Inglaterra em meados do séc. XVIII e se alargou para a Europa a partir do séc. XIX, possibilitaram, pelas alterações na forma de trabalho, um incremento na disponibilidade para as actividades de lazer. Factores como o aumento do rendimento familiar e o aumento progressivo do tempo livre, permitiram que uma camada cada vez mais ampla da população pudesse ter acesso a actividades de lazer, outrora reservadas a uma pequena elite abastada.

O acto de caminhar, simples e natural, mais que um simples movimento do corpo e uma forma de deslocação, manifesta uma dimensão espiritual, o que lhe concede um lugar de destaque entre as actividades de lazer praticadas ao ar livre. Como forma de descoberta, o acto de caminhar leva-nos a sítios e experiências únicas: “Nesta época, em que parece já não existirem lugares desconhecidos nem inacessíveis, é bom retomar uma actividade antiga, que transforma qualquer viagem numa descoberta lenta e saborosa: caminhar. Durante horas ou dias, seguindo trilhos um pouco por todo o planeta, chegamos a locais onde só assim se pode chegar, penetrando mais profundamente na natureza e na vida das gentes.”²

Andar a pé é a melhor forma de aprender a conhecer a natureza, a cultura e a população de determinado local.³

Caminhar pelo puro prazer de caminhar, para explorar, por razões de saúde e bem-estar físico e espiritual, pelo convívio, para conhecer os próprios limites, para contemplar paisagens, para observar a natureza, como forma de escapar à vida de todos os dias, utilizando caminhos ou trilhos existentes, é a actividade a que se dá o nome de pedestrianismo, cada vez mais popular nas sociedades desenvolvidas.

Expressões, em português, como caminhar, andar a pé, praticar pedestrianismo, ou *walking*, *hiking* (EUA) ou *rambling* (Reino Unido), em inglês, encontram-se na literatura e referem-se todas à mesma actividade de andar a pé, em trilhos sinalizados ou promovidos para esse fim. A palavra *trekking*, também associada à mesma actividade, utiliza-se para designar as deslocações a pé, de alguns dias, em grande parte através de carreiros ou trilhos, em zonas montanhosas sem ligação a outras vias de comunicação (Bietolini, 2007).

Segundo Kouchner e Lyard (2001), o pedestrianismo envolve cerca de 3 milhões de praticantes em Itália e França, 10 milhões no Reino Unido e 30% dos suecos dedicam-se

² <http://www.almadeviajante.com/trekking/trekking.php>, 2-9-2009.

³ <http://www.era-ewv-ferp.com/>, 2-9-2009.

ao passeio em florestas ou caminhos rurais. Afirmam ainda que esta actividade está em forte expansão em todos os países. De acordo com o Ministério da Saúde e dos Desportos francês, o número de pedestrianistas em França atinge os 5 milhões de praticantes (EG, 2009).

Embora não seja fácil encontrar dados sobre o número de praticantes de pedestrianismo, é notória a dimensão da actividade, a nível europeu, pela quantidade de grupos organizados ligados à prática de andar a pé. A *European Ramblers Association* (ERA), fundada em 1969 na Alemanha, com os objectivos de criação e melhoria de condições para a prática de pedestrianismo, integra mais de 50 organizações, de 26 países europeus e conta com cerca de 5 milhões de membros individuais.

O mercado de actividades de ar livre reflecte a imagem dos produtos que lhes estão associados: é resistente. As actividades de ar livre continuam a crescer, tanto pela facilidade de acesso como pelo baixo custo da sua prática. É certamente um dos sectores que melhor está a responder à actual crise económica (EG, 2009). No conjunto de actividades de ar livre, o pedestrianismo destaca-se como actividade em crescimento, pela sua informalidade, baixo custo e fácil acesso.

São diversos os factores que influenciam a procura de actividades de lazer. Hall e Page (1999) referem, além da disponibilidade financeira, a sazonalidade, o género e condicionantes sociais e os recursos e modas.

O rendimento económico e a disponibilidade financeira, não condicionam de forma expressiva as actividades de lazer de baixo custo (Kay e Jackson, citados por Hall e Page, 1999). Contudo, Patmore (1983), citado em Hall e Page (1999), defende que as pessoas mais qualificadas, com maiores rendimentos e meio de transporte próprio, tendem a ter os tempos de lazer mais activos e com maior variedade de actividades, tanto na sua área de residência como fora.

A sazonalidade e os condicionalismos impostos pelo clima, influenciam a prática das actividades de ar livre. No caso dos passeios pedestres, demasiado calor, chuva e neve, são condições desfavoráveis.

O género é um factor poderoso em termos de influência na prática de actividades de lazer (Hall e Page, 1999). As mulheres com filhos têm menos tempo livre e participam menos em actividades de lazer. No caso do pedestrianismo, verifica-se que as mulheres

têm uma representatividade importante. Os programas de passeios pedestres dirigidos a famílias com filhos pequenos, contribuem certamente para esta participação das mulheres.

A idade é também um factor importante. De acordo Hall e Page (1999) que se basearam em dados do *Greater London Recreation Survey of 1972*, a participação em actividades como o golfe e caminhar aumenta com a idade.

A proximidade de casa ao recurso necessário para a realização de actividades de lazer está fortemente relacionada com a prática da actividade. Burton (1971), citado por Hall e Page (1999), demonstrou que os britânicos praticavam três vezes mais determinada actividade se esta fosse na proximidade de sua casa (a uma distância de cerca de 800 e 1200 metros). De acordo com este padrão, o pedestrianismo terá maior expressão em áreas com uma boa oferta de percursos pedestres.

O pedestrianismo apresenta assim factores que contribuem para a sua popularidade e crescimento entre as actividades de lazer: é uma actividade de baixo custo para o praticante, pouco exigente em termos de forma física, sendo praticado por mulheres, crianças e pessoas pertencentes às faixas etárias mais elevadas. A oferta de percursos sinalizados é cada vez mais abrangente em termos geográficos, tornando a actividade cada vez mais acessível a um maior número de pessoas.

2.2 Percursos Pedestres

Os percursos pedestres, ou trilhos, constituem a principal infra-estrutura ou equipamento para a prática de pedestrianismo. São caminhos, marcados ou não, que são promovidos e divulgados com esse propósito.

Existem percursos pedestres em meio urbano, em meio rural, em áreas planas, em ambiente de montanha, no litoral e no interior.









Existem percursos destinados apenas ao pedestrianista, outros abertos também a veículos não motorizados e ainda uns onde pode ocorrer trânsito automóvel. Os percursos pedestres são equipamentos mais ou menos informais, tal como pode ser a própria actividade de pedestrianismo. A sua concepção não obedece a regras rígidas e uniformes quanto, por exemplo, à localização, aos utilizadores, à forma, à extensão, à sinalização e à manutenção.

As entidades responsáveis pela implementação e manutenção de percursos não são as mesmas em todos os países, nem em todas as regiões. Podem ser clubes e federações ligadas ao desporto, montanhismo, campismo ou turismo, entidades de administração pública locais, regionais ou nacionais, ou ainda entidades oficiais de turismo, só para mencionar as mais comuns.

A criação de um percurso pedestre implica a preparação de um caminho, normalmente pré existente, de maneira a que os seus utilizadores se sintam seguros e confortáveis quando o percorrem. A implementação de um percurso pedestre constitui muitas vezes uma forma de revitalização de antigos caminhos, que com o desenvolvimento dos transportes, por um lado, e o declínio da agricultura e pastorícia, por outro, deixaram de ser usados. O tipo de trabalhos pode ser do mais simples e pouco dispendioso ao mais complexo e de custos avultados. Depois de definido o traçado do percurso, pode incluir acções de desmatização e limpeza, colocação de protecções laterais em passagens menos seguras, construção de pequenas pontes, instalação de áreas de descanso e, evidentemente indispensável, a sinalização.

A sinalização de um percurso pedestre é de extrema importância. Um percurso pedestre bem sinalizado / marcado pode ser percorrido em total segurança sem recurso a mapas ou textos descritivos.

Quadro 1. Marcas utilizadas nos percursos pedestres em Portugal

Percursos pedestres de Pequena Rota			
Caminho certo	Caminho errado	Virar à esquerda	Virar à direita
			
Percursos pedestres de Grande Rota			
			
Cada uma das barras não deve ultrapassar os 12 cm de comprimento e os 3 cm de largura, distando entre si 1 cm.			

Fonte: Elaboração própria, com base em Federação Portuguesa de Campismo, 2000

A marcação de percursos com pintura é bastante frequente e consiste em desenhar marcas definidas e reconhecidas, ao longo de todo o trajecto, que guiam os seus utilizadores, como se de um fácil jogo de pistas se tratasse (quadro 1).

As marcas desenham-se com tinta, de preferência pouco agressiva para o meio ambiente, em locais bem visíveis, como árvores, postes, pedras e outros suportes fixos que existam no percurso, evitando, obviamente, monumentos, edifícios particulares ou outros que não sejam adequados. As marcas, a nível europeu, não são uniformes, variando de país para país quanto às cores e formas utilizadas.

A sinalização pode ser complementada com placas e painéis indicativos e informativos, com o objectivo de fornecer aos utilizadores mais informação sobre o trilho (figura 1).

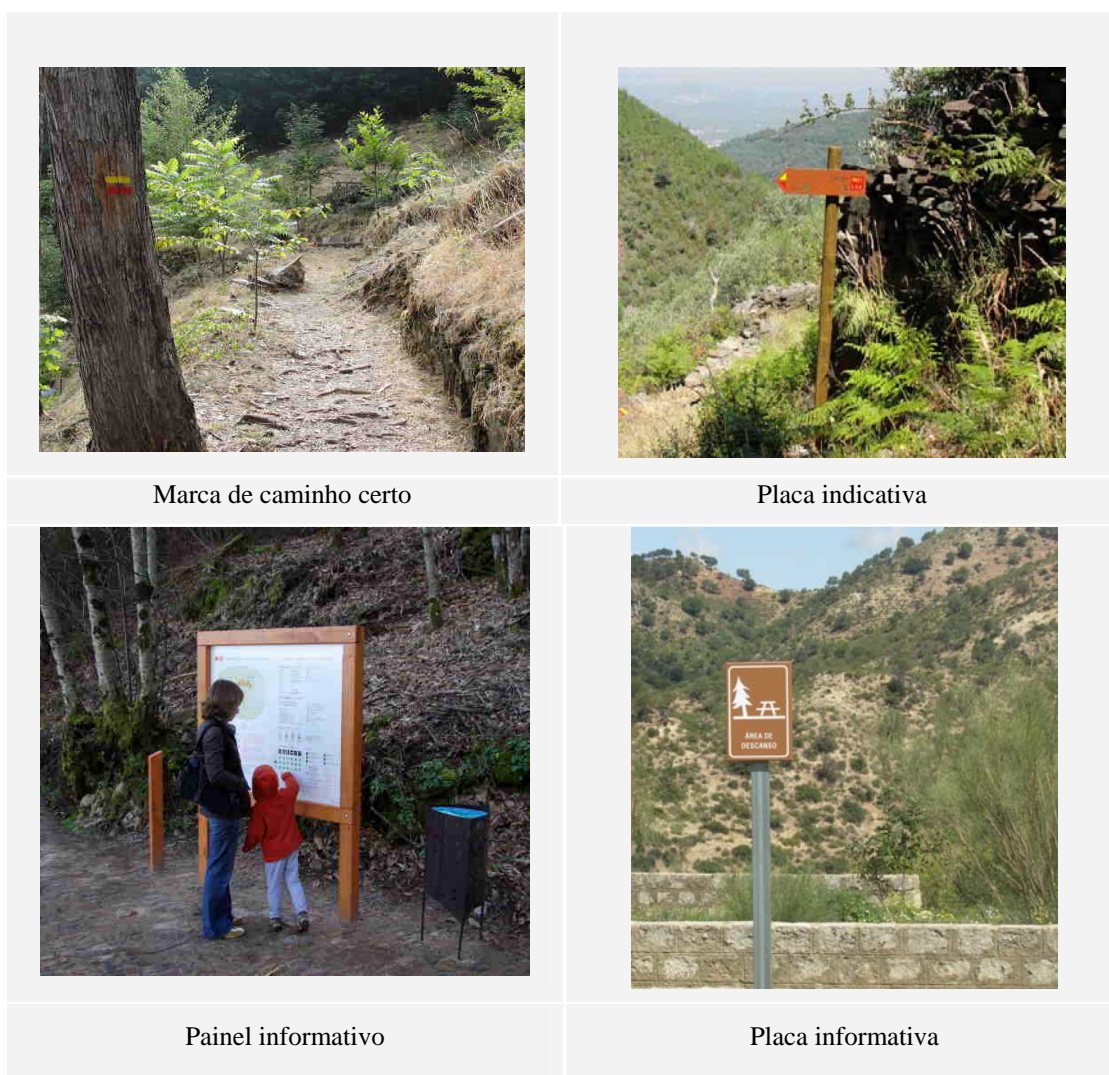


Figura 1. Suportes de sinalização em percursos pedestres

As placas informativas são sinais que prestam informação complementar e não propriamente sobre o percurso em si. Assinalam, por exemplo, locais de acampamento, abastecimento, miradouros, transportes, etc. Geralmente, apresentam forma quadrada, tamanho variável e material resistente ao exterior.

As placas indicativas orientam para determinado ponto de interesse próximo do percurso: um monumento, uma povoação ou um miradouro, por exemplo, indicando a distância. A sua forma é rectangular com um dos lados em forma de “flecha”, indicando a direcção a seguir.

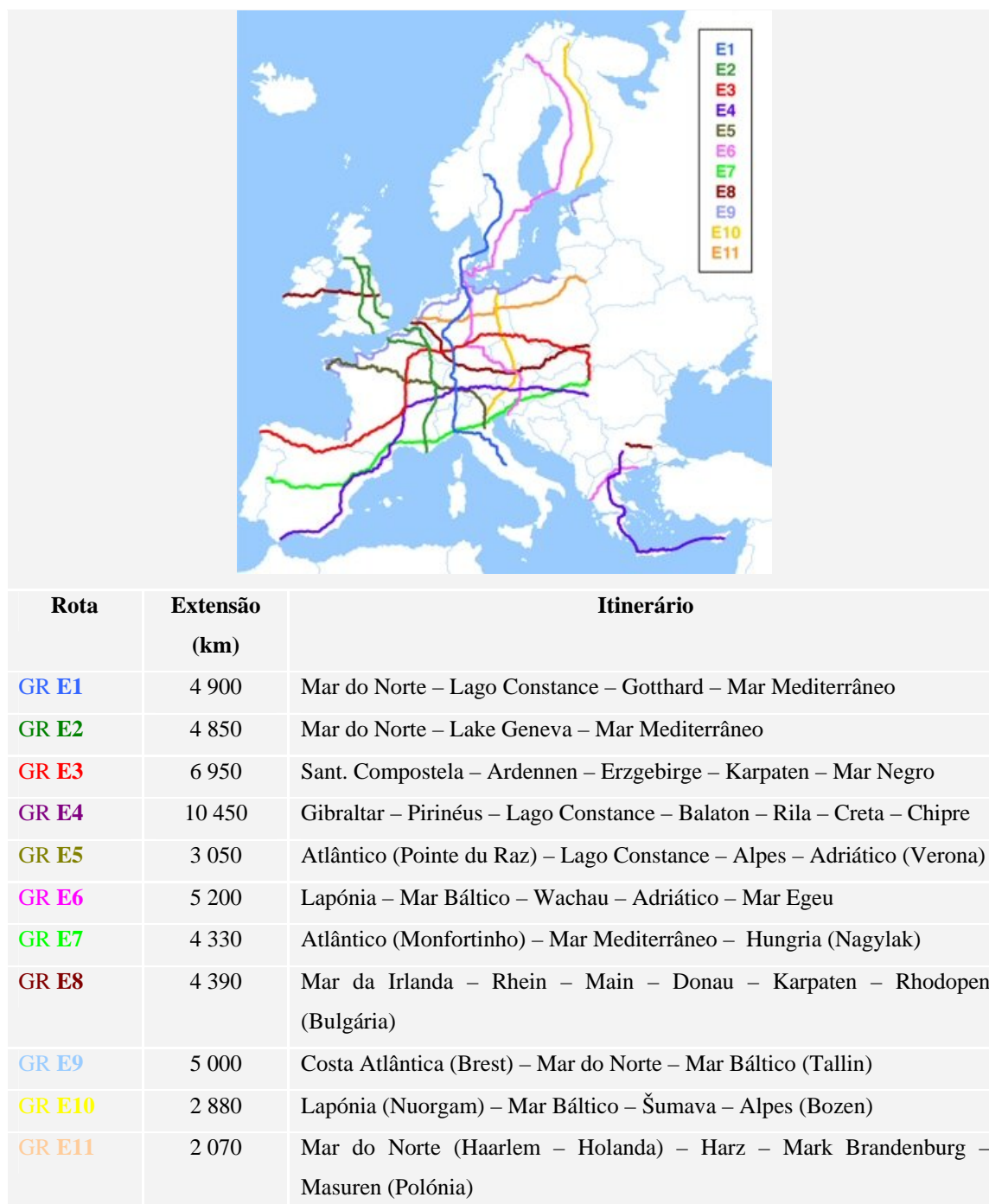
Os painéis informativos encontram-se, habitualmente, no início do percurso, ou em pontos de acesso ao percurso. Contém informação sobre o percurso em si, sobre a área envolvente e outra informação que possa ser útil para o pedestrianista. Assim, pode encontrar-se neste tipo de painéis, em relação ao percurso: mapa ou esquema, distância total, grau de dificuldade, descrição genérica e legenda das marcas utilizadas e entidade responsável; em relação à área envolvente: informação histórica, património natural e cultural, descrição da paisagem, contactos úteis e de emergência / segurança, transportes, locais de alojamento, restaurantes, ou qualquer outra informação considerada oportuna.

A forma e dimensão dos percursos são também variáveis. Quanto à forma, distinguem-se em duas grandes categorias: linear e circular. Num percurso linear, ou aberto, o ponto de partida é diferente do ponto de chegada. O percurso circular, também denominado fechado, como o nome indica, começa e acaba no mesmo ponto, isto é, o ponto de partida e o ponto de chegada são coincidentes. Especificando um pouco mais, podem enumerar-se outras configurações de percursos, além das indicadas, atendendo à forma do seu traçado. Braga (2007) refere ainda as formas em oito, em anéis contíguos, em anéis satélites e em labirinto.

Do ponto de vista prático, sobretudo ao utilizador, interessa saber se o ponto de partida coincide ou não com o ponto de chegada. Assim, na maioria das publicações com informação sobre percursos pedestres, estes aparecem, quanto à forma, classificados nos dois grandes grupos – circular / fechado ou linear / aberto.

Quanto à sua extensão, a oferta abrange uma larga amplitude, podendo dividir-se em dois grandes grupos: os percursos de grande extensão, de itinerância, que atravessam regiões ou mesmo países, que não se percorrem num dia, e os percursos de menor dimensão, que podem ser percorridos numa jornada. Os primeiros são denominados

percursos de Grande Rota (GR) e têm, geralmente uma extensão superior a 30 km. Os segundos são os percursos de Pequena Rota (PR) e a sua extensão não deve exceder os 30 km.



Fonte: *European Ramblers Association*, 2009

Figura 2. Rede europeia de percursos pedestres de Grande Rota

A Europa é atravessada por uma rede de 11 percursos de Grande Rota que se desenvolvem através de vários países, como ilustra a figura 2. Estes percursos identificam-se com a letra “E” seguida do número do percurso.

Estes percursos, que se desenvolvem num total de quase 55 000 quilómetros, constituem eixos de uma imensa rede que integra milhares de quilómetros de percursos locais, de dimensão variável e articulando-se de forma a satisfazer diferentes tipos de utilizadores. Partes destes percursos sobrepõem-se a algumas rotas históricas, como a mítica GR65, o caminho francês de peregrinação a Santiago de Compostela.

Para conhecer e utilizar um percurso em segurança, é necessário que exista informação sobre ele. A informação apresenta-se geralmente em guias, revistas, folhetos e páginas de Internet, disponíveis em livrarias, entidades oficiais de turismo, federações e clubes ou *on-line*. O tipo de informação e forma como é apresentada varia muito de região para região e de país para país. Para a prática de pedestrianismo, de forma independente, é importante a informação cartográfica, actualizada, a uma escala apropriada (1: 50000, 1: 25000, ou mesmo maior, dependendo da extensão do percurso), bem como a identificação do grau de dificuldade, os períodos do ano mais aconselhados ou desaconselhados, a descrição do itinerário, contactos úteis e indicações sobre a marcação do percurso.

A disponibilidade de informação sobre percursos pedestres, em várias línguas, reflecte de certa maneira a maturidade da actividade em determinada região ou país e pode condicionar a sua capacidade de atrair visitantes do exterior para a prática de pedestrianismo.

Alguns países da Europa têm longa tradição na actividade de pedestrianismo, uma vasta rede de percursos sinalizados e bons materiais de divulgação, destacando-se a Áustria, a França, a Alemanha, a Grã-bretanha e a Suíça, como se observa nos dados constantes no quadro I “Características gerais dos percursos pedestres nos países europeus”, em anexo. Países como a Dinamarca, Hungria, Luxemburgo e Suécia, apresentam uma rede de percursos pedestres complementada por abrigos e outros locais de alojamento turístico, permitindo a pernoita dos pedestrianistas ao longo dos itinerários.

De acordo com informação da ERA (2009), na Áustria, Chipre, Dinamarca, França, Grã-bretanha, Islândia, Holanda, Polónia e República Checa, a informação sobre percursos pedestres é disponibilizada pelos organismos oficiais de turismo, demonstrando a importância que o pedestrianismo representa em termos turísticos para estes países.

Noutros casos a informação é disponibilizada por federações, clubes ou publicações de editoras não oficiais.

Certas rotas mais emblemáticas, como as famosas travessias dos Alpes e Pirinéus ou as GR europeias, têm destaque em diversas publicações, editadas em inglês e alemão. Contudo, para a grande parte das redes de percursos existentes na Europa, a informação encontra-se dispersa e apenas disponível na língua do próprio país em que se encontram.

Têm particular importância os percursos de montanha, nomeadamente em termos de promoção exterior, em países como a Áustria, Bulgária, França, Eslováquia, Espanha, Roménia e Suíça e especialmente nas regiões dos Alpes e Pirinéus.

2.3 Práticas de Pedestrianismo

Andar a pé, como actividade de lazer, assume diferentes práticas, de país para país, de região para região, reflectindo diferentes culturas, territórios ou estilos de vida. Por exemplo, se num país como Portugal, caminhar em grupos de 10 ou 15 pessoas é normal, noutros países a dimensão de tal grupo pode parecer excessiva, sendo usual caminhar em grupos de 2 a 4 pessoas.

Em alguns países é prática dominante o passeio de itinerância, ao longo de uma Grande Rota, com a duração de vários dias, noutros, é mais habitual a prática de passeios em percursos mais pequenos, que se percorram em menos de um dia.

A prática varia de acordo com a constituição dos grupos, com o tipo e extensão do percurso, com a duração da actividade, com o grau de exigência, entre outros.

Segundo Kouchner e Lyard (2001), distinguem-se, nomeadamente: o passeio pedestre itinerante do passeio de um dia, o passeio “desportivo”, num terreno acidentado ou com um ritmo desvolto, do simples passeio, designado em França, por exemplo, “pequeno passeio”. Afirmam, neste contexto, que o número de passeantes (ou de “pequenos” caminhantes) é muito mais elevado do que o de caminhantes desportivos ou itinerantes, constituindo o passeio pedestre, para a maioria dos praticantes, uma actividade de lazer e não uma actividade desportiva.

A sua prática dominante corresponde a pequenas saídas (2 a 3 horas de marcha fácil) e passeios em círculo, com regresso ao ponto de partida (Kouchner e Lyard, 2001).

Ainda de acordo com os mesmos autores, não existe um perfil típico do caminhante, uma vez que esta actividade abrange todas as camadas da população. No entanto, pode destacar-se uma presença importante de mulheres (cerca de 50% dos caminhanes na Alemanha e em França), a prática em família, a presença de indivíduos com mais de 50 anos e o facto de os praticantes da marcha e do passeio pedestre pertencerem a estratos sócio-económicos médios e superiores.

As motivações dos praticantes de pedestrianismo encontram-se frequentemente associadas à natureza, a um ambiente considerado intacto, preservado e à contemplação de belas paisagens. A procura do bem-estar físico também se encontra entre as motivações dos caminhanes, principalmente nas mulheres e grupos mais idosos (Kouchner e Lyard, 2001).

A grande maioria (90 a 95%) dos caminhanes pratica esta actividade de forma autónoma, ou seja, sem recorrer a serviços de guia ou transporte, por exemplo, eventualmente associados à prática de pedestrianismo. A percentagem de passeios organizados aumenta sensivelmente quando a actividade se desenrola num país estrangeiro (Kouchner e Lyard, 2001: 9) ou em áreas de maior risco, como áreas remotas, despovoadas e certas áreas de montanha. A dificuldade em obter informação sobre percursos pedestres num país estrangeiro, continua a ser um entrave à realização de viagens, de forma autónoma, para praticar pedestrianismo.

O vasto universo de pedestrianistas subdivide-se em vários grupos de acordo com as suas práticas, determinados, por exemplo, em função da área de residência, da idade, da constituição do grupo (com filhos pequenos, casal sem filhos, grupo de amigos, sozinho), da distância ou grau de dificuldade do percurso.

As federações, clubes e outras organizações, como é o caso, por exemplo da *Fédération Française de la Randonnée Pédestre* (FFRP) (França) e da *Ramblers* (Reino Unido), apresentam programas de passeios pedestres para o público em geral e para segmentos específicos, de acordo com as necessidades e capacidades de cada um, como as famílias com crianças, as pessoas com mobilidade reduzida, os jovens, programas por região, entre outros. Também são organizados eventos de passeios pedestres, merecendo destaque os inúmeros festivais de passeios pedestres no Reino Unido, com programas dedicados a todas as camadas da população, abrangendo todas as idades e áreas geográficas do país.

Quadro 2. Programas de passeios pedestres divulgados pela FFRP e *Ramblers*

“Randonnées solidaires du mercredi”

Percurso pedestre acessível a todos, incluindo deficientes motores que são transportados em *joëlettes*⁴.

Organização: *Rando Côte d'Amour Michel Couëry* (França).

“La Bignonnoise” - 21 de Março de 2010

Percurso pedestre com extensão variável consoante os níveis, com partida e chegada no mesmo local.

Percurso 1 – extensão 25 Km. Início: Bignon, 7h30.

Percurso 2 – extensão 12 Km. Início: Bignon, 8h30.

Percurso 3 – extensão 7 Km. Início: Bignon, 9h00.

Organização: *Rand'Ognon*.

“Festival of Winter Walks” – 26 de Dezembro de 2009 a 3 de Janeiro de 2010

Mais de 300 passeios em Inglaterra, Escócia e País de Gales; Passeios temáticos “*Cake Walks*”; mais de 100 passeios para a faixa etária dos 20 aos 30 anos.

Organização: *Ramblers*.

“Films on Foot 09” – 14 de Outubro a 1 de Novembro de 2009

Programa de 9 passeios, guiados, nos locais de Inglaterra mais filmados no cinema.

Organização: *Ramblers* e *Times BFI 53rd London Film Festival*.

“Ramsley Moor circular” – 1 de Novembro de 2009

Distancia: cerca de 8 km; grau de dificuldade: fácil; indicado para famílias com crianças e cadeiras de rodas.

Organização: *Ramblers - Chesterfield & North East Derbyshire Group*.

Fonte: FFRP e *Ramblers*, 2009

Os exemplos apresentados (quadro 2) ilustram o tipo de actividades de passeio pedestre que são organizadas em França e no Reino Unido. Os calendários e programas de actividades apresentados nas páginas de Internet da FFRP e *Ramblers* são muitíssimo completos e variados, atestando a expressão que a actividade tem nestes países e o esforço destas entidades para fazerem crescer ainda mais o número de pedestrianistas.

O acto de andar a pé, em percursos pedestres, está muito associado a um estilo de vida saudável, não só pelo exercício físico em si, mas também pelo convívio social e por ser uma actividade que se pratica ao ar livre, preferencialmente em contacto com a

⁴ Uma *joëlette* é uma espécie de maca, com um acento e uma roda, onde a pessoa a ser transportada vai sentada em vez de deitada. A roda ajuda ao seu transporte. É um objecto que permite transportar pessoas com deficiências motoras em trilhos pedestres, mesmo em montanha.

natureza. Embora seja praticado em qualquer tipo de meio, do mais natural ao mais urbano, é com os espaços mais naturais que o pedestrianismo tem maior relação.

Os territórios de montanha, pela sua especificidade, tiveram e continuam a representar um papel importante no desenvolvimento do pedestrianismo. Os Alpes, os Pirinéus e os Picos da Europa são destinos de referência, com uma ampla oferta de possíveis percursos pedestres, com bons suportes de informação, traduzidos em várias línguas, serviços de guia, e estruturas de apoio, como alojamento e abrigos, nas proximidades dos percursos.

Algumas das principais especificidades dos territórios de montanha, que influenciam a sua importância como cenário de actividades de lazer, estão relacionadas com a diversidade e riqueza ecológica e cultural e a beleza cénica, determinadas pelas suas características geográficas, particularmente o relevo.

Também, os condicionalismos geográficos, salvo raras excepções, determinam que estes territórios sejam atingidos pelo isolamento, êxodo e envelhecimento da população, bem como por transformações nos sistemas de produção dominantes, antes associados, essencialmente, à agropecuária e à exploração florestal. Estes factores, agravados ainda pela erosão dos solos, uma gestão deficiente do património florestal e a acção destruidora dos fogos, ameaçam a viabilidade e sustentabilidade dos modelos existentes (Cavaco, 2005, citado por Borges e Lima, 2006). A procura de formas alternativas de desenvolvimento dos territórios de montanha tem levado à adopção de estratégias que incluem o turismo como parte de uma solução para revitalizar estas áreas.

2.4 Turismo de Passeio Pedestre

Como referem Kouchner e Lyard (2001: 5), “ignorado ou subestimado durante muito tempo, o turismo de passeio pedestre é hoje considerado como um desafio ao desenvolvimento local. Sendo actualmente uma actividade muito divulgada entre a população dos países europeus, o passeio evolui, passando da categoria de um lazer informal para uma verdadeira acção turística, potencialmente geradora de benefícios a nível local.”

O passeio pedestre, cada vez mais presente nos hábitos de lazer da população europeia, tem assumido uma importância crescente também ao nível da revitalização de espaços, nomeadamente rurais, naturais e de montanha, turísticos ou não, onde novos produtos turísticos se apresentam como alternativa de desenvolvimento, face ao declínio das actividades e/ou ofertas tradicionais.

Embora cerca de 80% dos turistas⁵ não vão de férias para praticar uma actividade específica, pelo menos metade participa numa actividade de ar livre no destino (Mintel, 1998, citado por Tribe, Font, Griffiths, Vickery, Yale, 2000). Os percursos pedestres assumem assim importância no destino, como uma oferta complementar capaz de enriquecer a experiência dos turistas durante a sua estada. Por outro lado, parece que suscitam um elevado grau de fidelidade por parte dos praticantes. Isto significa que a ausência de oferta de passeios pedestres será dissuasiva, aos olhos dos amadores desta prática, mesmo em relação a um território de qualidade (Kouchner e Lyard, 2001).

É de referir que os percursos pedestres assumem importância como forma de complementar a experiência do turista num determinado destino, ao constituírem mais uma oferta de actividade em que o turista pode participar, mas também podem assumir o papel principal no produto turístico e constituírem a razão da deslocação ao destino.

De acordo com Cunha (2006), a oferta turística, e, em particular, alguns dos seus elementos integrantes, só é objecto de procura quando englobada num produto concreto criado para responder a necessidades concretas do mercado turístico.

“Para o turista, o produto engloba toda a experiência – desde o momento em que ele sai de casa até ao momento em que ele volta”(Medlik e Middleton (1973), citados em Middleton e Clarke, 2002: 131). De acordo com os autores citados, o produto turístico integra assim como componentes principais: as atracções, as instalações e serviços no destino e as acessibilidades ao destino.

Nesta linha de ideias, mais do que um simples caminho, o que o turista de passeio pedestre “consome” é com efeito uma região, com as suas paisagens e a sua identidade,

⁵ Um turista é qualquer pessoa que viaja para qualquer lugar fora do seu ambiente habitual por menos de 12 meses consecutivos e cujo motivo principal da visita não seja o de exercer uma actividade profissional remunerada no local visitado e que aí permanece, pelo menos, uma noite. De acordo com a Organização Mundial de Turismo (2010) “*tourism comprises the activities of persons travelling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business and other purposes*”.

itinerários adaptados, serviços e um acolhimento antes, durante e depois do seu passeio (Kouchner e Lyard, 2001).

Os produtos turísticos baseados no passeio pedestre, disponíveis para compra *on-line*, não são escassos. As agências de viagens e operadores generalistas, que vendem programas diversos, raramente apresentam ofertas de produtos de passeio pedestre, pelo menos no nosso país. No entanto, existem operadores especializados neste tipo de produto que organizam programas de vários dias de caminhadas em diferentes destinos do globo.

Os produtos de Turismo de Passeio Pedestre podem assumir diferentes configurações:

- Férias com tudo incluído: o operador organiza os transportes, alojamento, refeições e serviço de guia para as caminhadas diárias. Geralmente para se realizarem, exigem um número mínimo de participantes;
- Férias auto-guiadas: o operador faz a reserva de alojamento e fornece ao cliente mapas, guias, roteiros e toda a informação e conselhos necessários para que este possa percorrer, de forma autónoma, um conjunto de percursos no destino; pode haver mudança de alojamento e, neste caso, normalmente existe serviço de transporte de bagagens; nestes programas é exigido um número mínimo de dois participantes;
- Férias itinerantes: consistem em percorrer um itinerário, ao longo de vários dias, mudando de alojamento todas as noites. Podem ser guiadas ou auto-guiadas. Incluem, geralmente, o transporte de bagagens entre os alojamentos;
- Férias centradas num local de alojamento, com saídas diárias para percursos diferentes, ou para pontos diferentes de um grande itinerário. Incluem o transporte diário do alojamento para o local de início do percurso e regresso. Normalmente são passeios guiados, mas também podem ser auto-guiados.
- Serviços individuais: alguns operadores vendem serviços avulsos, a pedido do cliente, como por exemplo reserva de alojamento, guias locais no destino ou transporte de bagagens entre pontos de um itinerário definido pelo cliente.

Os destinos são muitos. Encontram-se programas para os quatro cantos do mundo. Os destinos de montanha como os Alpes, os Pirinéus, os Picos da Europa, os Atlas, os Himalaias ou os Andes são destinos de eleição para este tipo de produto turístico.

Como exemplo, apresentam-se três programas oferecidos por operadores europeus, especializados em Turismo de Passeio Pedestre (quadro 3).

Quadro 3. Programas de Turismo de Passeio Pedestre

<p><i>Adventureline Walking Holidays</i> (RU)</p> <p><i>Morocco Trek</i></p> <p><i>Jebel Sarhro Range, Anti Atlas Mountains, South Eastern Morocco</i></p> <p>3 a 17 de Abril de 2010. €912.</p> <p>15 dias, percorrendo a pé um itinerário de montanha, entre os montes Atlas e o deserto do Sahara. As dormidas e refeições são feitas ao longo do itinerário, em acampamentos. O preço inclui o transporte em <i>minibus</i> de Marraquexe para o local de início do percurso e regresso, guias locais, dormidas e refeições, transporte de bagagens, dormida em tendas e refeições ao longo do percurso.</p>
<p><i>La Pélerine</i> (França)</p> <p><i>Les Balcons d'Azur - en traversée liberté</i></p> <p>17 de Setembro de 2009 a 31 de Dezembro de 2009; mínimo 2 participantes; €530.</p> <p>7 dias, 5 dos quais percorrendo a pé um itinerário, de forma autónoma (sem guia), com alojamento em hotéis. O preço inclui o alojamento em quarto duplo, em regime de meia-pensão, transporte de bagagens e informação detalhada sobre o percurso.</p>
<p><i>A2Z Adventures</i> (Portugal)</p> <p><i>Trekking - Patagonia Expedition</i></p> <p>22 de Novembro a 9 de Dezembro de 2009; €1590.</p> <p>Programa de 18 dias, incluindo 6 dias de marcha (6 a 8 horas de marcha diária).</p> <p>Inclui 1 guia bilingue, transporte de bagagens, alojamento (hotéis, <i>hostels</i> e acampamento) e refeições.</p>

Fonte: *Adventureline*, *La Pélerine* e *A2Z Adventures* (2009)

A generalidade da oferta de produtos turísticos que têm por base o passeio pedestre, levam os seus participantes a conhecer áreas de paisagens de elevada qualidade, costumes e tradições das regiões visitadas, oferecendo serviços altamente especializados e um certo grau de exclusividade. O nível e tipo de serviços varia de programa para programa. Por exemplo, no que diz respeito ao alojamento, todas as fórmulas e tipologias são permitidas: o hotel, o turismo rural, o acampamento, ou os abrigos de montanha, podendo mesmo acontecer um pacote incluir uma noite num hotel, outra noite num abrigo de montanha e outra noite num turismo rural. No desenho do produto de passeio pedestre, o elo central são os percursos. O alojamento e refeições, salvaguardando a qualidade e autenticidade,

são os que satisfazem melhor as condições de usufruto dos percursos e variam muito consoante o destino.

Pela sua relação com o território e com o meio natural a maioria destes programas enquadra-se no âmbito do Turismo de Natureza, onde, por definição, a motivação principal é a de “viver experiências de grande valor simbólico, interagir e usufruir da Natureza” (THR, 2006).

Na esfera do turismo de Saúde e Bem-estar, em que a principal motivação do turista é “recuperar o bem-estar físico e psíquico” (THR, 2006), existe uma crescente oferta de programas “*Jeûne et Randonnée*” (Jejum e Passeio Pedestre), que associam dietas de jejum com passeios pedestres. O conceito pouco divulgado no nosso país, oriundo da Alemanha, na década de 1980, onde os tratamentos através de jejum terapêutico são apoiados pela segurança social, e com alguma difusão em França, enquadra-se no movimento das medicinas alternativas que visam tratar cada indivíduo na sua globalidade (corpo e espírito), utilizando produtos naturais (Bolling, 2009).

Actualmente, existe ampla oferta de estágios “Jejum e Passeio Pedestre”, destinados a pessoas saudáveis, para os mercados alemão e francês, cobrindo destinos no mundo inteiro. Os programas apresentam-se com uma duração mínima de 1 semana e associam caminhadas diárias, uma dieta especial, meditação e exercícios mentais. Em França, cerca de dois terços dos participantes nestes programas são mulheres; a média de idades é 44 anos. O preço médio de um programa de 7 dias é de 400 €, excluindo o alojamento, cujo preço pode variar entre os 50 € e os 500 € por semana (Bolling, 2009).

A título de exemplo, apresenta-se um programa de “Jejum e Passeio Pedestre” (quadro 4).

Quadro 4. Programa “Jejum e Passeio Pedestre”

<i>Graine d'Énergie</i> (França)
<i>Stage Jeûne et Randonnée - Pays Basque</i>
7 dias, 9 a 15 de Janeiro de 2010, País Basco (Saint Pée sur Nivelle, França), €590.
Inclui alojamento em quarto duplo, dieta à base de líquidos, fruta e vegetais, técnicas de relaxamento, aprendizagem sobre higiene alimentar e passeio pedestre diário de cerca de 3 horas.

Fonte: *Graine d'Énergie*, 2009

O Turismo de Natureza e o Turismo de Saúde e Bem-estar, de acordo com o Plano Estratégico Nacional de Turismo (2007), fazem parte do conjunto de 10 produtos turísticos estratégicos para Portugal, definidos tendo em conta as características do país e o potencial de crescimento do mercado.

Havendo condições para o desenvolver, o turismo de passeio pedestre, enquadrado sobretudo no âmbito do Turismo de Natureza, poderá constituir um produto a incrementar no país, com impactos importantes para alguns destinos internos, seja ao nível da sua revitalização, seja ao nível da sua afirmação como destinos turísticos. As regiões definidas como prioritárias para o desenvolvimento do Turismo de Natureza são os Açores, a Madeira, o Porto e Norte e o Centro (PENT, 2007).

3. Pedestrianismo e Percursos Pedestres em Portugal

3.1 Pedestrianismo: praticantes e lugares

“Walking for pleasure has never been a popular Portuguese pastime, and visiting hikers will be seen as a little soft in the head. Perhaps the Portuguese have been too engrossed in looking for overseas treasures to pay much attention to potential discoveries closer to home.” (Bethan e Cole, 2000: 2)

O pedestrianismo em Portugal, como actividade de lazer com alguma popularidade, é recente. A actividade esteve, durante muito anos, ligada a grupos de montanha e de actividades de ar livre. Só a partir da década de 1990 é que se começam a divulgar normas de marcação e são sinalizados os primeiros percursos pedestres, impulsionando o desenvolvimento da actividade. Nesta altura, começam a surgir as primeiras publicações de divulgação de percursos pedestres. Os principais promotores de percursos e dinamizadores de actividades de pedestrianismo são, inicialmente, os clubes. Numa fase posterior, as câmaras municipais, juntas de freguesia e associações de desenvolvimento assumem um importante papel na promoção da actividade, através da implementação de novos percursos pedestres e da organização de actividades. Hoje é comum encontrar grupos de caminhantes a percorrerem trilhos, um pouco por todo o país.

O número e características do pedestrianista português não são conhecidos. De uma análise exploratória ao mercado de trilhos pedestres, Rodrigues (2006), apresenta conclusões que permitem aferir algumas características do pedestrianista em Portugal, nomeadamente ao fazer a distinção entre “o pedestrianista” e “o não pedestrianista” e entre “o pedestrianista português” e o “pedestrianista estrangeiro”. Os resultados são baseados na análise de 300 inquéritos respondidos por pedestrianistas e não pedestrianistas (100 não pedestrianistas, 100 pedestrianistas portugueses e 100 pedestrianistas estrangeiros), em centros comerciais (os não pedestrianistas) e em trilhos no Gerês, Serra da Estrela, S. Jacinto, Bussaco e Borba (os pedestrianistas). Os inquiridos de nacionalidade estrangeira provêm de França (54%), Holanda (11%), Alemanha (9%) e Inglaterra (9%).

Quadro 5. Diferenças entre pedestrianistas e não pedestrianistas

Pedestrianistas	Não pedestrianistas
Jovens e adultos.	Mais idosos.
Nível escolar mais elevado.	Nível escolar menos elevado.
Exercem profissões ligadas a quadros superiores.	Exercem profissões ligadas ao comércio e indústria.
Preferem uma paisagem com pontos elevados.	Preferem uma paisagem com água.
Sentem a natureza mais como um elemento de aventura.	Olham para a natureza como algo aborrecido.
No quotidiano, apresentam um comportamento mais responsável a nível ambiental.	Não se preocupam tanto com a preservação do ambiente, no quotidiano.
No quotidiano caminham com mais regularidade.	No quotidiano, caminham menos.
No geral, viajam para “escapar à vida quotidiana”.	No geral, viajam para “visitar familiares e amigos”.
Durante as férias gostam de visitar locais em que o contacto com a natureza se torna um elemento privilegiado.	Durante as férias, desenvolvem mais actividades ligadas ao turismo urbano e ao “sol e praia”.
Preferem trilhos afastados de centros urbanos e possuem uma menor tolerância ao factor “crowding”, não gostando de locais com fraca vegetação e descaracterizados.	Para desfrutar um trilho pedestre preocupa-se bastante com a segurança e com a existência de serviços de apoio.

Fonte: Adaptado de Rodrigues, 2006

A principal diferença entre pedestrianistas e não pedestrianistas, segundo os elementos apresentados, está relacionada com a atitude face à natureza. O pedestrianista, ao contrário do não pedestrianista, é um amante da natureza e vê nela uma forma de escape à vida quotidiana. Para o pedestrianista a natureza é vista como um elemento de aventura, enquanto que o não pedestrianista a encara com algum desinteresse e mesmo como um espaço de certa insegurança (quadro 5).

O pedestrianista estrangeiro, de acordo com os elementos apresentados (quadro 6), tem uma maior sensibilidade em relação à natureza, às questões de responsabilidade ambiental e maior experiência na fruição dos espaços naturais e prática de pedestrianismo.

O comportamento relativo à procura de informação, recurso a operadores turísticos ou agências de viagens, preferência por alojamentos oficiais, utilização de viatura alugada e gastos mais elevados nas proximidades do trilho, mais acentuado no

pedestrianista estrangeiro, é normal num turista que se encontra num país diferente do seu, que conhece mal (quadro 6).

Quadro 6. Diferenças entre pedestrianistas portugueses e pedestrianistas estrangeiros

Pedestrianistas portugueses	Pedestrianistas estrangeiros
Durante as férias, desenvolvem com mais regularidade actividades ligadas a paisagens litorais e ao meio urbano.	Durante as férias, procuram desenvolver actividades com um âmbito cultural activo e ligado à natureza.
No quotidiano, apresentam uma menor preocupação com o meio ambiente.	No quotidiano, apresentam uma maior preocupação com a preservação do meio ambiente.
Recorrem com mais frequência a fontes de informação informais.	Recorrem, com mais frequência, a fontes de informação formais.
Utilizam automóvel próprio ou de familiares e amigos, com mais frequência.	Utilizam, com mais frequência, viaturas alugadas.
Recorrem com menos frequência a agências de viagens e operadores turísticos.	Recorrem, com mais frequência, a agências de viagens e operadores turísticos.
Recorrem menos ao alojamento oficial.	Utilizam, com mais frequência, alojamento oficial.
Efectuam gastos menores no local.	Efectuam gastos mais elevados na área do trilho.
Gostam de ser acompanhados por guias quando estão a frequentar um trilho pedestre.	Apresentam uma maior autonomia e espírito de aventura quando frequentam um trilho pedestre.
	Apresentam uma capacidade de carga social menor.

Fonte: Adaptado de Rodrigues, 2006

Analisando os resultados expostos, em conjugação com outros dados apresentados no referido estudo, é possível sintetizar um perfil, ainda que pouco rigoroso e completo, do pedestrianista português (quadro 7).

Da síntese efectuada, ressalta uma vez mais a forte ligação à natureza, no perfil do pedestrianista português. Embora esta seja uma característica expectável nos praticantes desta actividade, que está bastante relacionada com os espaços naturais, é preciso ter em conta que todos os inquéritos foram feitos em espaços de elevado interesse natural, o que poderá ter condicionado, de certa forma, o resultado.

O recurso a fontes de informação informais sobre os trilhos e a realização da actividade sem organização prévia acentuam o carácter informal da actividade de pedestrianismo. Contudo, também é referido que os pedestrianistas portugueses gostam

de ser acompanhados por guias quando estão a frequentar um trilho pedestre. A presença do guia já pressupõe algum nível de organização. De facto, os passeios pedestres organizados têm assumido uma frequência crescente, confirmando o aumento de apetência por esta actividade.

Quadro 7. Perfil do pedestrianista português

Jovem e adulto.
Nível escolar elevado.
Profissões associadas a quadros superiores.
Comportamento responsável a nível ambiental.
Preferência por paisagem com pontos elevados.
Apreciam o contacto com a natureza e sentem-na mais como um elemento de aventura.
Preferem trilhos afastados de centros urbanos.
Não gostam de locais com fraca vegetação e desarborizados.
No geral, viajam para “escapar à vida quotidiana”.
Durante as férias gostam de visitar locais em que o contacto com a natureza se torna um elemento privilegiado.
Recorrem a fontes de informação informais sobre os percursos, nomeadamente “recomendações de familiares e amigos”.
Utilizam automóvel próprio ou de familiares e amigos.
Gostam de ser acompanhados por guias quando estão a frequentar um trilho pedestre.
As principais motivações estão ligadas ao desfrute da natureza: “observar a beleza paisagística”, “respirar ar puro” e “desfrutar da natureza”.
Praticam o pedestrianismo acompanhados, maioritariamente por amigos ou pelo cônjuge.
Efectuam a actividade sem organização prévia.
Mostram preferência por ficar alojados em parques de campismo.
Gastos entre 0,1 a 10 euros e 10,1 a 25 euros.

Fonte: Elaboração própria com base em Rodrigues, 2006

Contribuem de forma notória para a prática de pedestrianismo os clubes, associações, câmaras municipais e outras entidades que promovem actividades, numa perspectiva não comercial, para os seus membros, associados e público local. Os objectivos associados à promoção deste tipo de actividades, por entidades com fins não comerciais, serão essencialmente os relacionados com o desporto em si e com o convívio, com a promoção de modos de vida saudável e com a promoção de um território, de características físicas e humanas específicas.

O *blog* Pedestrianismo e Percursos Pedestres⁶, talvez o mais difundido entre organizadores e praticantes, reúne e divulga, desde 2006, informação sobre actividades de pedestrianismo programadas, a nível nacional, por clubes, associações, câmaras municipais e outras entidades. Disponibiliza um calendário com actividades de pedestrianismo organizadas por 95 clubes/grupos, 82 câmaras municipais e juntas de freguesia e 60 associações e outras entidades locais, regionais e nacionais, cobrindo a totalidade do território nacional (quadro 8). Estas actividades consistem em caminhadas com duração inferior a um dia, temáticas ou não.

Quadro 8. Entidades promotoras de actividades de pedestrianismo, por região, em 2008 e 2009

Região	Clubes	C. Mun. Juntas Freg.	Associações e outros	Total
Norte	37	15	14	66
Centro	17	20	13	50
Lisboa e V. do Tejo	24	24	14	62
Alentejo	8	13	5	26
Algarve	0	7	4	11
Açores	2	2	4	8
Madeira	7	1	2	10
Nacional	0	0	4	4
	95	82	60	237

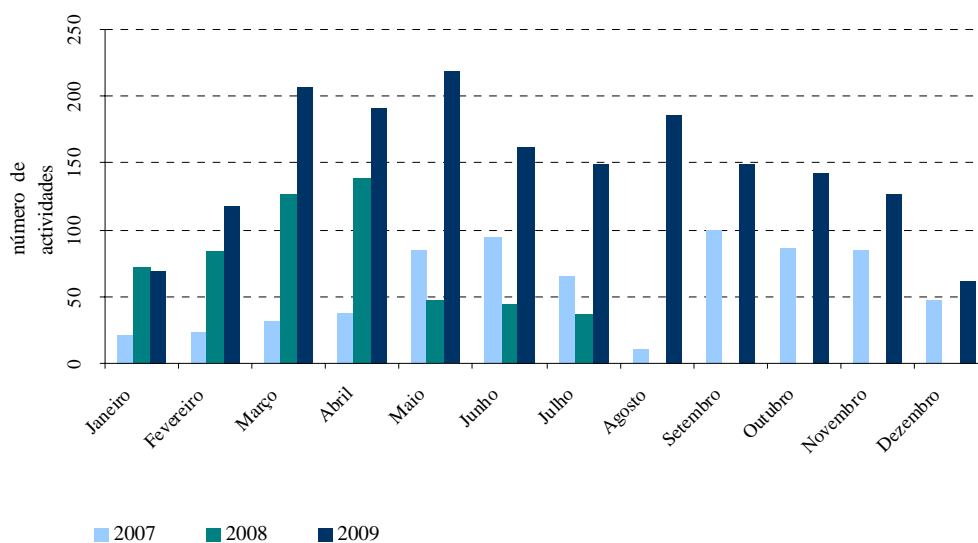
Fonte: Elaboração própria, com base em informação do Pedestrianismo e Percursos Pedestres,
Dezembro de 2009

Em todo o país existem mais de 200 entidades a programar actividades de pedestrianismo, sem fins comerciais. São clubes desportivos e recreativos, câmaras municipais e juntas de freguesia, associações recreativas, culturais e de desenvolvimento e organizações de âmbito nacional, ligadas à protecção da natureza.

As regiões Norte, Lisboa e Vale do Tejo, são as regiões do país que apresentam maior dinâmica na organização de actividades de pedestrianismo.

⁶ <http://pedestrianismo.blogspot.com/> (10-12-2009).

Para o ano de 2009, são apresentadas 1780 actividades programadas. Considerando que as actividades ocorrem geralmente ao fim-de-semana, em média realizam-se cerca de 34 actividades por fim-de-semana, em todo o país e ao longo de todo o ano (quadro II).



Fonte: Elaboração própria, com base em informação de Pedestrianismo e Percursos Pedestres, Dezembro de 2009

Figura 3. Número de actividades de pedestrianismo, por mês, em 2007, 2008 e 2009⁷

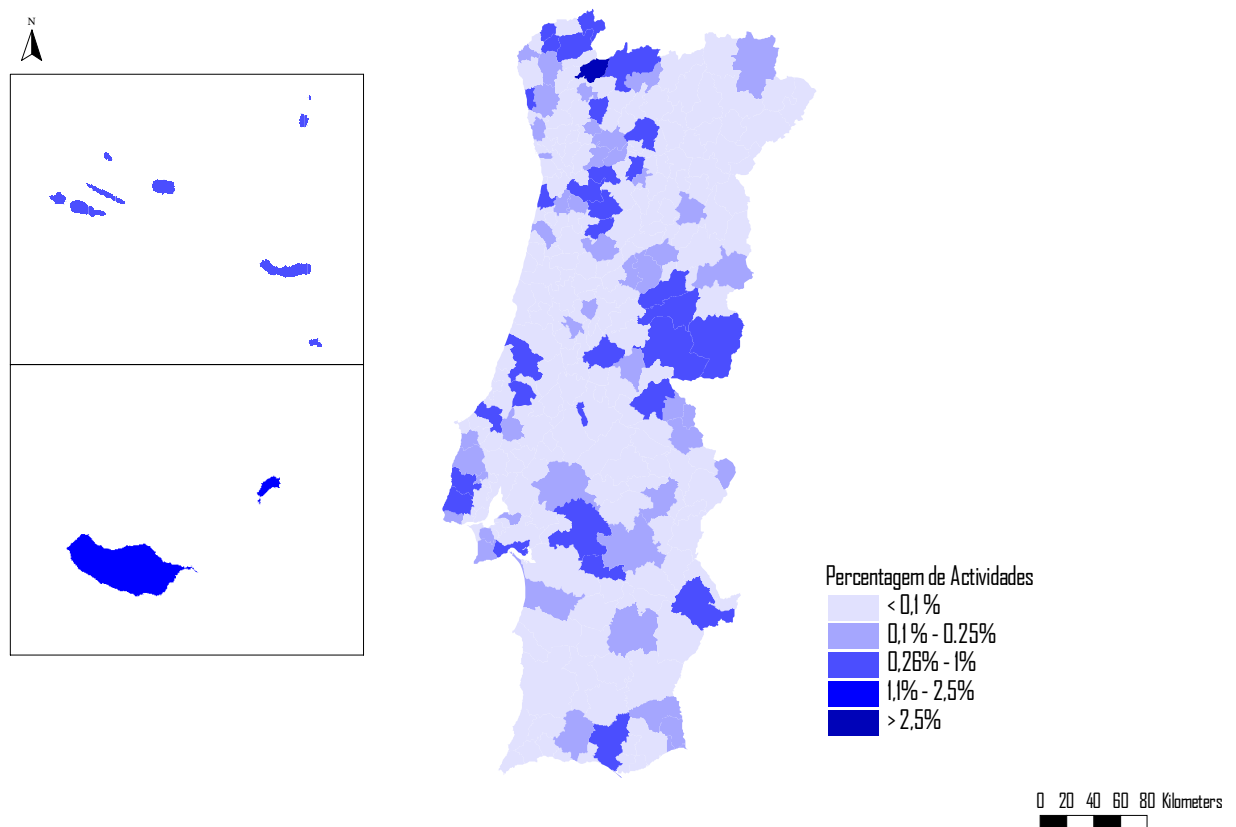
Comparando o ano de 2007 e o ano de 2009, nota-se um crescimento bastante elevado do número de actividades programadas ao longo de todo o ano e em todos os meses (figura 3). O crescimento do número de actividades calendarizadas, entre o ano de 2007 e o ano de 2009, foi de 61%. Merece particular destaque o mês de Agosto, que em 2007 contou com 11 actividades calendarizadas, tendo sido o mês mais fraco desse ano, e em 2009 representou um dos melhores meses do ano com 186 actividades programadas. Muitas destas actividades, programadas para o mês de Agosto de 2009, são caminhadas nocturnas. A possibilidade de realizar passeios nocturnos permite

⁷ Não existem dados disponíveis para o período de Agosto a Dezembro de 2008.

contrariar a sazonalidade provocada pelas condições climáticas dissuasoras dos meses mais quentes do ano.

Fazendo uma avaliação do que o pedestrianismo representa em Portugal, considerando o número de actividades programadas por diversas entidades, pode afirmar-se que, como actividade de lazer, o pedestrianismo tem uma importância significativa, ocorrendo com crescente regularidade em todo o território nacional.

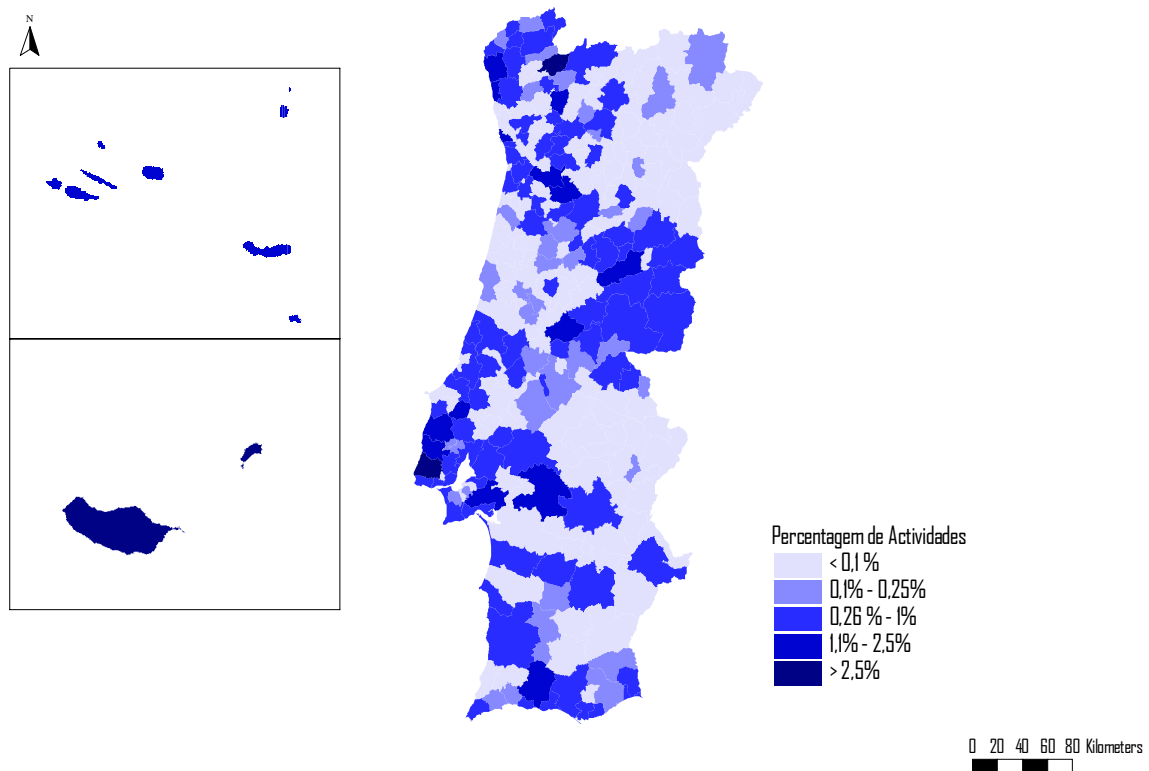
As figuras 4 e 5 mostram a distribuição das actividades programadas para os anos 2007 e 2009, respectivamente, sendo notório o seu crescimento de um ano para o outro. Os valores anuais representam a percentagem de actividades organizadas por concelho, face ao total de actividades a nível nacional.



Fonte: Elaboração própria, com base em Pedestrianismo e Percursos Pedestres, Dezembro de 2009

Figura 4. Actividades programadas por concelho, em 2007

Em relação ao ano 2008, não são conhecidas as actividades programadas entre Julho e Dezembro, pelo que os dados deste ano, não são comparáveis com os de 2007 e 2009. No entanto, supõe-se que o crescimento de actividades programadas, entre 2007 e 2009, tenha sido um crescimento progressivo.



Fonte: Elaboração própria com base em Pedestrianismo e Percursos Pedestres, Dezembro de 2009

Figura 5. Actividades programadas por concelho, em 2009

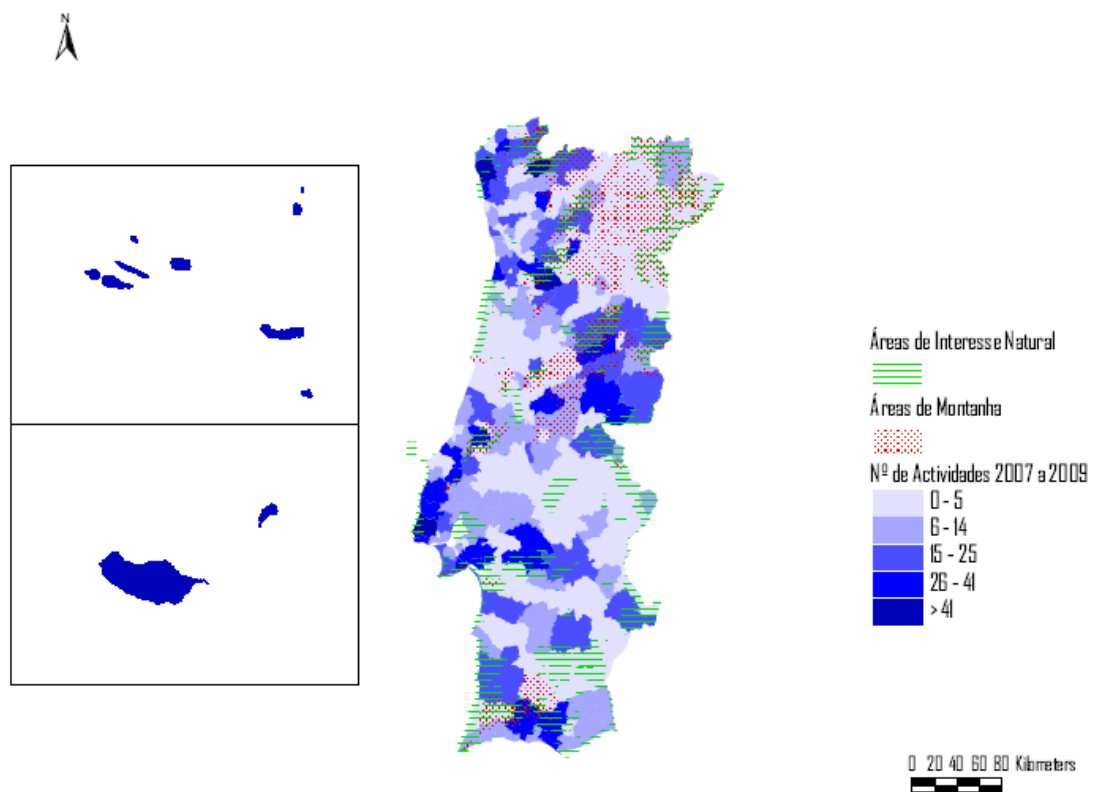
No ano de 2007 sobressai o concelho de Terras de Bouro, no Parque Nacional Penêda Gerês, com o maior número de actividades de pedestrianismo organizadas.

A figura 4, relativa ao ano de 2007, realça algumas áreas do território nacional, como a área junto ao Parque Nacional da Penêda Gerês, a região da Serra da Freita, o concelho de Idanha-a-Nova e área envolvente, os concelhos que integram as Serras de Aire e Candeeiros, a Serra de Sintra e o Litoral da região de Lisboa, os concelhos de Montemor-o-Novo e Évora e os concelhos de Loulé, Tavira e Alcoutim, no Algarve.

A figura 5 ilustra o forte crescimento de actividades programadas no ano de 2009, em relação ao ano de 2007. As áreas iniciais alargaram-se, expandindo-se para os concelhos vizinhos. É assinalável um aumento significativo do número de actividades de pedestrianismo organizadas, em particular, no Noroeste, na Beira Interior, no eixo litoral Leiria – Lisboa – Setúbal, no Sudoeste Alentejano e no Algarve.

Neste período, destaca-se não só o crescimento das actividades de pedestrianismo no continente, mas também na Madeira e Açores, que em 2009, são das áreas que apresentam maior número de actividades organizadas.

Para concluir, a figura 6 relaciona a distribuição territorial das actividades de pedestrianismo com a existência de áreas de elevado interesse natural e as principais áreas de montanha de Portugal continental. Verifica-se a preferência dos pedestrianistas pelas paisagens de montanha e áreas de grande interesse natural.



Fonte: Elaboração própria com base em Pedestrianismo e Percursos Pedestres, 2009 e Agência Portuguesa do Ambiente, 2010

Figura 6. Pedestrianismo (2007-2009), áreas de montanha e áreas de interesse natural

3.2 Percursos Pedestres: expressão territorial

“A sudoeste da Europa, banhado pelo Atlântico e separado do resto do continente pela imensidão das Espanhas, o território continental português, apesar da sua modesta superfície, é bem sinónimo de diversidade. Relevo, exposição e latitude, a que se podem acrescentar a variedade vegetal e animal, proporcionam uma permanente mutação de cenários, evitando ao viajante o confronto com a monotonia. (...) Porém Portugal não se resume ao seu espaço continental, mar adentro, os Arquipélagos dos Açores e Madeira são um imenso repositório de formas de vida e usos que evoluíram em contextos diferentes” (ICN, 2000: 7).

O prefácio, do qual aqui se transcreve um excerto, de um dos muitos guias de percursos pedestres em Portugal, que começaram a surgir a partir da década de 1990, acentua a diversidade do nosso país como mote para partir a pé à descoberta das suas paisagens e habitats. Este guia, editado no ano 2000 pelo Instituto de Conservação da Natureza, oferece propostas de passeios pedestres na Rede Nacional de Áreas Protegidas.

Existem muitos outros guias de percursos pedestres em Portugal, uns de âmbito nacional outros de âmbito regional, que descrevem, com diferentes graus de detalhe entre si, percursos pedestres de localização, extensão, forma e grau de dificuldade variáveis. Contudo, muitas destas edições apresentam um carácter algo efémero, dada a quantidade reduzida de exemplares produzidos ou a distribuição muito restrita, no espaço e no tempo, como efémeros são alguns dos percursos nelas descritos, por nunca terem sido marcados no terreno ou não terem tido adequada manutenção, factores que contribuíram para o seu desaparecimento. Em poucos anos, em caminhos com pouco uso, a vegetação não contrariada cresce, levantando obstáculos intransponíveis, votando os percursos ao abandono.

É impressionante a quantidade de percursos pedestres que aparecem descritos em livros, folhetos e suportes digitais, dispersos por várias fontes e que podemos encontrar em livrarias, postos de turismo, associações, Internet, entre outros. À medida que se começa a pesquisar, vão aparecendo sempre mais, promovidos por diversas entidades, às vezes quase se sobrepondo, apenas com ligeiras diferenças. Partindo da informação recolhida para o terreno a realidade é bem diferente. Parte destes percursos, que são divulgados, principalmente em fontes mais antigas, não está em condições de

ser utilizada, por não estarem marcados e a sua descrição, no suporte informativo, ser vaga ou imprecisa, ou por terem sido invadidos pela vegetação.

Outro aspecto que deve ser referido, em relação aos materiais informativos sobre percursos pedestres, é que se destinam maioritariamente a um público de proximidade, salvo exceções, sendo difícil, estando na região Centro, por exemplo, encontrar informação sobre percursos pedestres no Norte. Esta realidade está hoje um pouco mais atenuada graças à Internet. O acesso a informação em inglês ou outra língua estrangeira é também difícil, o que constitui um obstáculo à exploração desta actividade do ponto de vista turístico, junto dos mercados onde a prática de pedestrianismo está enraizada, como são o caso do francês, holandês, alemão e inglês.

Em Portugal, a promoção da prática de pedestrianismo, bem como o registo, homologação e divulgação de percursos pedestres é da responsabilidade da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP), antiga Federação Portuguesa de Campismo.

A marcação de percursos pedestres obedece a um conjunto de normas que se encontram descritas no manual “Percursos Pedestres – Normas para Implantação e Marcação”, promovido e difundido pela Federação Portuguesa de Campismo, desde 1994. Este pequeno manual, veio contribuir para a uniformização da sinalização utilizada na marcação de percursos pedestres em Portugal, contrariando “a forma desregrada e sem nexos com que assistimos à marcação de percursos das formas mais diversas, com utilização de cores e marcas ao gosto de cada um, sem preocupação pela uniformização, às vezes importadas de sítios longínquos e inadequadas a Portugal” (FPC, 2000: 4).

“Decorrente da Lei de Bases do Sistema Desportivo (Lei 1/90) e do regime jurídico das Federações Desportivas (Decreto-Lei 144/93) o Estado, através do Estatuto de Utilidade Pública Desportiva – Despacho 28/96, do Gabinete do Primeiro Ministro de 6/3/96 – atribui à Federação Portuguesa de Campismo a competência para o exercício, dentro do respectivo âmbito, de poderes regulamentares, disciplinares e outros de natureza pública dos quais se destacam, para esta modalidade desportiva, os seguintes:

- Regular e disciplinar o pedestrianismo;
- Promover e divulgar a sua prática;

- Promover e regulamentar a implantação de infra-estruturas a ela destinadas;
- Promover a continuação dos percursos pedestres transeuropeus que terminam ou passam por Portugal, definir-lhe o itinerário e estabelecer pontos de ligação e de entrada em território nacional;
- Acordar com as federações vizinhas o estabelecimento de percursos pedestres transfronteiriços;
- Fazer o registo de todos os percursos pedestres, atribuir-lhes a numeração e homologá-los de acordo com os requisitos pré-estabelecidos;
- Representar o pedestrianismo e os percursos pedestres nos fóruns internacionais pelo que é federada na *Fédération Européenne de la Randonnée Pédestre*” (FPC, 2000: 3 e 4).

Em Portugal, o primeiro percurso pedestre foi homologado em 1997. Trata-se do PR1 “Rota da Serra”, um percurso pedestre circular, com 17 km, no concelho de Grândola, promovido pelo CIMO – Clube Ibérico de Montanhismo e Orientação, com sede em Almada (Gonçalves, 2002).

Entre os anos de 1998 e 2002 foram homologados 30 percursos pedestres: 4 percursos em 1998, 5 percursos por ano em 1999, 2000 e 2001 e 11 percursos em 2002 (Gonçalves, 2002).⁸

De acordo com dados da FCMP, existem actualmente em Portugal cerca de 3400 km de percursos pedestres homologados (quadros III e IV), que se distribuem pelas 7 regiões do país, de acordo com o descrito no quadro 9. Destacam-se as regiões Norte (1025,6 km), Centro (761,5 km) e Algarve (755,8 km), que em conjunto perfazem 2542,9 km de percursos pedestres homologados, ou seja, 76% do total.

O total de quilómetros de percursos apresentado corresponde a percursos de pequena rota e percursos de grande rota, sendo a maioria de pequena rota (cerca de 71%), ou seja, percursos que se percorrem numa jornada, geralmente com extensão inferior a 30 km.

⁸ Foi contactada, sem sucesso, a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal com vista à actualização dos dados apresentados, pelo que só é possível apresentar estes dados até ao ano de 2002.

Quadro 9. Percursos pedestres homologados, por região, até Abril de 2009

Região	N.º de kms de Percursos Pedestres Homologados
Norte	1025,6
Centro	761,5
Lisboa e Vale do Tejo	301,5
Alentejo	484,6
Algarve	755,8
Açores	0
Madeira	18,8
TOTAL	3347,8

Fonte: Elaboração própria com base em informação da FCMP, Abril de 2009

O quadro seguinte (quadro 10) ilustra a distribuição de percursos pedestres de pequena rota, homologados, considerando o total de quilómetros por região e o número de percursos correspondente.

Quadro 10. Percursos pedestres de pequena rota homologados, por região, até Abril de 2009

Região	N.º de kms	N.º de percursos
Norte	734,5	69
Centro	578,7	59
Lisboa e Vale do Tejo	139,5	20
Alentejo	406,6	48
Algarve	488,8	51
Açores	0	0
Madeira	18,8	3
TOTAL	2366,9	250

Fonte: Elaboração própria com base em informação da FCMP, Abril de 2009

De acordo com os dados da FCMP, o continente apresenta 98,8% do número de percursos pedestres de pequena rota e concentra 99,2% do total de quilómetros. A região Norte é a região com maior número e total de quilómetros de percursos pedestres de pequena rota, seguindo-se a região Centro, o Algarve, o Alentejo e Lisboa e Vale do

Tejo. A região dos Açores não tem qualquer percurso pedestre homologado e a região da Madeira tem apenas 3 percursos pedestres, com um total de 18,8 km.

Os percursos pedestres de grande rota, homologados, estendem-se por quase 1000 km do território de Portugal continental (quadro 11).

Os arquipélagos dos Açores e Madeira não têm percursos pedestres de grande rota homologados.

Quadro 11. Percursos pedestres de grande rota homologados, por região, até Abril de 2009

Região	N.º de kms	N.º de percursos
Norte	291,1	5
Centro	182,8	3
Lisboa e Vale do Tejo	162	2
Alentejo	78	2
Algarve	267	2
Açores	0	0
Madeira	0	0
TOTAL	980,9	14

Fonte: Elaboração própria com base em informação da FCMP, Abril de 2009

A região Norte é a região que possui maior número de quilómetros de percursos pedestres de grande rota homologados, seguindo-se o Algarve, a região Centro, Lisboa e Vale do Tejo e, por fim, o Alentejo.

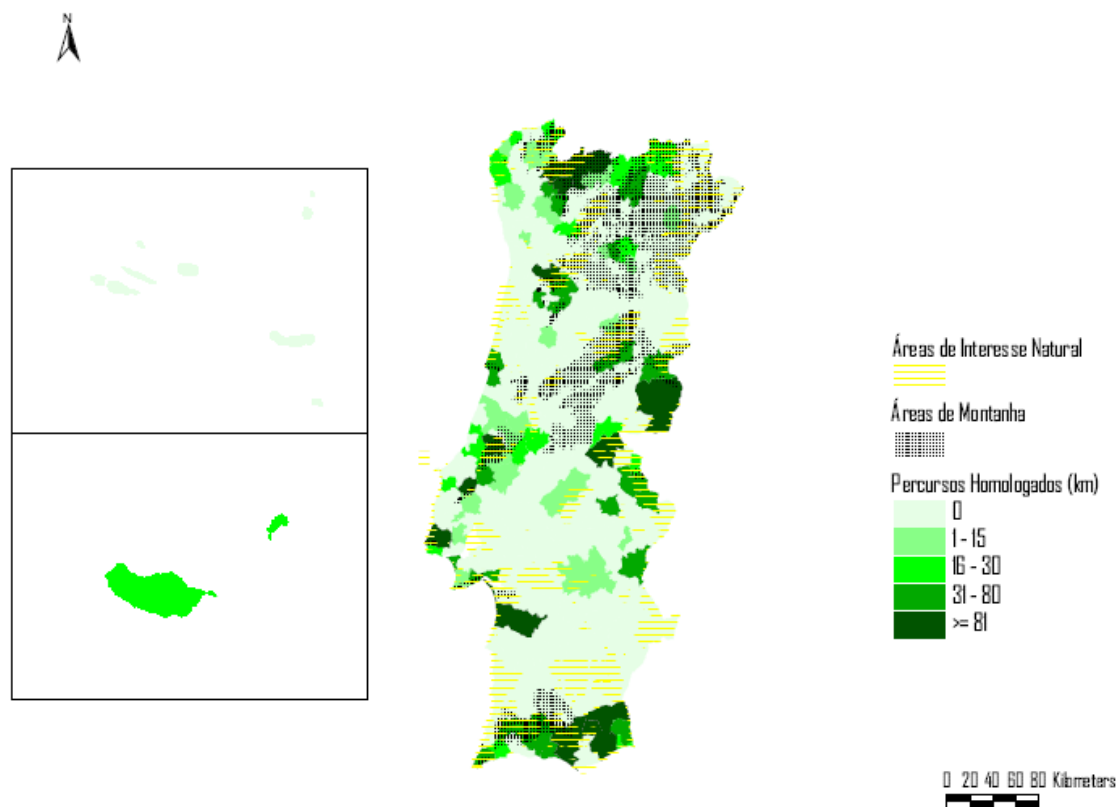
A figura 7 mostra a distribuição de percursos pedestres homologados – total de quilómetros, por concelho, de percursos pedestres de pequena rota e percursos pedestres de grande rota – bem como a localização das principais áreas de interesse natural, incluindo as áreas pertencentes à Rede Nacional de Áreas Protegidas⁹ e a Rede Natura 2000¹⁰, e as principais áreas de montanha¹¹. Para os territórios dos arquipélagos dos

⁹ Rede Nacional de Áreas Protegidas – inclui Parque Nacional, Parques e Reservas Naturais, Paisagens Protegidas e Monumentos Naturais.

¹⁰ Rede Natura 2000 – integra as Zonas de Protecção Especial (ZPE), definidas pela aplicação da directiva Aves (Directiva Comunitária n.º 79/409/CEE) e as Zonas Especiais de Conservação (ZEC), estabelecidas ao abrigo da Directiva Habitats (Directiva Comunitária n.º 92/43/CEE).

¹¹ Definidas e apresentadas com base na carta de “Paisagem”, do Atlas do Ambiente, do Sistema Nacional de Informação Geográfica (MAOT – APA, 2010). A mancha que representa as “Áreas de Montanha” é constituída pelas tipologias de paisagem: Montanhas de Granito e Xisto (níveis pastoril e

Açores e Madeira não se inclui informação relativa ao relevo e às principais áreas de interesse natural, apenas se considerou o total de quilómetros de percursos homologados existentes em cada um dos arquipélagos, que é nulo no arquipélago dos Açores e de cerca de 20 km na Madeira, no concelho do Funchal.



Fonte: Elaboração própria com base em informação da FMCP, Abril de 2009 e Agência Portuguesa do Ambiente, 2010

Figura 7. Distribuição territorial dos percursos pedestres homologados

O observação do mapa permite verificar que os concelhos em que existe maior número de quilómetros de percursos homologados, com mais de 81 quilómetros de percursos, se situam em áreas de grande interesse natural, como são os casos dos concelhos:

florestal); Terra Quente Transmontana; Meia-encosta Nordestina; Sub-serra Erminiana; Douro Vinhateiro; Relevos Calcários; e Charneca (mata baixa durifolia).

- Terras de Bouro e Montalegre, no Parque Nacional da Penêda Gerês, e o concelho vizinho de Vieira do Minho;
- Arouca, que integra a Zona Especial de Conservação (ZEC) das Serras da Freita e Arada (PTCON0047);
- Idanha-a-Nova, com a Zona de Protecção Especial (ZPE) Tejo Internacional, Erges e Pônsul (PTZPE0042);
- Nisa, muito próximo do Parque Natural da Serra de S. Mamede, com grande parte da sua área na ZEC de São Mamede (PTCON0007);
- Porto de Mós, no Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros;
- Cadaval, na Área de Protecção da Serra de Montejunto;
- Sintra, no Parque Natural Sintra-Cascais;
- Grândola, que integra a ZEC Comporta/Galé (PTCON0034);
- Loulé e Tavira, no Parque Natural da Ria Formosa;
- Alcoutim, que integra a ZEC Guadiana (PTCON0036).

É ainda de realçar que estes concelhos, que dominam o panorama nacional em termos de quilómetros de percursos pedestres homologados, têm no seu território importantes áreas de montanha, como as Serras da Penêda e Gerês, Serra da Freita, Serra de Penha Garcia, Serras de Aire e Candeeiros, Serra de Montejunto, Serra de Sintra, Serra de Grândola, Serra de S. Mamede e Serra do Caldeirão.

Os concelhos que se enquadram no nível imediatamente abaixo, em número de quilómetros de percursos homologados, na categoria “31-80 km”, são concelhos que se situam na vizinhança dos primeiros.

Destacam-se no mapa áreas formadas por conjuntos de concelhos, vizinhos uns dos outros, com assinalável ocorrência de percursos pedestres homologados:

- A área junto à fronteira Norte do país, desde Melgaço até Bragança, que se estende para Sul englobando os concelhos de Guimarães e Amarante, estendendo-se pelo litoral, entre Valença e Póvoa do Varzim;
- A área de Arouca, S. Pedro do Sul e Vouzela;

- A área de Penamacor e Idanha-a-Nova;
- A região das Serras de Aire e Candeeiros e Serra de Montejunto e o seu prolongamento para o litoral, formando uma faixa, nem sempre contínua, entre Leiria e Grândola;
- Por fim, a terceira área do país em número de quilómetros de percursos homologados – a região do Algarve – que apresenta uma superfície bem definida e de expressiva continuidade.

A distribuição geográfica dos percursos pedestres pelo território nacional reflecte que existem áreas, com características comuns, onde a oferta é mais visível. Estas características comuns são a riqueza do património natural e uma localização em ambiente de montanha.

Apesar das competências e dos esforços da FCMP, no sentido de promover o pedestrianismo em Portugal e apelar à homologação e registo de percursos, os recursos reais existentes para a prática desta actividade são bem mais extensos que os dados apresentados. De facto, existe uma grande quantidade de percursos pedestres que não se encontram homologados e consequentemente não integram o Registo Nacional de Percursos Pedestres.

Nas regiões da Madeira e dos Açores, existe legislação regional relativa aos percursos pedestres, o que pode explicar a quase inexistência de percursos pedestres homologados de acordo com as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal e reflecte que os percursos pedestres são reconhecidos, nestas regiões, como um recurso importante para certos nichos turísticos que visitam as ilhas.

Na Madeira, “o Decreto Legislativo Regional nº 7-B/2000/M, estabelece os percursos pedonais recomendados naquela Região. O referido Decreto Legislativo Regional, para além de classificar todos os percursos recomendados como pequenas rotas, aprova o modelo dos painéis informativos e toda a sinalética auxiliar e atribui a responsabilização pela manutenção, fiscalização e sinalização, dentro das áreas de jurisdição respectiva, à Direcção Regional de Florestas, ao Parque Natural da Madeira, às autarquias locais e às entidades gestoras de levadas. Para além do mencionado, é criada uma comissão de acompanhamento que, entre outras funções, é responsável pela coordenação dos trabalhos de manutenção e fiscalização, pela apresentação de propostas de alteração, redução ou ampliação da lista de percursos pedonais recomendados (anexa

ao Decreto Legislativo) e por receber e dar encaminhamento a queixas, denúncias ou outras solicitações relativas aos percursos recomendados.” (Braga, 2007).

Nos Açores, onde não existe nenhum percurso pedestre homologado, “a 14 de Abril de 2004, é publicado no Jornal Oficial o Decreto Legislativo Regional nº 16/2004/A que cria o regime jurídico dos percursos pedestres classificados da Região Autónoma dos Açores. Um mês depois é publicada, no Jornal Oficial, a Portaria nº 34/2004 que fixa os modelos dos painéis informativos, das placas indicativas e da sinalética auxiliar previstos no DLR nº 16/2004/A. A 7 de Dezembro de 2004, foi aprovada, pela Comissão de Acompanhamento dos Percursos Pedestres da Região Autónoma dos Açores, a primeira Lista dos Percursos Pedestres Recomendados” (Braga, 2007: 15-16). Esta lista conta actualmente com 57 percursos recomendados para efeitos de oferta turística¹².

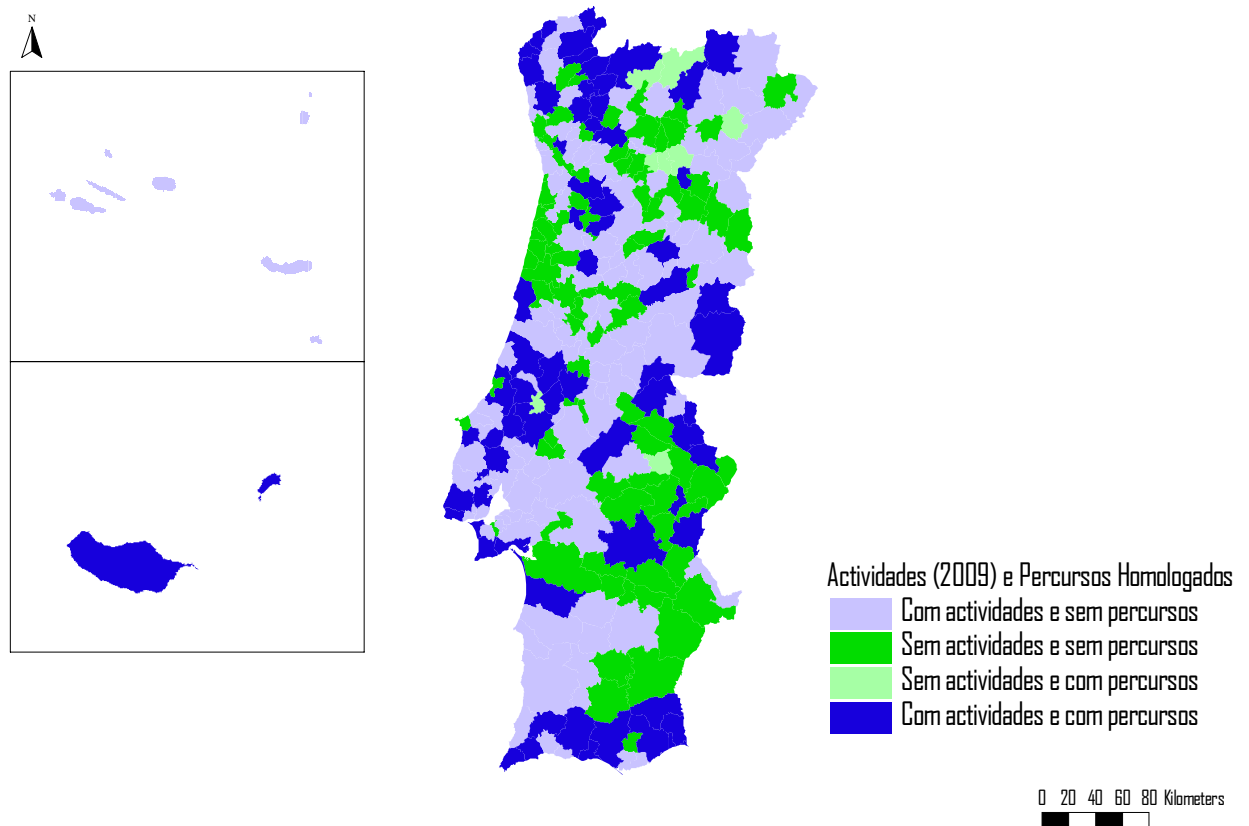
A existência ou não de percursos pedestres homologados, não condiciona de forma directa a existência de actividades de pedestrianismo, pois existem territórios onde não existem percursos homologados e é promovida a realização de actividades desta modalidade. A relação entre a existência de percursos homologados e o número de actividades de pedestrianismo programadas (em 2009), por concelho, pode observar-se na figura 8. Esta mostra que, de facto, existe uma área muito extensa, do território português, assinalada a azul claro, que não tem percursos pedestres homologados mas que apresenta programação de actividades de pedestrianismo. A situação contrária, representada a verde claro, que se traduz na existência de concelhos que têm percursos pedestres homologados mas para os quais, segundo a fonte consultada, não há actividades programadas, é pouco frequente.

A maior parte dos concelhos que não apresentaram actividades programadas para o ano 2009, são concelhos que também não têm percursos pedestres homologados.

Pode concluir-se que o potencial de uma região para desenvolver actividades de pedestrianismo, não é determinado pela extensão de percursos pedestres homologados.

Factores como o elevado interesse natural de uma região ou existência paisagens de montanha, determinam a prática de pedestrianismo e também a existência de percursos pedestres homologados.

¹² www.visit-azores.com, 10-12-2009.



Fonte: Elaboração própria com base em informação de Pedestrianismo e Percursos Pedestres, 2009 e FCMP, 2009

Figura 8. Actividades de pedestrianismo e percursos pedestres homologados

Existe, de facto, uma relação muito óbvia entre os locais que apresentam actividades programadas e as principais áreas de interesse natural. De Norte a Sul do país, como se observou na figura 6, as áreas para as quais existem actividades programadas coincidem com as áreas que integram a Rede Nacional de Áreas Protegidas e a Rede Natura 2000.

Os territórios de montanha da região Centro, com escassos quilómetros de percursos homologados, apresentam-se aqui como importantes espaços de realização de actividades de pedestrianismo.

Com excepção do Nordeste Transmontano, as principais áreas de montanha, em território nacional, são palco de actividades de pedestrianismo organizadas.

Considera-se assim, que estas áreas – de montanha e de elevado interesse natural – constituem as principais áreas de potencial desenvolvimento de produtos de turismo de passeio pedestre.

O turismo pode mesmo constituir uma oportunidade de as revitalizar, diversificando a sua base de sustentação, uma vez que estas apresentam, muitas vezes, graves problemas económicos e sociais que vão levando à perda de população e abandono dos espaços.

A ideia não é nova e algumas destas áreas, tão importantes como palco das actividades de pedestrianismo organizadas com fins não comerciais, são também destinos turísticos, onde o passeio pedestre assume a componente principal do produto turístico.

4. Turismo de Passeio Pedestre em Portugal

4.1 Enquadramento do Turismo de Passeio Pedestre no Plano Estratégico Nacional do Turismo

O turismo é um dos principais sectores da economia portuguesa (11% do PIB, em 2004), tendo o seu peso vindo a crescer nos últimos anos. No entanto, o país perdeu quota de mercado a nível internacional, e está muito dependente de quatro mercados emissores e do desempenho de três regiões: Algarve, Lisboa e Madeira. As perspectivas de forte crescimento para o mercado mundial constituem uma oportunidade para Portugal, revelando-se necessária uma estratégia de actuação que permita responder à sofisticação da procura e a um número crescente de ofertas concorrenciais (Turismo de Portugal, 2007).

Assim, numa iniciativa do Governo, da responsabilidade do Ministério da Economia e da Inovação, é definido o Plano Estratégico Nacional para o Turismo (PENT), aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 53/2007, de 4 de Abril, o qual representa uma estratégia e um plano de acção para o desenvolvimento do Turismo em Portugal, no horizonte de 10 anos, assente na qualidade, competitividade e sustentabilidade da sua oferta (Turismo de Portugal, 2007).

No âmbito das linhas de desenvolvimento estratégico do referido documento, uma das medidas a implementar consiste na consolidação e desenvolvimento de 10 produtos turísticos identificados como estratégicos para o sector, tendo em conta os recursos e os factores distintivos de Portugal, bem como o seu potencial de crescimento futuro: Sol e Mar; *Touring* Cultural e Paisagístico; *City Break*, Turismo de Negócios; Turismo de Natureza; Turismo Náutico; Saúde e Bem-estar; Golfe; *Resorts* Integrados e Turismo Residencial; e Gastronomia e Vinhos.

O Turismo de Natureza engloba o conjunto de actividades desportivas, de contemplação da natureza e actividades de interesse especial em que as principais

motivações de quem as pratica são viver experiências de grande valor simbólico e interagir e usufruir da Natureza (THR¹³, 2006).

Incluem-se nesta definição o Turismo de Natureza *Soft* e o Turismo de Natureza *Hard*. O primeiro diz respeito à prática de actividades ao ar livre de baixa intensidade (passeios, excursões, percursos pedestres, observação de fauna, etc.) e o segundo engloba as experiências relacionadas com a prática de desportos na Natureza (*rafting*, *kaiaking*, *hiking*, *climbing*, etc.) e/ou actividades que requerem um elevado grau de concentração ou de conhecimento, como por exemplo o *birdwatching*. Estas últimas requerem um nível mais elevado de organização e enquadramento altamente especializado (THR, 2006).

O Turismo de Passeio Pedestre, pela sua relação com o território e com o meio natural e pelas principais motivações que lhe estão associadas, muito relacionados com o desejo de usufruir da natureza e de viver experiências únicas, enquadra-se no âmbito do Turismo de Natureza, de acordo com a definição da THR.

De acordo com o já citado estudo da THR, o mercado europeu de Turismo de Natureza apresentou nos últimos anos um crescimento regular. Em 2004, foram realizados 22 milhões de viagens cuja principal motivação foi usufruir deste produto, correspondendo a 9% do total de viagens realizadas pelos europeus. Para 2015 espera-se que este produto atinja os 43,3 milhões de viagens, o equivalente a um crescimento anual de 7%. As oportunidades de crescimento relacionam-se com:

- Uma maior e crescente consciência ambiental entre a população dos países emissores;
- Aumento da preferência por áreas envolventes não massificadas como destino de viagem;
- Crescente preferência por férias activas em detrimento de férias passivas (procura de emoções);
- Aumento da procura de experiências com elevado conteúdo de autenticidade e de valores éticos;
- Tirar partido das valências “património e cultura”;

¹³ THR – Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A.

- Forte presença de oferta de viagens de Natureza na Internet, acessíveis a uma fatia crescente da população.

É referida também, a grande importância, neste mercado, dos clubes ou associações de consumidores, praticantes ou aficionados de determinadas actividades, que frequentemente actuam como organizadores de viagens, ainda que formalmente a contratação dos serviços se faça através de agências de viagens.

Existe para este produto uma importante procura secundária. A procura secundária de Turismo de Natureza é o conjunto das viagens que obedecem a outras motivações principais (sol e praia, *touring*, etc.) mas nas quais os viajantes realizam, com maior ou menor intensidade, actividades relacionadas com a Natureza, quando se encontram no destino (THR, 2006).

Quadro 12. Factores chave para o desenvolvimento do Turismo de Natureza

	Natureza <i>soft</i>	Natureza <i>hard</i>
Paisagens naturais únicas e com forte atractividade	■	■
Flora e fauna abundante e diversa	■	□
Adequadas infraestruturas de acolhimento, sinalização e equipamentos básicos (áreas de descanso, centros de acolhimento e informação, ...)	■	□
Ampla e variada oferta de rotas e itinerários (extensão, dificuldade, etc.) adaptada a diversas tipologias de turistas / visitantes.	■	□
Boa relação preço / qualidade	■	□
Bom grau de tecnologia, <i>know how</i> e experiência na gestão de actividades especializadas	□	■
Bom funcionamento de prestadores de serviços de apoio: aluguer de equipamentos e materiais, transporte, etc.	□	■
Eficaz cobertura de seguros	□	■
Eficaz funcionamento dos serviços de resgate e serviços médicos de urgência	□	■
Excelentes guias e monitores, com domínio de idiomas	□	■
Alojamento integrado na envolvente natural	□	■
Sistema de certificação de espaços naturais	■	□
Sistema de certificação das empresas	□	■

Legenda: ■ factor chave, imprescindível; □ factor importante, mas não imprescindível

Fonte: THR, 2006

O estudo, apresentado pela THR ao Turismo de Portugal, enumera os factores chave de êxito ao desenvolvimento de um destino de Turismo de Natureza, discriminando aqueles que são mais ou menos relevantes, consoante se trate de Turismo de Natureza *Hard* ou Turismo de Natureza *Soft*, bem como o seu grau de relevância (quadro 12).

Todos os factores chave considerados imprescindíveis para o Turismo de Natureza *soft*, também o são para o sucesso de um destino de Turismo de Passeio Pedestre. No caso concreto do Turismo de Passeio Pedestre, assumem também primordial importância o bom funcionamento de prestadores de serviços de apoio, como o transporte de pessoas e bagagens, a eficaz cobertura de seguros, que é obrigatória, e a existência de excelentes guias e monitores, com domínio de idiomas.

De acordo com o PENT, apesar de 21% do território nacional ser considerado área protegida, o Turismo de Natureza em Portugal apresenta claros défices infraestruturais, de serviços, de experiência e *know-how* e de capacidade competitiva das empresas que operam neste domínio.

Desenvolver uma oferta, que respeite o ambiente e torne o produto vendável turisticamente, prioritariamente através de investimentos nos Açores, Madeira, Norte e Centro, são os desafios colocados no PENT, para Portugal, no que diz respeito ao desenvolvimento do Turismo de Natureza.

4.2 Operadores, Programas e Destinos

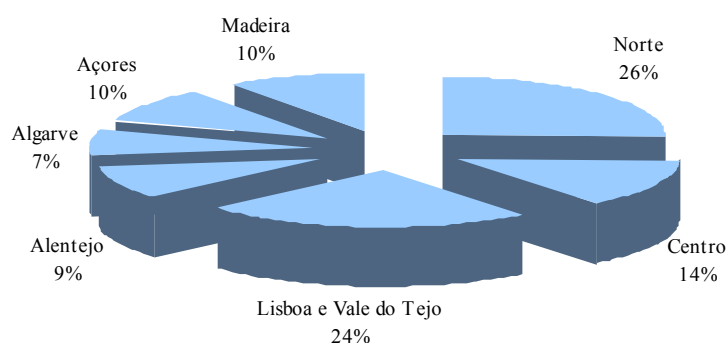
Em Portugal, a organização e venda de actividades recreativas, desportivas ou culturais, em meio natural ou em instalações fixas, de carácter lúdico, com interesse turístico para a região onde se desenvolvam é uma actividade própria das empresas de animação turística¹⁴.

Os passeios pedestres enquadram-se neste tipo de actividades e a sua organização, com fins comerciais, é feita principalmente pelas empresas de animação turística. De acordo com o quadro legal que estabelece as condições de acesso e de

¹⁴ Decreto-Lei 108/2009, de 15 de Maio, n.º 1, Artigo 3º.

exercício da actividade das empresas de animação turística, também é permitida a organização de programas de passeio pedestre pelas agências de viagens e empreendimentos turísticos, desde que previsto no seu objecto e cumpram o mesmo tipo de condições exigidas às empresas de animação turística, nomeadamente em termos de seguros obrigatórios de acidentes pessoais e de responsabilidade civil¹⁵.

O Turismo de Portugal mantém um registo das empresas de animação turística e agências de viagens, licenciadas, existentes em Portugal. Os dados disponíveis *on-line*¹⁶ permitem efectuar pesquisa por tipo de actividade. As expressões de pesquisa “Passeio Pedestre” ou “Percurso Pedestre”, geram um total de 161 empresas, registadas como organizadoras de programas de passeio pedestre, – agências de viagens e empresas de animação turística – distribuídas da seguinte forma pelas sete regiões do país (figura 9):



Fonte: Fonte: Turismo de Portugal, Abril de 2009

Figura 9. Empresas de animação turística com oferta de passeios pedestres

Metade das empresas portuguesas, registadas como organizadoras de programas de passeios pedestres, é originária de duas regiões do país: Norte e Lisboa e Vale do Tejo.

¹⁵ Decreto-Lei 108/2009, de 15 de Maio, n.º 3, Artigo 5.º.

¹⁶ <http://www.visitportugal.com/pturismo/Pdf/f37595e5-b6f6-4ba7-b185-30f639f14024.pdf>, (14-04-2009).

A observação do gráfico, permite ainda verificar que em todas as regiões do país existem empresas com oferta de passeios pedestres.

A distribuição geográfica das empresas não permite tirar conclusões sobre os locais onde se realizam os passeios. Para tal, e com recurso à Internet¹⁷, foram analisados os programas, disponíveis *on-line*, destas empresas (quadro V).

De acordo a THR (2006), em Portugal, 98% das empresas que operam no sector do Turismo de Natureza, promovem a sua oferta através da Internet. Se bem que a grande maioria das empresas tenha presença na Internet, das 161 empresas inventariadas, apenas 62 empresas apresentam *on-line* programas de passeio pedestre.

É de referir, que muitas das empresas registadas como organizadoras de passeios pedestres, não apresentam, de facto, este tipo de programa.

Os programas de passeio pedestre apresentados, num total de 487 programas, são mais ou menos específicos, consoante as empresas. Existem empresas que apresentam programas detalhados e agendados para determinadas datas, outras que os apresentam, de forma mais genérica, em datas e contornos a definir pelos clientes. Foram considerados todos os tipos de programas, desde que a componente principal fosse o passeio pedestre.

A organização de passeios pedestres em Portugal não é exclusiva das empresas portuguesas, também operadores estrangeiros organizam este tipo de programas no nosso país.

Numa pesquisa, feita na Internet a um conjunto de operadores turísticos, seleccionados por pesquisa no motor de busca Google, inserindo as expressões “*walking holidays* Portugal” e “*walk in* Portugal”¹⁸, os resultados revelaram que existe um importante conjunto de operadores que vendem férias de passeio pedestre em Portugal (quadro V), essencialmente produtos que, pela forma como são apresentados, apelando à beleza da paisagem e riqueza natural, se enquadram na esfera do Turismo de Natureza.

Não foi encontrado nenhum programa de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal relacionado com “Saúde”, como por exemplo os programas mencionados anteriormente de “Jejum e Passeio Pedestre”.

¹⁷ Foram consultadas as ofertas, de todas as empresas listadas com página de Internet, entre os dias 12-12-2009 e 15-12-2009.

¹⁸ As pesquisas foram efectuadas entre os dias 30-10-2009 e 5-11-2009.

Da pesquisa efectuada, que não é de modo algum exaustiva, e apresenta um carácter meramente exploratório, e reconhecendo que foi dada, pelo critério de busca utilizando expressões em língua inglesa, primazia aos operadores que se dirigem ao público anglófono, foram encontrados 23 operadores, do Reino Unido, Estados Unidos da América e Austrália, com oferta de 104 programas de férias de passeio pedestre em Portugal. Destes programas, alguns são calendarizados, outros são programas menos detalhados, com data a definir pelo cliente, dentro de um determinado período do ano (quadro 13).

Tal como para os operadores portugueses, consideraram-se apenas os programas que têm o passeio pedestre como componente principal, excluindo-se os programas multi-actividades.¹⁹

Quadro 13. Programa de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal

Waterways & Flowers

Madeira, a verdant paradise

Nights: 7

Grade: 2 (a head for heights is required on some short sections of the levada walks)

Terrain: levadas, paths and tracks in the mountains

Accommodation: one 3-star; one 4-star; two 5-star quintas

Meals: dinner & breakfast each day, plus 3 picnics

Available 1 May 2008-31 October 2009

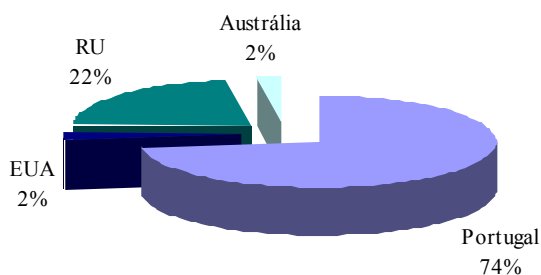
£628 to £698

Fonte: *Inntravel* (2009)²⁰

De um universo de 166 operadores estudados, a maioria são portugueses (74%), 22 % do Reino Unido, e os restantes são dos Estados Unidos da América e Austrália (figura 10).

¹⁹ Os programas multi-actividades são aqueles que incluem um conjunto diverso de actividades. Um exemplo poderá ser: fim-de-semana no rio Paiva – 1º dia: descida de rafting e tiro com arco; 2º dia: passeio pedestre e escalada.

²⁰ <http://www.inntravel.co.uk/walking/>, 21-04-2009.



Fonte: Elaboração própria, com base na pesquisa efectuada

Figura 10. Operadores de programas de Turismo de Passeio Pedestre, por nacionalidade

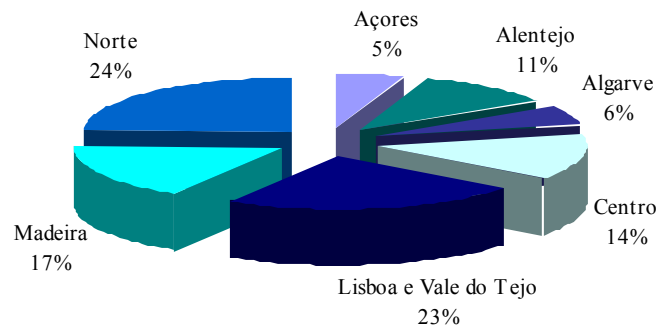
Os programas oferecidos, pelos operadores portugueses e estrangeiros têm duração de 1 dia ou mais. Aqueles que têm duração superior a 1 dia, apresentam-se nas diferentes modalidades de férias de passeio pedestre: férias com tudo incluído, férias auto-guiadas, férias itinerantes ou férias centradas num alojamento. Há programas que incluem o transporte para o destino – a viagem de avião, no caso de operadores estrangeiros – outros que apenas incluem os serviços no destino. Há diferentes tipologias de alojamento utilizadas e também diferentes modalidades no que diz respeito às refeições.

No caso dos programas de 1 dia, estes consistem, geralmente, num passeio pedestre guiado, temático ou não.

Os programas foram analisados considerando essencialmente o destino e a duração, permitindo uma visualização territorial da oferta de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal.

Os programas promovidos, tanto pelos operadores portugueses como pelos estrangeiros, cobrem a totalidade do território nacional.

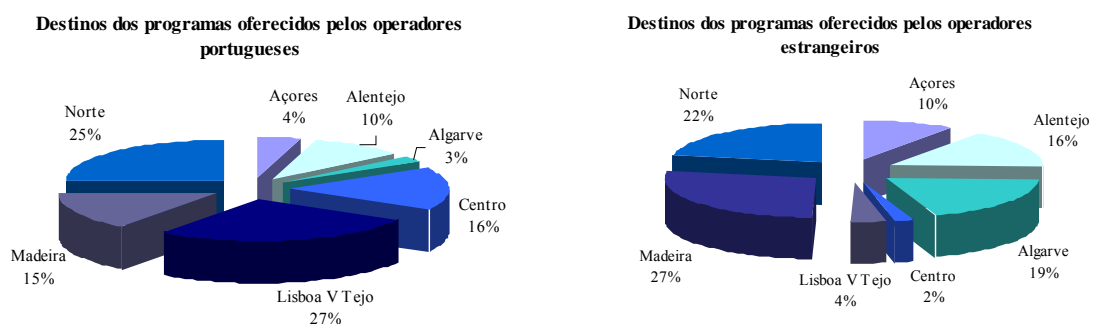
Os destinos mais representados situam-se nas regiões Norte e Lisboa e Vale do Tejo, acolhendo estas regiões quase metade (47%) de todos os programas oferecidos em território nacional (figura 11).



Fonte: elaboração própria, com base na pesquisa efectuada

Figura 11. Programas de Turismo de Passeio Pedestre por região

Analisando em separado os destinos constantes nos programas dos operadores portugueses e dos operadores estrangeiros (figura 12), verifica-se que os programas oferecidos pelos operadores portugueses reflectem a localização dos próprios operadores (ver figura 9 – “Empresas de animação turística com oferta de passeios pedestres”).



Fonte: Elaboração própria, com base na pesquisa efectuada

Figura 12. Destinos de Turismo de Passeio Pedestre nos programas dos operadores portugueses e estrangeiros

Tendencialmente, um operador português organiza programas dentro da sua própria região, o que é natural, pois a organização deste tipo de programas exige um profundo conhecimento do território.

Em relação aos destinos preferidos pelos operadores estrangeiros, de acordo com os programas analisados, têm maior importância as regiões Madeira e Norte, seguidas do Algarve, Alentejo e Açores. As regiões Centro e Lisboa e Vale do Tejo ocorrem com uma frequência quase residual nos seus programas.

Os programas de passeio pedestre analisados têm duração variável, encontrando-se com maior frequência programas com duração de vários dias nos operadores estrangeiros e programas com duração inferior, frequentemente de um dia apenas, nos operadores portugueses (quadro 14).

Quadro 14. Duração dos programas de Turismo de Passeio Pedestre

Operador	Duração dos programas, em dias					
	1	2 e 3	4 a 6	7 e 8	9 e 10	>=11
Operadores portugueses	407	57	4	15	2	2
Operadores estrangeiros	0	0	12	81	1	9
Total	407	57	16	96	3	11

Fonte: Elaboração própria

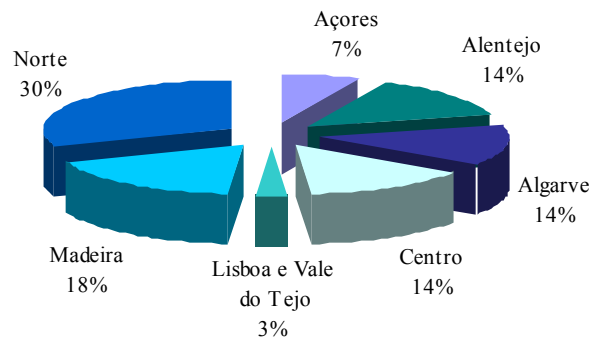
Os programas oferecidos pelos operadores estrangeiros têm uma duração de 4 ou mais dias, sendo mais frequentes os programas de 7 ou 8 dias.

Dos programas de turismo de passeio pedestre, de 2 ou mais dias, oferecidos pelos operadores portugueses, ocorrem com maior frequência os programas de fim-de-semana (2 e 3 dias), seguindo-se os programas semanais, com 7 ou 8 dias.

Grande parte dos programas organizados por empresas portuguesas, são programas de 1 dia, sendo escassa, em comparação com o que oferecem os operadores estrangeiros, a oferta de programas com duração superior a 4 dias.

Considerando apenas os programas com 2 ou mais dias de duração (figura 13), e analisando uma vez mais os principais destinos, verifica-se que as regiões mais

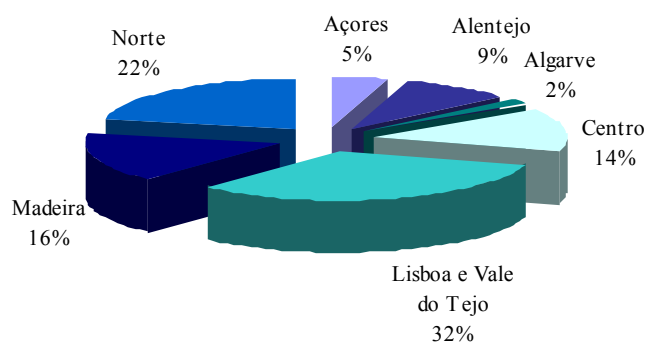
importantes são o Norte (30%), a Madeira (18%) e as regiões Centro, Alentejo e Algarve (14%).



Fonte: Elaboração própria

Figura 13. Programas de Turismo de Passeio Pedestre, de 2 dias ou mais, por região

Com um número muito significativo de programas de passeio pedestre de 1 dia (figura 14), a região de Lisboa e Vale do Tejo perde importância como destino de Turismo de Passeio Pedestre, quando se consideram apenas os programas com duração superior.



Fonte: elaboração própria

Figura 14. Programas de Turismo de Passeio Pedestre, de 1 dia, por região

Considerando os programas de Turismo de Passeio Pedestre com duração de 2 dias ou mais, de operadores portugueses e estrangeiros, a região dos Açores, embora com menor número de programas que as restantes regiões (com exceção de Lisboa e Vale do Tejo), é a região que apresenta maior número de programas com duração superior a 11 dias. Estes incluem a visita a mais que uma ilha do arquipélago (quadro 15).

Quadro 15. Programas de Turismo de Passeio Pedestre, de 2 dias ou mais, por região

Região	Duração dos programas, em dias					Nº Programas
	2 e 3	4 a 6	7 e 8	9 e 10	>=11	TOTAL
Açores	1	1	6	0	4	12
Alentejo	5	1	18	0	2	26
Algarve	4	1	19	0	1	25
Centro	19	1	6	0	0	26
Lisboa V Tejo	1	4	0	0	0	5
Madeira	1	1	26	3	2	33
Norte	26	7	21	0	2	56
TOTAL	57	16	96	3	11	183

Fonte: Elaboração própria

Os programas de passeio pedestre de 1 semana (7 ou 8 dias) são os mais frequentes, em Portugal, seguindo-se os programas de fim-de-semana ou fim-de-semana alargado, com 2 a 6 dias de duração.

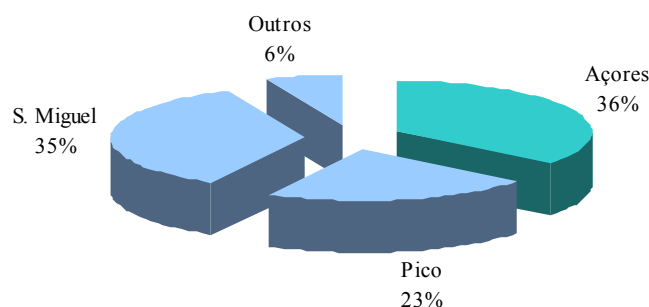
Observando a duração dos programas em cada uma das regiões destino (quadro 15), podem classificar-se os destinos, de acordo com a duração mais frequente dos programas que acolhem:

- Os Açores, Alentejo, Algarve e Madeira são destinos de programas de 7/8 dias;
- O Centro é destino de programas de 2/3 dias;
- O Norte é destino de programas de 2/3 dias e 7/8 dias;

- Lisboa e Vale do Tejo, apresenta um número residual de programas, sendo os mais frequentes os de 4 a 6 dias.

Em cada uma das 7 grandes regiões: Açores, Alentejo, Algarve, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Madeira e Norte, é possível identificar destinos, mais específicos, que constam com maior frequência nos programas de turismo de passeio pedestre. Nesta análise consideram-se todos os programas, incluindo os que têm a duração de 1 dia.

Há programas que referem apenas “Açores”, por exemplo, mas há outros que especificam um pouco mais o destino.

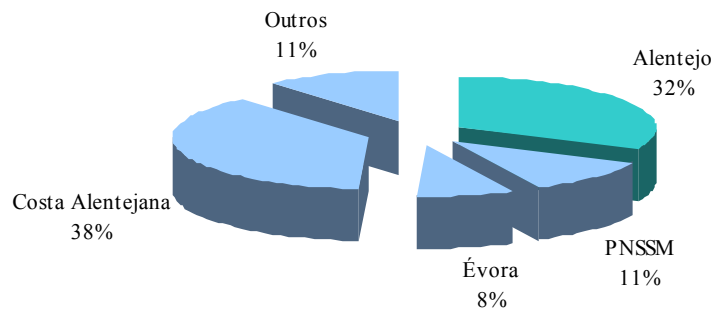


Fonte: Elaboração própria

Figura 15. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre nos Açores

Dos programas analisados, para a região dos Açores, grande parte não menciona o local exacto onde se desenvolvem. 35% têm a ilha de S. Miguel como destino e 23% a ilha do Pico, onde têm relevância os programas de subida ao ponto mais alto de Portugal. Em “outros” destacam-se os programas que envolvem várias ilhas, programas no Faial e na ilha de S. Jorge (figura 15).

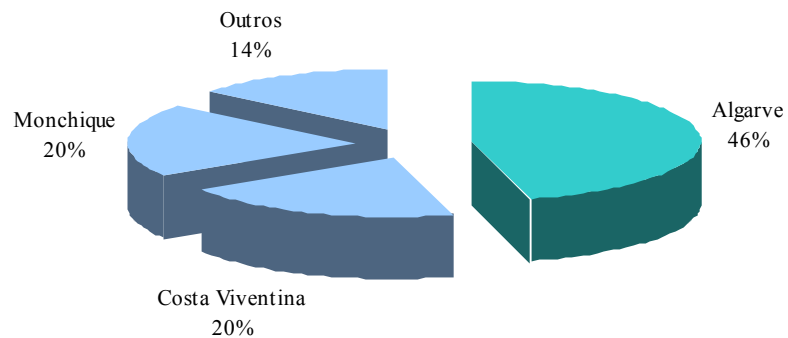
No Alentejo, a preferência dos operadores é a Costa Alentejana, desde Grândola até Odeceixe, integrando a área do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. A área do Parque Natural da Serra de São Mamede é também um importante destino de turismo de passeio pedestre, na região Alentejo. Em “outros”, encontram-se programas no vale do Guadiana e Mértola, Monsaraz, Serra d’Ossa e Estuário do Sado (figura 16).



Fonte: Elaboração própria

Figura 16. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre no Alentejo

Os programas de Turismo de Passeio Pedestre no Algarve apresentam-se para os destinos Algarve, de forma genérica, Monchique, ou Serra de Monchique, e Costa Vicentina (figura 17).

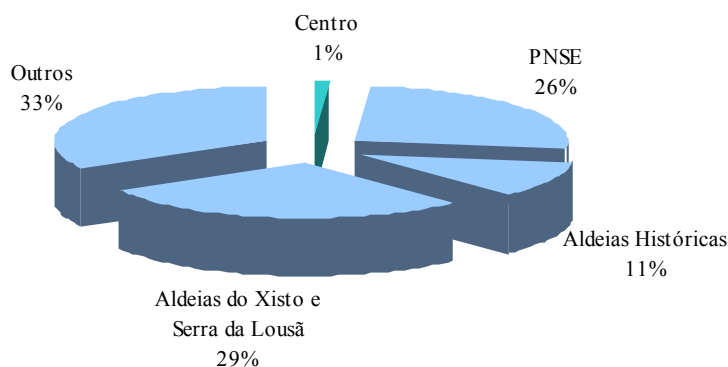


Fonte: Elaboração própria

Figura 17. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre no Algarve

A Costa Vicentina estende-se desde a ponta de Sagres até Odeceixe, onde se encontra a fronteira com o Alentejo. Esta área da costa ocidental algarvia, que integra o

Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, tem um peso importante nos destinos algarvios de passeio pedestre.

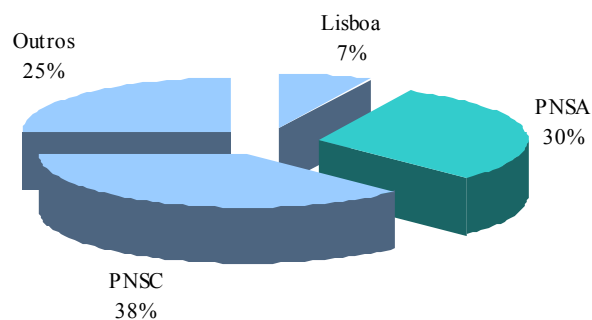


Fonte: Elaboração própria

Figura 18. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre na região Centro

A região Centro apresenta grande fragmentação de destinos de passeio pedestre (figura 18), muito poucos se identificando por “Centro”. Destinos como Aldeias do Xisto e Serra da Lousã, Parque Natural da Serra da Estrela ou Aldeias Históricas, são de grande importância. Em “Outros” inclui-se grande variedade de destinos como Vale do Ceira, Oliveira do Hospital, Serra do Açor, Serra do Caramulo, Serra da Gardunha, Serra de Sicó, entre outros. A região apresenta uma importante área de montanhas (Cordilheira Central) que se estende de Nordeste para Sudoeste e integra as serras da Estrela, Gardunha, Açor, Lousã, Alvelos, Muradal e Malcata, com áreas de paisagem de grande beleza e ainda pouco exploradas, que constituem destinos quase exclusivos do rol de ofertas das empresas de animação turística locais.

Os operadores estrangeiros têm uma actuação muito reduzida nesta região. Foram encontrados apenas 2 programas, com duração de 8 dias, em Belmonte (Aldeias Históricas).



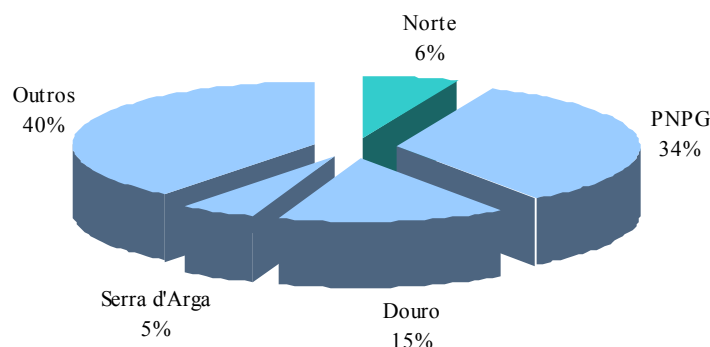
Fonte: Elaboração própria

Figura 19. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre na região de Lisboa e Vale do Tejo

Essencialmente destino de programas de 1 dia, a região de Lisboa e Vale do Tejo (figura 19) apresenta duas áreas privilegiadas para a realização de passeios pedestres: o Parque Natural da Serra da Arrábida e o Parque Natural Sintra-Cascais. Outros destinos, nesta região, são a Tapada de Mafra, Serra de Montejunto, Serras d’Aire e Candeeiros, Costa da Caparica, Sesimbra e Estuário do Tejo.

A região Norte é a única região do país que integra um Parque Nacional – o Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG) – que representa, segundo os programas analisados, uma das mais importantes áreas, em Portugal, para a prática de pedestrianismo (figura 20). No contexto nacional, em números absolutos, é o segundo destino de passeio pedestre mais importante de Portugal continental, sendo apenas superado pelo Parque Natural de Sintra-Cascais, na região de Lisboa e Vale do Tejo.

A região do Douro é também um importante destino de Turismo de Passeio Pedestre, no Norte de Portugal. Esta região apresenta importância relevante nos programas dos operadores estrangeiros e assume a posição de destino mais importante, no Norte de Portugal, quando se consideram apenas os programas com 2 ou mais dias. Em “Outros”, encontram-se destinos como a Serra da Freita, Serra d’Arga, Vale do Lima, Viana do Castelo, Parque Natural de Montesinho, entre outros.



Fonte: Elaboração própria

Figura 20. Principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre na região Norte

A região da Madeira aparece, em grande parte dos programas, como destino em si. Os programas, de uma forma genérica, referem “Madeira” ou “Levadas da Madeira”. Assim, no caso desta região, não são considerados diferentes destinos mais específicos.

De acordo com o exposto, pode concluir-se que para todas as regiões de Portugal, existe oferta de programas de Turismo de Passeio Pedestre. Esta oferta, à semelhança do que acontece com a oferta de actividades de pedestrianismo organizadas sem fins turísticos nem comerciais, ocorre com maior frequência em áreas de grande interesse natural e em áreas de montanha.

Destacam-se as regiões Norte e Lisboa e Vale do Tejo, quando se consideram programas de 1 dia. A apreciação de programas com duração superior confere a importância da região Norte, e faz sobressair também as regiões da Madeira, Algarve, Alentejo e Centro, como principais destinos de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal.

As regiões apresentam diferentes características, em termos de recursos, condicionando o tipo de programas oferecidos. A maioria das regiões apresenta programas de 7/8 dias, com excepção do Centro e Lisboa e Vale do Tejo, que figuram em programas de duração mais curta. Estas regiões são as mesmas que quase não figuram nos programas dos operadores estrangeiros. No entanto, são regiões que

ocupam posições importantes quando se considera o número de quilómetros de percursos homologados, o número de actividades de pedestrianismo de carácter não comercial e o número de actividades de pedestrianismo com a duração de um dia. Daqui se poderá concluir, mesmo antes de considerar outros factores como, por exemplo, a existência de alojamento adequado, as acessibilidades ou outros serviços, que apesar do potencial que oferecem para a prática do pedestrianismo, estas duas regiões não estão a explorar esse valor, do ponto de vista turístico.

Abordando destinos mais específicos, destacam-se as áreas protegidas (parque nacional e parques naturais), em todas as regiões do país, o Douro, no Norte, e as Aldeias Históricas e Aldeias do Xisto, no Centro.

O destino “Douro”, integra o Parque Natural do Douro Internacional, mas estende-se por toda a área do Alto Douro Vinhateiro, área classificada pela UNESCO, em 2001, como Património da Humanidade, graças à paisagem cultural de beleza excepcional que reflecte a evolução tecnológica, social e económica desta região produtora de vinho, há mais de 2000 anos. Uma das linhas de desenvolvimento estratégico, preconizadas no PENT, foi o desenvolvimento de pólos turísticos para diversificar a oferta turística. Numa óptica de desenvolvimento do turismo nacional e internacional, o pólo Douro²¹ apresenta um conjunto de factores distintivos que têm justificado prioridades em termos de investimento e promoção: vinho do porto e gastronomia; rio Douro e encostas com plantação de vinha; quintas, solares e aldeias vinhateiras; património natural/arqueológico; cultura local; e *cross-selling* com o Porto²².

Os destinos Aldeias Históricas e Aldeias do Xisto (e Serra da Lousã) são destinos turísticos recentes, que se afirmam pela cuidada revitalização do património construído de aldeias desabitadas, para fins turísticos, que integram interessantes elementos culturais e paisagísticos. Estes destinos foram alvo de investimentos que contemplaram, entre outras acções, a implementação de redes de percursos pedestres.

²¹ A zona de intervenção do pólo turístico do Douro, circunscrito pela NUT III Douro, integra os concelhos de Alijó, Armamar, Carraceda de Ansiães, Freixo de Espada à Cinta, Lamego, Moimenta da Beira, Mesão Frio, Murça, Penedono, Peso da Régua, Sabrosa, Santa, Marta de Penaguião, S. João da Pesqueira, Sernacelhe, Tarouca, Tabuaço, Torre de Moncorvo, Vila Real e Vila Nova de Foz Côa (Turismo do Douro, ERT - <http://douro-turismo.pt/concelhos.php>, 21-2-2010).

²² PENT (2007).

4.3 Promoção dos Percursos e do Turismo de Passeio Pedestre

Portugal apresenta um interessante conjunto de locais onde se pratica pedestrianismo e onde existe oferta organizada de produtos de Turismo de Passeio Pedestre.

Se, por um lado os percursos pedestres e o pedestrianismo estão bem distribuídos geograficamente pelo território nacional, ocorrendo de forma visível em todas as regiões, por outro lado, verifica-se que, quando se consideram programas que não são organizados localmente, nomeadamente os programas oferecidos pelos operadores estrangeiros, a oferta privilegia destinos como a Madeira, o Norte e o Algarve. Como referido anteriormente, em relação ao pedestrianismo na Europa, a falta de disponibilidade de informação sobre percursos pedestres, em várias línguas, é um obstáculo ao desenvolvimento do turismo de passeio pedestre.

Existem publicações sobre percursos pedestres em Portugal, disponíveis em livrarias nacionais e internacionais. Livros como, por exemplo, *Walking in Portugal*²³ ou *Passeios e Percursos Irrepetíveis por Portugal*²⁴, têm uma abrangência territorial de nível nacional. Outros, como por exemplo *Norte Alentejano – Percursos na Natureza*²⁵, são específicos de uma determinada região (quadro 16).

Geralmente, são os promotores de percursos pedestres, as entidades responsáveis pela sua implementação, que concebem e distribuem a informação relativa aos percursos. Estes são, os clubes e associações, as câmaras municipais ou as juntas de freguesia. A informação é apresentada, na maior parte dos casos, apenas em português e distribuída localmente. É assim, informação que se encontra dispersa e inacessível, também pela língua, ao mercado internacional.

A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (na altura Federação Portuguesa de Campismo), com competências ao nível da promoção do pedestrianismo e percursos pedestres publicou, em 2002, um guia de percursos pedestres homologados

²³ Davies e Cole (2000). *Walking in Portugal*, 2ª edição, Pila Pala Press, UK.

²⁴ Nunes, M. (2008). *Passeios e Percursos Irrepetíveis por Portugal*, A Esfera dos Livros.

²⁵ Barbosa, A. (2003). *Norte Alentejano – Percursos na Natureza*, Ed. Região de Turismo de São Mamede.

– *Passo-a-passo - Percursos Pedestres de Portugal*²⁶ – em língua portuguesa e de distribuição gratuita. Este pequeno livro descreve 31 percursos, de tipologia e dimensão variável. Para cada um, apresenta informação sobre o tipo de percurso, pontos de passagem, dificuldade, descrição do percurso, contactos úteis e mapa.

Quadro 16. Exemplos de livros sobre percursos pedestres em Portugal

Título	Autor	Editor	Ano
<i>Walking in the Algarve</i>	Statham, Julie	Cicerone	1995
<i>Walking in Portugal</i>	Davies e Cole	Pila Pala Press	2000 (2ª ed)
Madeira – A descoberta da ilha de carro e a pé (Português e Inglês)	Quintal, R.	Parque Ecológico do Funchal	2003
Norte Alentejano – Percursos na Natureza	Barbosa, Ana	RT São Mamede	2003
<i>Northern Portugal – Car Tours and Walks</i>	Burton, Paul	Sunflower	2004
<i>Algarve: Rother Walking Guide</i>	Ulrich Enzel		2005
Parque Nacional Peneda-Gerês – Passeios e Percursos Irrepetíveis	Nunes, Manuel		2006
Passeios e Percursos Irrepetíveis por Portugal (em Português e Espanhol)	Nunes, Manuel	A Esfera dos Livros	2008
Litoral Português 25 Percursos a Pé	Nunes, J.	LogIntegral	2009
Percursos de Evasão por Terras de Portugal		DECO/Proteste	2009 (2ª ed)
<i>Walking in Madeira</i>	Dillon, P.	Cicerone	2009 (2ª ed)

Fonte: Livrarias Bertrand e Amazon, Fevereiro de 2010

Os órgãos oficiais de turismo, quer nacionais, quer regionais, com responsabilidade ao nível da promoção turística, poderão ter um papel importante na centralização e difusão da informação existente.

O Visitportugal²⁷ é o site oficial de promoção turística do destino Portugal desenvolvido pelo Turismo de Portugal, a autoridade turística nacional. Aqui é possível

²⁶ Gonçalves, J. (2002), *Passo-a-passo - Percursos Pedestres de Portugal*, Federação Portuguesa de Campismo, Instituto Nacional do Desporto, Lisboa.

²⁷ www.visitportugal.com, 12-1-2010.

encontrar sugestões de passeios pedestres a realizar em Portugal. Contudo não é disponibilizada informação sobre os trilhos em si, ou onde obter essa informação. As sugestões apresentadas, em 9 línguas, são:

- Passeios a pé nas Levadas (Madeira), referindo cerca de 1400 km de levadas;
- Passeios a Pé na Terceira, referindo a existência de informação sobre as características de cada um dos trilhos existentes na ilha;
- Serra da Lousã, recomendando a Rota das Aldeias Serranas;
- A Pé na Serra da Estrela, mencionando a existência de 375 Km de percursos pedestres;
- Aldeias de Góis, recomendando visita às aldeias de Comareira, Aigra Nova, Aigra Velha e Pena.

As Entidades Regionais de Turismo²⁸, que cobrem a totalidade do território continental, são responsáveis pela valorização turística e pelo aproveitamento sustentado dos recursos turísticos das respectivas áreas. São ainda responsáveis pela promoção no mercado interno, colaborando com o Turismo de Portugal, e com as Agências Regionais de Promoção Turística²⁹ na promoção externa dos destinos.

²⁸ As Entidades Regionais de Turismo, são pessoas colectivas de direito público de âmbito territorial, dotadas de autonomia administrativa e financeira e de património próprio. Funcionam como entidades gestoras, assegurando o desenvolvimento do turismo regional no território continental. São onze: Turismo do Porto e Norte de Portugal, Turismo do Centro de Portugal, Turismo de Lisboa e Vale do Tejo, Turismo do Alentejo, Turismo do Algarve, Turismo do Douro, Turismo da Serra da Estrela, Turismo de Leiria – Fátima, Turismo do Oeste, Turismo do Alentejo Litoral, Turismo Terras do Grande Lago Alqueva – Alentejo (Decreto-Lei nº67/2008, de 10 de Abril, e Portarias que definem os Estatutos das entidades regionais de turismo).

²⁹ Para a promoção regional externa, foram designadas 7 Agências Regionais de Promoção Turística, que articulam entre si e o Turismo de Portugal, a execução do Plano Nacional de Promoção Externa. As Agências Regionais de Promoção Turística são associações de direito privado, sem fins lucrativos, constituídas por representantes dos agentes económicos do turismo, por um número relevante de empresas privadas com actividade turística e de entidades do sector público, designadamente as Entidades Regionais de Turismo. Existem 7 Agências Regionais de Promoção Turística responsáveis pelos respectivos Planos Regionais de Promoção Turística Externa, na sequência do modelo de contratualização com o Turismo de Portugal definido para o período 2007-2009. Correspondem às Áreas Promocionais Porto e Norte, Centro de Portugal, Lisboa, Alentejo, Algarve, Madeira e Açores. (Turismo de Portugal, IP, www.turismodeportugal.pt, 13-01-2010).

Nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, as Direcções Regionais do Turismo contribuem para a definição e execução da política na área do turismo definida pelos Governos Regionais e para o desenvolvimento da actividade turística³⁰.

As sete Agências Regionais de Promoção Turística, com responsabilidades ao nível da promoção turística externa dos seus territórios, representam as sete regiões promocionais que coincidem com as áreas das regiões estatísticas NUT II: Açores, Alentejo, Algarve, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Madeira e Norte.

O quadro seguinte – Percursos Pedestres divulgados pelas Entidades Regionais de Turismo, mostra o número de quilómetros de percursos pedestres apresentados nas páginas de Internet de cada uma das entidades regionais de turismo.

Quadro 17. Percursos Pedestres divulgados pelas Entidades Regionais de Turismo e Direcções Regionais do Turismo

Entidades Regionais de Turismo	Percursos Pedestres (km)
Turismo do Porto e Norte de Portugal	-
Turismo do Centro de Portugal	-
Turismo de Lisboa e Vale do Tejo	Página não encontrada
Turismo do Alentejo	Não apresentado
Turismo do Algarve	274,5
Turismo do Douro	-
Turismo da Serra da Estrela	40
Turismo de Leiria – Fátima	-
Turismo do Oeste	-
Turismo do Alentejo Litoral	-
Turismo Terras do Grande Lago – Alqueva	-
Direcção Regional do Turismo dos Açores	472
Direcção Regional do Turismo da Madeira	128
TOTAL	914,5

Fonte: Páginas de Internet das ERT e DRT³¹, Fevereiro de 2010

³⁰ Turismo de Portugal (2009), Estrutura e Organização do Turismo em Portugal, folheto informativo disponível em

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasActividade/qualificacaooferta/classificacaoequalidade/ofertaturisticaclassificada/Anexos/Estrutura%20do%20Turismo.pdf>, 19-2-2010.

³¹ <http://www.portoenorte.pt/>, <http://www.turismodocentro.pt/>, <http://www.turismoalentejo-ert.pt/>, <http://www.turismoalgarve.pt/>, <http://douro-turismo.pt/>, <http://www.rt-serradaestrela.pt/>.

Das 11 entidades regionais de turismo, de Portugal continental, apenas 3 apresentam nos seus portais de Internet informação relativa a percursos pedestres.

O Turismo do Alentejo³² apresenta 3 sugestões, com breve descrição, de passeios a pé: “Descobrir Elvas”; “Passeio pedestre em Marvão”; e “Pulo do Lobo – Mértola”.

O Turismo do Algarve³³ disponibiliza para *download*, em formato pdf, o Guia de Percursos Pedestres do Algarve.³⁴ Esta publicação, descreve 32 percursos pedestres, num total de 274,5 km. A extensão de cada percurso varia entre os 3 e os 20 Km. Para cada percurso é apresentada informação detalhada, incluindo texto descritivo, mapa e informação sobre a envolvente. Existe apenas em português.

O Turismo da Serra da Estrela³⁵ promove 3 percursos pedestres, circulares, com extensões entre os 10 e os 17,7 km, num total de 40 km. A informação, disponível para *download*, inclui texto descritivo, mapa, informação sobre pontos de interesse e coordenadas do percurso para GPS.

Nas regiões autónomas dos Açores e Madeira, cabe às Direcções Regionais do Turismo contribuir para a definição e execução da política regional do turismo e fomentar o aproveitamento e a preservação dos recursos turísticos.³⁶

A página da Direcção Regional do Turismo dos Açores³⁷ tem informação turística sobre o arquipélago. Aqui é possível encontrar um *link* para a página *Trails Azores*³⁸, com informação sobre a Rede de Percursos Pedestres Classificados pelo Governo Regional dos Açores. Apresenta informação detalhada, em português e inglês, para *download*, relativa a 63 percursos. Os percursos distribuem-se pelas 9 ilhas do arquipélago, num total de 472 km.

<http://www.rt-leiriafatima.pt/>, <http://www.rt-oeste.pt/>, <http://www.turismoalqueva.pt/>,
<http://www.azores.gov.pt>, <http://www.madeiraislands.travel/>, 19-02-2010.

³² <http://www.turismoalentejo-ert.pt/>, 19-02-2010.

³³ <http://www.turismoalgarve.pt/>, 19-02-2010.

³⁴ Turismo do Algarve (2009), *Guia de Percursos Pedestres do Algarve*.

³⁵ <http://www.rt-serradaestrela.pt/>, 19-02-2010.

³⁶ Turismo de Portugal, (2009), *Estrutura e Organização do Turismo em Portugal*, folheto informativo disponível em:

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasActividade/qualificacaooferta/classificacaoequalidade/ofertaturisticaclassificada/Anexos/Estrutura%20do%20Turismo.pdf>

³⁷ <http://www.azores.gov.pt>, 20-2-2010.

³⁸ <http://www.trails-azores.com/>, 20-2-2010.

O *site* oficial do Turismo da Madeira³⁹ tem um menu exclusivo para o Festival de Passeios a Pé na Madeira, onde é apresentada a programação do evento, que se realiza anualmente. Durante 4 dias há passeios programados. A participação em cada um dos passeios obriga à realização de uma reserva que pode ser feita *on-line*.

Aqui é também possível obter informação detalhada, em português e inglês, sobre 21 percursos pedestres, que se desenvolvem ao longo de 128 km, nas ilhas da Madeira e Porto Santo.

De acordo com os dados disponíveis *on-line*, das ERT e Direcções Regionais de Turismo (DRT), existem cerca de 900 quilómetros de percursos pedestres no nosso país, ou seja, cerca de um terço comparando com os dados, apresentados anteriormente (quadro 9), da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. A distribuição dos percursos pelo território é também muito diferente. Considerando a informação disponibilizada pelas ERTs e DRTs (quadro 17), a distribuição de percursos pedestres restringe-se ao Alentejo, Algarve, Serra da Estrela, Açores e Madeira.

As 7 Agências Regionais de Promoção Turística, em articulação entre si e com o Turismo de Portugal, têm a responsabilidade da promoção turística para os mercados externos, de acordo com os respectivos planos regionais de promoção.

A associação de promoção Porto e Norte de Portugal, refere a existência de percursos pedestres na região (quadro 18), nomeadamente na cidade do Porto, no Parque Natural do Alvão, um conjunto de percursos ligados ao Ecomuseu do Barroso, o percurso de Vale de Tedo e a Grande Rota transeuropeia GR14 – Rota dos Vinhos da Europa – Vila Nova de Gaia – Estrasburgo. A informação apresentada é pouco detalhada e nem sempre refere as características técnicas dos percursos, como por exemplo os pontos de partida e de chegada ou extensão, nem sugere *links* para quem procura saber mais.

Utilizando a ferramenta de pesquisa, na página da Associação Turismo do Centro, para encontrar “percursos pedestres”, não é apresentada qualquer informação. Contudo, a página apresenta conteúdos sobre 8 dos Caminhos do Xisto, incluindo descrição da extensão de cada um dos percursos, pontos de partida e de chegada, tipologia, grau de dificuldade, desníveis, altitudes mínima e máxima, época do ano

³⁹ <http://www.madeiraislands.travel/>, 20-02-2010.

aconselhada e pontos de interesse. Não encaminha para a página das Aldeias do Xisto⁴⁰, onde a informação, sobre os 16 Caminhos do Xisto existentes, é mais completa e actual.

Quadro 18. Percursos Pedestres divulgados pelas Agências Regionais de Promoção Turística

Agências Regionais de Promoção Turística	Percursos Pedestres (km)
Porto e Norte de Portugal	20,2
Associação Turismo do Centro	56,5
ATL – Associação Turismo de Lisboa, Visitors and Convention Bureau	-
Associação Turismo do Alentejo	-
ATA – Associação Turismo do Algarve	274,5
APRAM – Associação de Promoção Regional Autónoma da Madeira	128
ATA – Associação de Turismo dos Açores	-
TOTAL	479,2

Fonte: Páginas de Internet das ARPT⁴¹, Fevereiro de 2010

A Associação Turismo do Algarve disponibiliza, para *download*, o mesmo Guia de Percursos Pedestres que se encontra na página da ERT do Algarve. Aqui acha-se disponível em várias línguas, além do português, em inglês, alemão, espanhol e holandês.

A Associação de Promoção Regional Autónoma da Madeira, através de um *link* para a página oficial da Direcção Regional do Turismo da Madeira, oferece informação detalhada, sobre os 128 km de percursos, descrita anteriormente.

O total de quilómetros de percursos pedestres, que constam na informação apresentada nas páginas de Internet das Agências Regionais de Promoção Turística, é de 479,2 quilómetros (quadro 18).

A informação, sobre percursos pedestres, disponibilizada pelos órgãos oficiais de turismo e pela entidade responsável pela sua homologação e registo – a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal – não é coincidente. A distribuição de percursos

⁴⁰ www.aldeiasdoxisto.pt, 20-2-2010.

⁴¹ www.visitportoenorte.com, www.visitcentro.com, www.visitlisboa.com, www.visitalentejo.pt, www.algarvepromotion.pt, www.ap-madeira.pt, www.visitazores.travel, 20-2-2010.

pedestres no território nacional, segundo os dados da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, releva a importância das regiões Norte, Centro e Algarve. No caso da informação disponibilizada pelos órgãos oficiais de turismo, as regiões mais importantes, em número de quilómetros de percursos pedestres, são os Açores, a Madeira e o Algarve.

As entidades oficiais de turismo, nomeadamente as Entidades Regionais do Turismo e as Associações Regionais de Promoção Turística, têm competências ao nível da promoção do turismo nos seus territórios, para os mercados interno e externo, respectivamente. De uma forma geral, pelas análises efectuadas à informação disponibilizada na Internet, transparece que estas entidades não reconhecem a importância dos percursos pedestres como recursos capazes de dinamizar turisticamente uma região, integrando produtos de turismo de natureza – e, como tal, na linha da acção estratégica definida pelo Governo português para o turismo nacional. A excepção é feita nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira e para o Algarve, onde as entidades oficiais têm um papel de destaque na promoção turística dos percursos pedestres.

A articulação entre as entidades regionais de turismo e as associações regionais de promoção, nesta matéria, e com as excepções do Algarve e da Madeira, não existe, contribuindo para a complexidade da tarefa de recolher informação para umas eventuais férias de passeio pedestre.

5. Aldeias e Caminhos do Xisto: a construção de um novo destino de Turismo de Passeio Pedestre

5.1 Retrato Territorial e Enquadramento do Programa das Aldeias do Xisto

“Por entre as serranias verdejantes do interior de Portugal existem aldeias onde o xisto brota do chão e dá forma às casas. Habitadas por gente de uma simpatia contagiante e guardiãs de tradições antigas, descobrimos nelas a verdade das paisagens, a mestria das suas artes, o delicado sabor dos seus produtos artesanais e o calor das suas histórias. Saboreamos o mel, a doçaria, o pão, o queijo e o azeite, sentimos o toque do linho, inspiramos o odor das plantas aromáticas, ouvimos a música dos rebanhos... sentimos a sensação de sentir profundamente.” (Pinus Verde, 2006: 95)

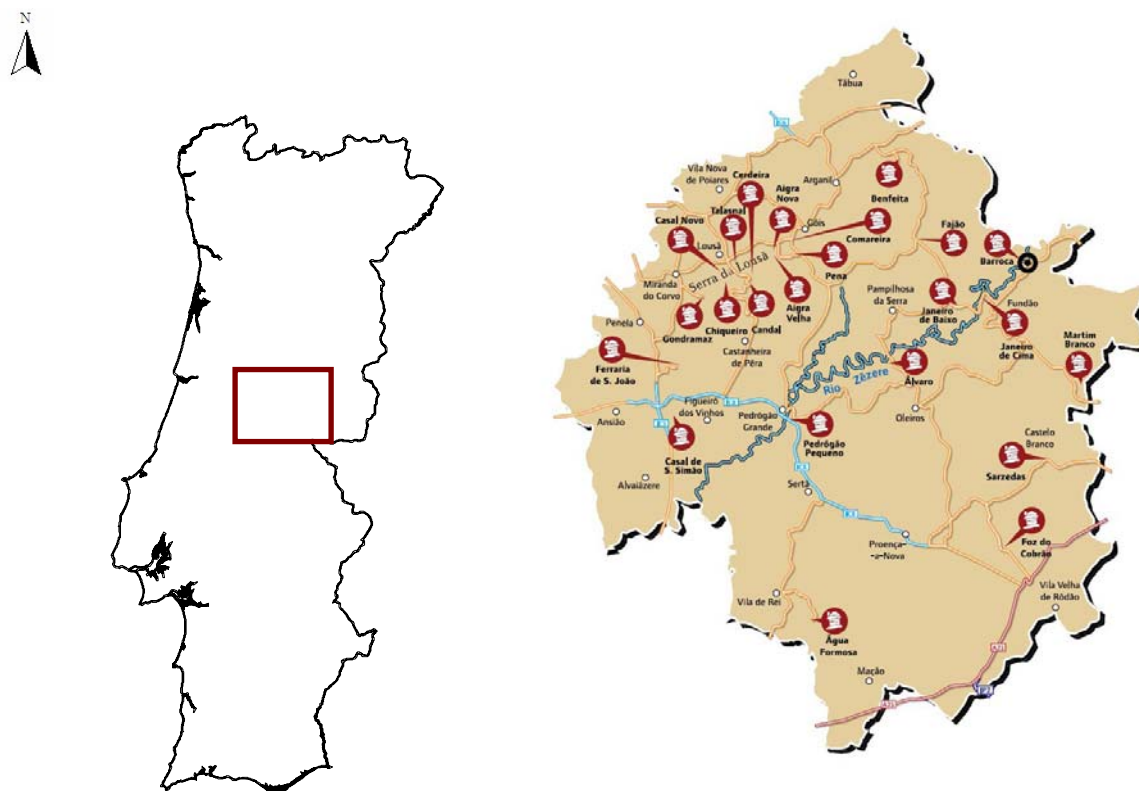
Os territórios montanhosos, com paisagens de elevado interesse natural (e também cultural), são espaços privilegiados para a prática de pedestrianismo e desenvolvimento de produtos de Turismo de Passeio Pedestre.

Ostentando estas características chave, o território das Aldeias do Xisto é um destino turístico recente⁴¹, com forte vocação para o desenvolvimento de produtos de Turismo de Natureza, nomeadamente o Turismo de Passeio Pedestre, na região Centro do país, onde este tipo de produto turístico é de desenvolvimento prioritário. Neste contexto, é aqui apresentado como exemplo de construção de um destino de Turismo de Passeio Pedestre.

A Rede das Aldeias do Xisto cobre uma área que integra 24 aldeias em 14 concelhos do Pinhal Interior, na região Centro de Portugal (figura 21). A “Rede das Aldeias do Xisto” é um “projecto de desenvolvimento sustentável, de âmbito regional, liderado pela ADXTUR – Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, em parceria com 16 Municípios da Região Centro e com mais de 70 operadores privados que actuam no território. A ADXTUR congrega vontades públicas e privadas de uma região, que se revêem na gestão partilhada de uma marca, na promoção conjunta de um território, na criação de riqueza através da oferta de serviços turísticos e, finalmente, na

⁴¹ A Agência Regional de Promoção Turística – Turismo do Centro, subdivide o destino Centro de Portugal em 10 destinos turísticos, de entre os quais o destino Aldeias do Xisto. Os restantes 9 destinos são: Aveiro, Buçaco Luso Cúria, Coimbra, Viseu, Serra da Estrela, Naturtejo/Tejo Internacional, Caminhos de Cerejas, Aldeias Históricas e Castelos de Fronteira.

preservação da cultura e do património do mundo rural beirão. Pelo desenvolvimento integrado do território, contra o despovoamento e o esquecimento” (ADXTUR, 2010).⁴²



Fonte: ADXTUR, 2010⁴³

Figura 21. Aldeias do Xisto: enquadramento regional e nacional

O Pinhal Interior é uma sub-região crítica da Cordilheira Central Portuguesa (Carvalho, 2005). É um território de baixa densidade populacional, marcado pelo relevo das serras do Açor, Lousã, Alvelos, Muradal e Sicó e por um carácter predominantemente rural, agravado pelo “perfil singular, a especificidade das potencialidades e problemas da montanha” (Carvalho, 2005).

As áreas de montanha são territórios frágeis, com problemas sociais, económicos e territoriais, sendo os mais evidentes o despovoamento, a carência de serviços e infra-

⁴² Rede das Aldeias do Xisto, <http://www.aldeiasdoxisto.pt/institucional/9/5>, 25-1-2010.

⁴³ Imagem da direita disponível em: http://www.dueceira.pt/trilhos/imgs/mapa_aldeiasxisto.jpg, 24-2-2010.

estruturas básicas, a precariedade das actividades tradicionais, como a agricultura e silvicultura, e ainda a crescente pressão ecológica sobre as áreas mais sensíveis, devido ao abandono das terras e à má gestão dos recursos naturais (Carvalho, 2008).

Contudo, são áreas que apresentam valores patrimoniais e paisagísticos relevantes, que permitem reorientar a sua vocação e reconverter os espaços, dando-lhes novos usos/funções associados à emergência de um novo sistema social de valores, ligado à sociedade urbana e à fruição de tempos livres, que reconhece como excepcionais as qualidades culturais e naturais que melhor identificam as montanhas (Carvalho, 2005).

A montanha é um espaço natural tradicional, de estabilidade e de permanência de valores que já não podem ser encontrados na sociedade urbano-industrial actualmente. (Cunha, 2003 citado por Carvalho, 2005). Também a sua importância ecológica, marcada pela diversidade e riqueza de *habitats*, lhe confere um valor cada vez mais elevado, na esfera do turismo e do lazer.

Do ponto de vista cénico, “as montanhas e os vales não são os mais insignificantes adornos de uma paisagem. A natureza não tem aí aquela monotonia fatigante que transforma um grande trajecto através de uma região plana numa sonolência melancólica. Pelo contrário, o espírito distende-se e revigora-se pela alternância de montanhas e vales, e é desse modo acordado e animado pela alternância de impressões diferentes.” (Schelle, 2008: 77).

O conjunto de todas as características que definem um território de montanha, podem suscitar emoções controversas a um forasteiro. A montanha como um espaço longínquo e desconhecido, pobre, de relevos incómodos e climas imprevistos, onde o desconforto e o perigo residem; ou, por outro lado, a montanha como um território de horizontes grandiosos, de qualidade cénica excepcional, de pitorescas aldeias e lugares, de riqueza natural e cultural, um espaço de autenticidade e tradição, de aprendizagem e desafio, e um lugar de eleição para a prática de actividades na natureza.

O reconhecimento do potencial dos territórios de montanha para a prática de actividades de turismo e lazer tem feito com que estes sejam actualmente pensados como componentes de soluções capazes de revitalizar estes espaços fragilizados.

No âmbito do 3º Quadro Comunitário de Apoio (QCA III), que vigorou entre os anos 2000 e 2006, foi promovido um conjunto de acções integradas que reflectem uma aposta no turismo como motor de desenvolvimento da região do Pinhal Interior. O

Programa Aldeias do Xisto desenvolve-se como uma das principais linhas de acção da “Acção Integrada de Base Territorial do Pinhal Interior”⁴⁴, uma das medidas do Programa Operacional da Região Centro.

Esta acção integrada (componente FEDER) definiu 3 linhas estratégicas de intervenção: um programa de valorização das praias fluviais do território; o Programa das Aldeias do Xisto; e o estabelecimento de uma rede de percursos, que pretendia unir os principais pontos de interesse do Pinhal Interior. O objectivo global da acção é criar marcas que identifiquem e que permitam promover o território (Carvalho, 2006).

Os 24 lugares seleccionados para o Programa Aldeias do Xisto encontram-se repartidos por 14 municípios das sub-regiões do Pinhal Interior Norte, Pinhal Interior Sul, Beira Interior Sul e Cova da Beira (quadro 19).

Quadro 19. Lugares que integram o Programa Aldeias do Xisto

Concelho	Aldeias
Arganil	Benfeita
Castelo Branco	Martim Branco e Sarzedas
Figueiró dos Vinhos	Casal de S. Simão
Fundão	Barroca e Janeiro do Cima
Góis	Aigra Nova, Aigra Velha, Comareira e Pena
Lousã	Candal, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro e Talasnal
Miranda do Corvo	Gondramaz
Oleiros	Álvaro
Pampilhosa da Serra	Fajão e Janeiro de Baixo
Penela	Ferraria de S. João
Proença-a-Nova	Figueira
Sertã	Pedrogão Pequeno
Vila de Rei	Água Formosa
Vila Velha de Ródão	Foz do Cobreão

Fonte: ADXTUR; 2010⁴⁵

⁴⁴ Além dos concelhos do Pinhal Interior Norte e Pinhal Interior Sul, a Acção Integrada de Base Territorial do Pinhal Interior, abrange os concelhos de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Fundão.

⁴⁵ www.aldeiasdoxisto.pt, 20-1-2010.

A geografia do Programa Aldeias do Xisto é marcada por três subconjuntos principais:

- O agrupamento de lugares da Serra da Lousã e da sua bordadura Sudoeste: Aigra Nova, Aigra Velha, Candal, Casal de S. Simão, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro, Comareira, Ferraria de S. João, Gondramaz, Pena e Talasnal;
- O alinhamento das aldeias na proximidade do Médio Zêzere e Serra do Açor (grupo Açor e Zêzere): Álvaro, Barroca, Benfeita, Fajão, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima e Pedrógão Pequeno;
- O subconjunto Tejo-Ocreza, com as aldeias de Água Formosa, Figueira, Foz do Cobrão, Martim Branco e Sarzedas.

A articulação deste território com a região e com o país decorre de três portas de acesso principais: a Serra da Lousã (por via das estradas nacionais: EN2, EN17-1, EN236 e EN342; dos itinerários complementares: IC3 e IC8; e a auto-estrada A23 (Carvalho, 2009).

É uma região onde os acessos rodoviários são fundamentais, tendo melhorado substancialmente nos últimos anos. As cidades mais próximas são Coimbra, Castelo Branco e Fundão. Coimbra encontra-se nos principais eixos rodoviário e ferroviário, que ligam o Norte e o Sul do país, distando, em termos horários, cerca de uma hora e meia do aeroporto do Porto e duas horas do aeroporto de Lisboa. Os acessos às cidades de Castelo Branco e Fundão, a partir de Lisboa, foram objecto de consideráveis melhorias nos últimos anos, com a construção do IC8, ligando Pombal a Castelo Branco e a auto-estrada A23, que faz a ligação entre a auto-estrada A1, em Torres Novas, e a Guarda, passando por Castelo Branco e Fundão.

Partindo de um cenário de iminente abandono das aldeias, com problemas infra-estruturais, económicos e sociais que urgia resolver (falta de abastecimento domiciliário de água, saneamento e tratamento de efluentes, falta de unidades de alojamento turístico e restauração, baixa densidade populacional e envelhecimento da população), o Programa das Aldeias do Xisto, sustentado por cuidadosos trabalhos de análise e diagnóstico, desenvolveu um vasto conjunto de iniciativas, em 4 vertentes principais: infra-estruturas, qualificação de espaços públicos, imóveis públicos ou comunitários, e imóveis particulares.

A actuação através de cada uma das componentes referidas, assentes em Planos de Aldeia previamente elaborados, está subjacente a uma lógica de sustentabilidade, onde são determinantes: o factor humano (as aldeias foram feitas para albergar pessoas); a qualidade de vida dos residentes (dentro das suas casas e nos espaços públicos); o factor patrimonial (arquitecturas e técnicas de construção características do território); o factor economia (estímulo de pequenas actividades que tirem partido do conjunto de intervenções feitas nas aldeias); e o factor escala (determinante na criação de uma imagem de marca transversal ao território, criando capacidade de resposta a níveis de solicitações até então inexistentes) (Carvalho, 2006).

Numa linha de reabilitação social foram realizadas diversas acções de formação dirigidas à população das Aldeias do Xisto, no sentido de dotá-las com as competências necessárias em diversas áreas (atendimento turístico, tecelagem, pedreiros do xisto, gastronomia, entre outras) (Pinus Verde, 2006).

A implementação dos Planos de Aldeia, por via da requalificação territorial dos lugares serranos, contribuiu para melhorar a qualidade de vida das populações locais e assegurou um conjunto de condições fundamentais que permitiram lançar as bases de um produto turístico vocacionado para os segmentos da procura relacionados com o turismo cultural, o turismo de natureza, o turismo de aldeia e o turismo activo (Carvalho, 2009).

Assim, o Programa Aldeias do Xisto, a articulação entre as diferentes aldeias e uma gestão e promoção em rede, através da Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR), permitiram a afirmação de um novo destino turístico e de lazer, na região Centro do país, o destino Aldeias do Xisto, com um projecto contínuo de dinamização do território.

O projecto de dinamização da Rede das Aldeias do Xisto já alargou a sua marca a sub-marcas e projectos complementares: a Rede de Lojas das Aldeias do Xisto, que comercializa produtos locais; o Calendário de Animação das Aldeias do Xisto, um programa permanente de eventos idealizados em conjunto com os parceiros locais do território; Rede de Património do Xisto, um projecto internacional de parceria com Røros, um local UNESCO, na Noruega; e a Rede de Praias Fluviais, que junta algumas das zonas fluviais mais deslumbrantes do território (ADXTUR, 2010).

Paralelamente, e em sintonia com todo o trabalho desenvolvido, foram definidos e implementados, até à data, 16 percursos pedestres de pequena rota – os Caminhos do Xisto

– prevendo-se ainda a marcação de um percurso de grande rota que atravessasse todo o território, unindo as diferentes aldeias, que se assumem cada vez mais como um destino único.

A integração das Aldeias do Xisto na geografia dos destinos turísticos e do lazer enquadra-se no âmbito das novas motivações do mercado, nomeadamente a aquisição de habitação secundária, o retorno às origens, a aquisição de produtos endógenos, a procura de paisagens de elevada qualidade estética e ambiental, a valorização do património natural e cultural, o desejo de viver novas experiências e a prática de actividades ao ar livre (Carvalho, 2009). A procura de paisagens de elevada qualidade estética e ambiental, viver experiências de grande valor simbólico e interagir e usufruir da Natureza, são motivações que se associam ao Turismo de Passeio Pedestre.

5.2 Recursos Patrimoniais e Turismo

“Da Lousã até à Estrela e para nascente, até à Serra da Sertã e Gardunha, estende-se uma carreira de serras onduladas, que, vistas do Trevim, da Toita (entre Pampilhosa da Serra e Fajão), do Picoto da Cebola, ou do Picoto do Piódão, ambos com mais de 1400 metros próximos já da Estrela, sendo o último ponto o mais alto da Serra do Açor, dão a impressão dum vasto mar de enormes ondas arredondadas, aqui e além raros rochedos a porem uma nota áspera naquele oceano de curvas doces e grandiosas.”⁴⁶

“Estas serranias de xisto dão uma paisagem de formas confusas: cimos pontiagudos ou em cúpula, nesgas de planaltos, lombas de encostas convexas, vales profundos e apertados, tudo de uma desoladora nudez. Na Primavera há matizes preciosas de roxo e verde, enquanto as urzes florescem. Mas no Verão, por um calor atroz, quando as estevas rescendem a ládano, tudo é cinzento e acastanhado, banhado numa luz baça e uniforme; e o viajante perde a curiosidade deste relevo variado mas sempre igual e cansa-se dum horizonte de montanhas altas mas sem grandeza, despidas e tristes (...) Contribuem muito para reforçar o aspecto desolador da paisagem as raras marcas de presença humana, tão esparsas e ténues que se chega a ter a impressão de serranias despovoadas. Não o são, na

⁴⁶ Guia de Portugal – Volume III, Tomo II – Beira Baixa e Beira Alta, 2.ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian (1994: 675).

verdade. Mas as casas de xisto e os telhados sujos de ínfimos lugarejos fundem-se no tom geral dos montes.”⁴⁷

Este cenário, descrito em meados do século passado, veste-se hoje de verde, mostra recantos de águas límpidas, completa-se com refúgios de floresta antiga de castanheiros, carvalhos seculares e resquícios da primitiva floresta laurissilva. Anima-se com a presença humana disposta a receber o viajante e mostra pitorescas casas de xisto em acolhedoras aldeias adaptadas às exigências de conforto dos dias de hoje, onde habitam antigos e novos inquilinos, a quem se juntam visitantes ocasionais, para passar um ou mais dias.

O património natural é rico. Os “vales profundos e apertados” da Serra da Lousã⁴⁸ constituem importantes habitats, protegidos por directivas comunitárias. O ponto mais alto da Serra da Lousã é o Alto do Trevim, com 1205 metros de altitude. Devido à acentuada orografia, e variantes climáticas, a vegetação é muito diversificada, desde as azinheiras nas zonas mais secas e ensolaradas até aos castanheiros e carvalhos nas zonas mais húmidas e frias. As linhas de água, com a vegetação associada, constituem os habitats mais bem conservados. A fauna da Serra da Lousã guarda preciosidades como o melro d’água, a petinha dos campos ou o dom fafe, a salamandra lusitânica e a rã ibérica ou ainda espécies mais frequentes como o javali, a raposa, o gato bravo ou o veado (CCDRC, 2010).

Na Serra do Açor, encontra-se classificado o Complexo do Açor⁴⁹. Integra a área de Paisagem Protegida da Serra do Açor (PPSA)⁵⁰, abrangendo quatro sítios: Fajão, S. Pedro do Açor, Mata da Margaraça e Cebola (ICNB, 2010).

Dos ecossistemas presentes na PPSA, a Mata da Margaraça é uma relíquia de floresta primitiva de carvalho alvarinho. Esta formação florestal é também a melhor representante actual de uma variante rara dessa mesma vegetação, caracterizada pela presença de alguns elementos de cariz mediterrânico como o medronheiro, o folhado e o loureiro. No estrato arbóreo da Margaraça dominam o carvalho roble e o castanheiro, existindo ainda alguns exemplares muito antigos destas espécies. É possível encontrar, em

⁴⁷ Guia de Portugal – Volume III, Tomo II – Beira Baixa e Beira Alta, 2.ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian (1994: 628-629).

⁴⁸ Sítio da Serra da Lousã, da Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE) publicado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000 de 5 de Julho, com uma área de 15158 ha, nos concelhos de Lousã, Góis, Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos e Miranda do Corvo.

⁴⁹ Sítio da Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE) publicado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000 de 5 de Julho, abrange uma área de 1362 ha, dos concelhos de Arganil, Pampilhosa da Serra, Covilhã e Seia.

⁵⁰ Decreto-Lei n.º 67/82 de 3 de Março.

menor abundância, outras caducifólias como aveleiras, ulmeiros, cerejeiras e nogueiras. A presença de exemplares de grande porte de espécies como o azevinho e o azereiro contribuem para a riqueza desta mata. A presença de espécies de grande interesse científico levou à classificação como Reserva Biogenética do Conselho da Europa (CCDRC, 2010).

É na Serra do Açor que nasce o rio Ceira, que guarda uma das melhores matas ribeirinhas da região Centro. Estas matas dão abrigo a uma fauna diversificada e característica, destacando-se o javali, a gineta, a raposa, a fuinha, a doninha, a lontra e a rã ibérica. Na avifauna destacam-se o açor (símbolo da Área Protegida), o gavião, a coruja do mato, o melro de água e a alvéola cinzenta (CCDRC, 2010).

A Fraga da Pena, em plena Serra do Açor, constitui um interessante acidente geológico atravessado por uma linha de água, na Barroca de Degraínhos, o que resulta numa sucessão de cascatas. Existem aqui condições especiais de abrigo e elevada humidade atmosférica, tornando este local óptimo para o desenvolvimento de espécies de musgos e de fetos, que cobrem as paredes de xisto ao longo da linha de água, criando uma paisagem surpreendente (CCDRC, 2010).

Com uma paisagem bastante diferente, a Serra de Sicó, integra o sítio de Sicó / Alvaiázere,⁵¹ muito rico em fitodiversidade devido ao predomínio de substratos calcários nos quais se desenvolvem comunidades de orquídeas. O sítio inclui as mais importantes áreas contínuas de carvalhais de carvalho ibérico e azinhais sobre calcários, em Portugal. Inclui uma extensa rede de grutas importantes para os morcegos, existindo aqui grande diversidade de espécies. A colónia de morcego de peluche, espécie classificada "vulnerável", é uma das maiores do país (CCDRC, 2010).

Apesar da forte intervenção humana, a Serra da Gardunha⁵², é uma área com grande potencialidade para a conservação, uma vez que encerra carvalhais mistos de carvalho negral e carvalho alvarinho. Constitui o único local de ocorrência da planta prioritária *Asphodelus bento-rainhae*, endemismo exclusivo da encosta norte da Serra da Gardunha (CCDRC, 2010).

⁵¹ Sítio da Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE) publicado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000 de 5 de Julho. Tem uma área de 31 678 ha, abrangendo o concelho de Soure, no Baixo Mondego, e também os concelhos de Ansião, Pombal, Penela e Alvaiázere.

⁵² Sítio da Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE) publicado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97 de 28 de Agosto. Ocupa uma área de 5 892 ha, nos concelhos de Castelo Branco e Fundão.

O território transformou-se, adaptando-se às exigências da sociedade urbana de hoje. Os “ínfimos lugarejos” de antes, são as acolhedoras aldeias de hoje, com alojamento, restaurantes e lojas onde se vendem os produtos locais: artesanato, mel, doces, licores, ervas aromáticas, entre outros (figura 22).



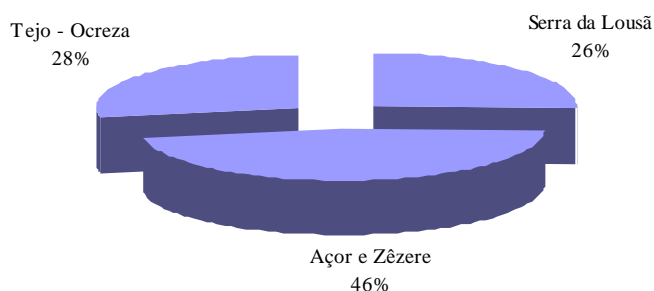
Figura 22. Aldeia do Xisto de Cerdeira

A região dispõe actualmente de 1739⁵³ camas de alojamento turístico (ADXTUR, 2010), grande parte concentrado nas cidades e vilas de maior dimensão, onde existem estabelecimentos, de tipologias diversas, de capacidade média: Castelo Branco, Fundão e Lousã. Os restantes lugares estão servidos por pequenas unidades, de capacidade mais reduzida (quadro VI).

A área “Açor e Zêzere”, onde se situam as cidades de Castelo Branco e Fundão, é aquela que concentra o maior número de camas (figura 23).

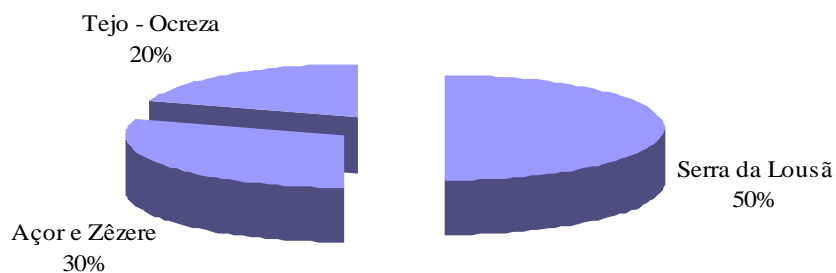
Contudo, é na área da “Serra da Lousã” que existe o maior número de estabelecimentos (figura 24).

⁵³ De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, a capacidade em Estabelecimentos Hoteleiros (não inclui Turismo no Espaço Rural nem Pousadas de Juventude), nos 14 concelhos que constituem o território Aldeias do Xisto, é de 1949 camas. (dados referentes ao ano de 2008, disponíveis em www.ine.pt, 10-3-2010).



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da ADXTUR, 2010

Figura 23. Alojamento turístico nos municípios das Aldeias do Xisto: número de camas



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da ADXTUR, 2010

Figura 24. Alojamento turístico nos municípios das Aldeias do Xisto: número de estabelecimentos

As aldeias de Talasnal, Gondramaz, Pena, Comareira, Ferraria de S. João e Casal de S. Simão, na Serra da Lousã, Janeiro de Cima, Álvaro e Fajão, na região Açor – Zêzere, e Foz do Cobrão, na região Tejo – Ocreza, dispõem de alojamento na aldeia. São pequenas unidades, com capacidade de alojamento entre as 2 e as 13 camas. No total são 14 unidades de alojamento e 85 camas (quadro 20).

Quadro 20. Alojamento Turístico nas Aldeias do Xisto

Estabelecimento	Nº camas	Aldeia	Região
Casa Princesa Peralta	6	Talasnal	Serra da Lousã
Pátio do Xisto – TER	5	Gondramaz	Serra da Lousã
Casa da Cerejinha	4	Pena	Serra da Lousã
Casa do Neveiro	2	Pena	Serra da Lousã
Casa de Campo da Comareira	6	Comareira	Serra da Lousã
Casa do Zé Sapateiro	11	Ferraria de S. João	Serra da Lousã
Casa A Lura	5	Casal de S. Simão	Serra da Lousã
Casa do Pedro	8	Casal de S. Simão	Serra da Lousã
Casa de Janeiro	13	Janeiro de Cima	Açor e Zêzere
Casa da Pedra Rolada	6	Janeiro de Cima	Açor e Zêzere
Casa dos Hospitalários	9	Álvaro	Açor e Zêzere
Casa da Moita	4	Fajão	Açor e Zêzere
Casa do Cerro	2	Foz do Cobrão	Tejo – Ocreza
Casa da Meia Encosta	4	Foz do Cobrão	Tejo - Ocreza

Fonte: Elaboração própria, com base em dados da ADXTUR, 2010

Quatro aldeias dispõem de restaurante: Casal de S. Simão, Fajão, Gondramaz e Talasnal. Estes oferecem gastronomia tradicional da região.

Existem Lojas Aldeias do Xisto em Aigra Nova, Barroca, Candal, Casal de S. Simão, Fajão, Figueira e Martim Branco, prevendo-se abrir brevemente novas lojas em Álvaro e em Benfeita (figura 25). Nas lojas Aldeias do Xisto é possível comprar objectos de artesanato, tradicionais ou modernos, ou produtos alimentares produzidos localmente, como o mel, os licores, as ervas aromáticas e os doces.

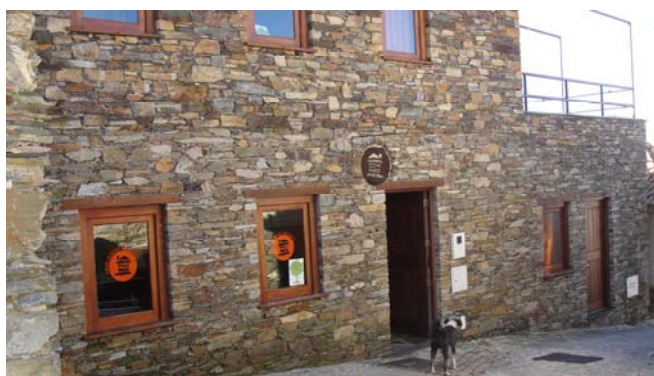


Figura 25. Loja do Xisto de Aigra Nova

Em Ferraria de S. João, Gondramaz e na Lousã foram criados Centros de BTT. Os Centros de BTT das Aldeias do Xisto são locais de acolhimento dotados de equipamentos dedicados aos praticantes de bicicleta todo-o-terreno (BTT), oferecendo estacionamento, balneários e estação de serviço para bicicletas em regime de *self-service*. Integram uma rede de trilhos, para diferentes modalidades de BTT, sinalizados com marcações específicas, adoptadas internacionalmente, com quatro níveis de dificuldade adequados a todos os tipos de utilizadores, desde os que pretendem iniciar-se até aos mais exigentes.

O território conta ainda com uma rede de 21 praias fluviais – as Praias Fluviais da Rede das Aldeias do Xisto, vigiadas e dotadas de equipamentos de lazer e apoio aos banhistas.

5.3 Percursos Pedestres da Rede das Aldeias do Xisto

Os “Caminhos do Xisto” são 16 percursos pedestres, de pequena rota, implementados no território das Aldeias do Xisto. Aproveitando caminhos antigos, os percursos desenvolvem-se a partir das aldeias, ou nas suas proximidades, possibilitando um contacto muito próximo com o território e os seus valores naturais e culturais.

De acordo com a ADXTUR, a implementação desta rede de caminhos, pretende ser um factor de inovação do produto turístico existente no território, aumentando a capacidade de atracção e a qualidade do mesmo, contribuindo para a criação de um destino de excelência de Turismo de Natureza, permitindo ainda o alargamento das actividades de lazer, não só para os turistas como para a população local.

No total, são quase 120 km de percursos sinalizados, ligados a 17 das 24 aldeias que constituem a rede de Aldeias do Xisto. A maior parte dos percursos são circulares, com início e fim numa das aldeias (quadro VII). O Caminho do Xisto das Aldeias de Góis, une 4 aldeias: Aigra Nova, Aigra Velha, Pena e Comareira. Apenas 3 dos Caminhos do Xisto assumem a forma linear, com o ponto de chegada diferente do ponto de partida (quadro 21).

Quadro 21. Caminhos do Xisto

Percurso	Aldeia(s) / Concelho	Forma	Extensão (km)
CX da Barroca	Barroca / Fundão	Circular	9,2
CX Rota das Aldeias Serranas	Talasnal, Casal Novo / Lousã	Circular	6
CX Rota dos Moinhos	Lousã	Circular	6
CX de Álvaro - Longra	Álvaro / Oleiros	Circular	7
CX Álvaro - Gaspalha	Álvaro / Oleiros	Circular	6
CX de Gondramaz	Gondramaz / Miranda do Corvo	Linear	5,6
CX de Sarzedas	Sarzedas / Castelo Branco	Circular	15
CX das Aldeias de Góis	Aigra Nova, Aigra Velha, Pena e Comareira / Góis	Circular	9,2
CX de Casal de S. Simão	Casal de S. Simão / Figueiró dos Vinhos	Circular	5,1
CX de Figueira	Figueira / Proença-a-Nova	Circular	6,3
CX Acessível do Gondramaz	Gondramaz / Miranda do Corvo	Linear	0,45
CX de Água Formosa	Água Formosa / Vila de Rei	Circular	7,4
CX da Foz do Cobrão	Foz do Cobrão / Vila Velha de Ródão	Circular	11,3
CX de Fajão	Fajão / Pampilhosa da Serra	Circular	4
CX de Martim Branco	Martim Branco / Castelo Branco	Linear	9,5
CX da Benfeita	Benfeita / Arganil	Circular	10
TOTAL			118,05

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da ADXTUR, 2010

Todos os percursos se encontram marcados/sinalizados de acordo com as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal e foram submetidos ao processo de homologação, que se encontra em curso (ADXTUR, 2010).

A informação sobre os percursos encontra-se disponível, em português e inglês, na página de Internet das Aldeias do Xisto.

Para cada um, com exceção dos dois Caminhos do Xisto da Lousã, existe um folheto (figura 26), disponível para *download*, com informação bastante detalhada, que inclui: identificação do percursos, mapa/esquema, distância, duração, tipo (circular ou linear), desnível acumulado, altitude máxima e mínima, texto descritivo, pontos de interesse, altimetria, grau de dificuldade, época do ano aconselhada, informações e contactos úteis, sinalética, normas de conduta e identificação dos promotores.

Fonte: ADXTUR, 2010

97

Adicionalmente, encontra-se disponível, *on-line*, informação para GPS.

Utilizando a informação disponível nos folhetos, é possível caracterizar a rede de Caminhos do Xisto (CX), evidenciando os seus principais atributos (figura 22).

Quadro 22. Caminhos do Xisto: altitudes, desníveis e grau de dificuldade

Percurso	Alt. Min.	Alt. Max.	Desnível Acumulado	Grau de dificuldade			
				Advers. do meio	Orient.	Tipo de piso	Esforço físico
CX da Barroca	350	439	205	2	2	2	2
CX Rota das Aldeias Serranas	223	574	905	2	2	3	3
CX Rota dos Moinhos	133	276	433	-	-	-	-
CX de Álvaro - Longra	328	650	490	1	2	2	2
CX Álvaro - Gaspalha	271	466	368	1	2	2	2
CX de Gondramaz	231	643	640	2	1	3	2 ou 3
CX de Sarzedas	273	420	402	1	1	2	3
CX das Aldeias de Góis	543	792	639	2	1	2	3
CX de Casal de S. Simão	196	319	276	1	1	3	2
CX de Figueira	294	397	182	1	1	1	2
CX Acessível do Gondramaz	600	640	20	1	1	1	1
CX de Água Formosa	220	326	211	1	1	2	2
CX da Foz do Cobreão	134	430	541	2	2	3	3
CX de Fajão	625	865	318	2	2	3	2
CX de Martim Branco	266	348	188	2	2	3	2
CX da Benfeita	299	598	576	2	1	3	3

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da ADXTUR, 2010

A extensão dos percursos é variável, sendo o mais curto o Percurso Acessível de Gondramaz (PR1MCV), um percurso linear com 450 metros de extensão. Este é um

percurso quase plano, que foi concebido com a finalidade de possibilitar a sua utilização por pessoas portadoras de incapacidade, com utilização de soluções técnicas diferenciadoras, ao nível do pavimento, sinalética e equipamentos (figura 27).



Figura 27. Percurso acessível de Gondramaz

O percurso mais extenso é o Caminho do Xisto de Sarzedas, um percurso circular, com 15 quilómetros de extensão. Em termos horários, os percursos têm, na generalidade, meio-dia (2 a 3 horas), a um dia de duração média.

O quadro “Caminhos do Xisto: altitudes, desníveis e grau de dificuldade” mostra, para cada percurso, as altitudes mínima e máxima, em metros, que se atingem ao longo do itinerário, bem como o desnível acumulado e o grau de dificuldade.

O grau de dificuldade é apresentado numa escala de 1 a 5 (do mais fácil ao mais difícil), de acordo com o MIDE (*Método de Información de Excursiones*), utilizado e divulgado pela Federação Espanhola de Desportos de Montanha e Escalada. Este método de classificação de percursos, em função do seu grau de dificuldade, considera 4 factores: a adversidade do meio natural, a dificuldade de orientação no itinerário, o tipo de piso/dificuldade de deslocação e a quantidade de esforço físico necessário, de acordo com a graduação apresentada na tabela “MIDE – *Método de Información de Excursiones*”, no quadro VIII (em anexo). Segundo esta classificação, os Caminhos do Xisto são percursos de dificuldade reduzida ou média, sendo, na generalidade, a maior dificuldade relacionada com o “esforço físico” e com “o tipo de piso”.

O maior ou menor esforço físico necessário para percorrer cada um dos caminhos é determinado pelo número de horas de marcha efectiva. Ao nível 3, por exemplo, corresponde um percurso com 3 a 6 horas de marcha. O CX de Gondramaz apresenta dois níveis de esforço físico, o nível 2 é para o caso do percurso ser feito em descida e o nível 3, caso o percurso seja feito em subida.

O “tipo de piso”, ou grau de dificuldade de deslocação, é determinado pelo tipo de superfície que se encontra ao longo do percurso. O nível 1, atribuído apenas a dois dos Caminhos de Xisto, corresponde a um piso liso. Sendo percursos em caminhos de montanha, a generalidade dos Caminhos de Xisto apresenta, neste parâmetro, o nível 2 ou 3, correspondendo, respectivamente, a marcha em caminhos de terra / trilhos ou marcha em caminhos declivosos ou terrenos irregulares (figura 28).



Figura 28. Caminho de Xisto da Água Formosa: caminho de terra / trilho

Os percursos desenvolvem-se a partir de uma altitude mínima de 154 metros (Foz do Cobreão) e uma altitude máxima de 865 metros (ponto mais alto, no CX do Fajão).

Os desníveis acumulados variam entre os 20 metros, no percurso acessível de Gondramaz, e os 905 metros, no CX Lousã – Rota das Aldeias Serranas. Este percurso desenvolve-se entre os 233 e os 574 metros de altitude, em apenas 6 quilómetros.

Na generalidade, os percursos podem ser feitos em qualquer época do ano, com atenção ao calor, no Verão, e à possibilidade de piso escorregadio no Inverno. Os percursos de Gondramaz e Barroca têm troços condicionados pelos caudais de linhas de água nos meses mais húmidos (Outubro a Maio).

Os percursos são ricos em pontos de interesse (quadro 23). Em primeiro lugar, as próprias aldeias construídas, de forma tradicional, em xisto. Saindo das aldeias, ao longo dos percursos, assumem relevância elementos do património cultural etnográfico, arquitectónico ou arqueológico, que testemunham antigas vivências, como moinhos e levadas, lagares, fontes e lavadouros, gravuras rupestres e antigas minas; ou do património natural, como florestas reliquiais, rios e ribeiras, quedas de água, fragas e penedos. Alguns cruzam convidativos espaços de lazer, tais como praias fluviais, parques de merendas e miradouros (quadro IX).

Quadro 23. Pontos de interesse ao longo dos Caminhos de Xisto

	Património Arquitectónico	Património Arqueológico	Património Etnográfico	Património Natural	Espaços de Lazer
Nº de pontos de interesse	23	3	14	16	9

Fonte: ADXTUR, 2010

A responsabilidade de manutenção dos Caminhos do Xisto, assim como da sua dinamização, é, dependendo dos casos, das câmaras municipais, juntas de freguesia, associações locais ou empresas de animação turística. Estas entidades, parceiras na ADXTUR, foram também as responsáveis pela implementação e sinalização dos percursos (figura 29).



Figura 29. Sinalização dos Caminhos do Xisto

5. 4 Operadores e Programas

A aposta na formulação de novos produtos turísticos é uma das valências da ADXTUR. Os novos produtos turísticos a desenvolver devem enquadrar-se no âmbito do Turismo de Natureza, Turismo Desportivo e Turismo Cultural, dirigidos a pequenos grupos, de 4 a 16 elementos, ou *self guided*, proporcionar experiências únicas, de 1 a 7 dias, através de recursos turísticos existentes e empresas de animação, recorrendo a unidades de Turismo em Espaço Rural ou “hotéis de charme”, ao longo de todo o ano (ADXTUR)⁵⁴.

Quadro 24. Programa exemplo: *Trekking* Aldeias do Xisto e Zêzere (2 ou + dias)

Dormida no Hotel Príncipe da Beira (Fundão) ou Casa da Pedra Rolada (Janeiro de Cima)
<i>Trekking</i> Janeiro de Cima - Janeiro de Baixo
Visita à Casa das Tecedeiras
Travessia do Rio em Barca Tradicional
<i>Trekking</i> Bogas – Janeiro de Baixo
Visita à Casa do Mel
Visita à Casa do Cogumelo
Visita ao Grupo de Tecedeiras “Flor do Linho”
Travessia do Rio em Barca Tradicional

Fonte: ADXTUR⁵⁵

O exemplo apresentado (quadro 24), ilustra um programa de Turismo de Passeio Pedestre, onde os passeios a pé, são conjugados com visitas culturais e, para o qual, são oferecidas diferentes tipologias de alojamento turístico à escolha.

Na primeira parte do presente trabalho, foi efectuada uma pesquisa e análise de programas de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal. Uma pequena parte, cerca de 6%,

⁵⁴ Aldeias do Xisto, Territórios de Baixa Densidade – Oportunidades de Desenvolvimento, http://www.dpp.pt/Workshops/Provere/Aldeias_Xisto.pdf (21-1-2010).

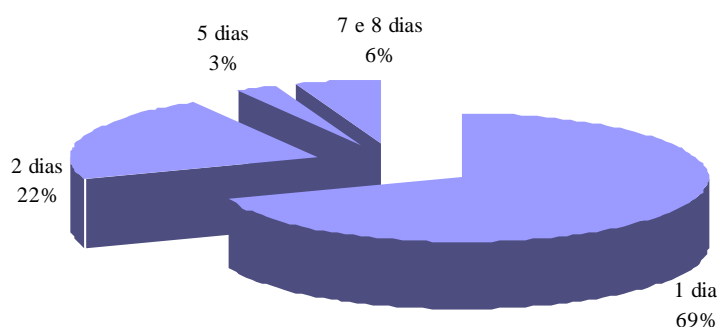
⁵⁵ Aldeias do Xisto, Territórios de Baixa Densidade – Oportunidades de Desenvolvimento, http://www.dpp.pt/Workshops/Provere/Aldeias_Xisto.pdf (21-1-2010).

desses programas tem como destino as Aldeias do Xisto. Destes, cerca de metade referem-se concretamente à área da Serra da Lousã (quadro V).

As empresas que operam no destino Aldeias do Xisto (11 empresas), de acordo com os dados obtidos na pesquisa efectuada, são de nacionalidade portuguesa e 55% com sede na região Centro / Aldeias do Xisto (Fundão, Góis e Lousã). As restantes empresas, que actuam na área, têm sede na região de Lisboa e Vale do Tejo.

De acordo com informação fornecida pela ADXTUR, existem ainda dois operadores alemães a vender férias de passeio pedestre nas Aldeias do Xisto: *Wikinger Reisen* e *Hauser Exkursionen*. Os programas destes dois operadores não foram analisados por não se encontrarem disponíveis *on-line*.

A duração de 69% dos programas é de apenas um dia. Dos que têm duração superior, os mais frequentes são de 2 dias (figura 30).



Fonte: Elaboração própria, com base na pesquisa efectuada

Figura 30. Duração dos programas de Turismo de Passeio Pedestre nas Aldeias do Xisto

No quadro 25, pode observar-se o exemplo de um programa de Turismo de Passeio Pedestre, de 2 dias, nas Aldeias do Xisto, na Serra da Lousã. Este exemplo tipifica a generalidade de programas, de 2 dias, propostos para o território Aldeias do Xisto. São programas centrados num único local de alojamento (incluído ou não no preço), com saídas diárias para realizar passeios a pé. Os passeios são guiados e o preço inclui serviço de guia, transporte, quando necessário, entre o local de alojamento e o local de início / fim

do percurso, seguros de responsabilidade civil e de acidentes pessoais e, pode incluir refeições em restaurante ou *pic-nics* durante os passeios.

Quadro 25. Programa de Turismo de Passeio Pedestre nas Aldeias do Xisto

Tipo de Actividade: Passeio pedestre com guia	
Serviços: Organização e acompanhamento da actividade, Seguro, Transporte e Alojamento	
Alojamento: Inclui 2 noites de alojamento (quarto duplo) e pequeno-almoço em Casa de Turismo Rural	
Duração: 2 dias	
Destino / Zona: Serra da Lousã	
Dia 1	Dia 2
Horas efectivas: 4-6 horas	Horas efectivas: 3-5 horas
Distância: 13-15 km	Distância: 11-13 km
Desnível acumulado: 740-230m	Desnível acumulado: 265-550m
Idade mínima/máxima: 14/65; Mínimo de inscrições: 4 pessoas	
Preço: €150,00/pessoa	

Fonte: Waypoint – Animação Turística e Eventos, Lda. (2010)⁵⁶

O programa de 5 dias é centrado num único local de alojamento e propõe 4 passeios pedestres auto-guiados. Inclui o alojamento, mapas, *tracks* para GPS, e demais documentação de apoio à realização dos percursos e, ainda, apoio de emergência.

Os dois programas de 7 e 8 dias, têm partida da cidade do Porto e incluem o *transfer* de e para o aeroporto. Estes, propõem mais que um local de alojamento, ao longo da semana, e, além das saídas diárias para realização de passeios pedestres, incluem visitas de carácter cultural a locais históricos.

O território Aldeias do Xisto é um destino turístico recente. Até há poucos anos, a generalidade das aldeias estava muito degradada, os acessos eram muito maus e a oferta de alojamento e outros serviços turísticos era quase inexistente.

Hoje, resultante de melhorias nas acessibilidades e da intervenção realizada no âmbito da “Acção Integrada de Base Territorial do Pinhal Interior”, nomeadamente do Programa das Aldeias do Xisto, a região oferece condições para o desenvolvimento de produtos de Turismo de Passeio Pedestre, como o atestam os exemplos observados na pesquisa efectuada.

⁵⁶ http://www.walkinportugal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=84&lang=pt, 22-2-2010.

A par da existência de um interessante conjunto percursos pedestres, definidos e sinalizados de acordo com as normas e recomendações existentes, e da disponibilidade de informação detalhada sobre eles, as características físicas e culturais do território, a oferta de alojamento turístico, a oferta de gastronomia tradicional da região, o programa de animação das aldeias, a existência de serviços de passeios pedestres guiados, a existência de lojas de venda de produtos locais e, ainda a promoção de tudo isto sob uma única marca, a marca Aldeias do Xisto, gerida por uma associação que congrega interesses públicos e privados, são factores que contribuem para a afirmação deste território como destino turístico vocacionado para produtos de Turismo de Natureza, com destaque para o Turismo de Passeio Pedestre.

A tipologia de programas não varia muito. As condições que existem actualmente no território são propícias ao desenvolvimento de programas centrados num alojamento, muitas vezes fora das aldeias, com saídas diárias. A capacidade de alojamento das aldeias é ainda baixa e apenas 4 aldeias dispõem de serviço de refeições, para permitir a oferta de programas centrados nestes lugares.

A criação de um percurso de Grande Rota, tal como previsto, ligando todas as aldeias, proporcionará a oportunidade de desenvolver programas de *trekking*, inovadores em Portugal, de vários dias ao longo de um itinerário, pernoitando nas aldeias. O desenvolvimento deste tipo de programa tem ainda a condicionante da capacidade/existência de alojamento e serviço de refeições ao longo do itinerário.

A participação de grupos em programas de passeio pedestre nem sempre é feita no âmbito de uma prestação de um agente ou operador turístico. O turista individualmente pode organizar os seus próprios programas, de um ou vários dias. O destino Aldeias do Xisto oferece condições para a realização de programas de passeio pedestre, sem recurso a empresas especializadas, desde que centrados num local, com saídas diárias. Os factores que mais contribuem para esta possibilidade são a extensão dos percursos (1/2 dia a 1 dia), a sua forma (circulares), a sinalização e a informação disponível, que permitem que o pedestrianista percorra o trilho em segurança, voltando ao fim de umas horas ao local de início.

A disponibilidade de informação sobre os percursos e os serviços turísticos existentes, na página de Internet das Aldeias do Xisto, permite a qualquer pessoa organizar umas férias de passeio pedestre na região.

O número, dimensão, forma e localização dos percursos oferecem múltiplas possibilidades de combinação para serem usufruídos no âmbito de uma prestação turística com tudo incluído ou de forma mais ou menos livre.

A existência de outros atractivos e serviços, permite ainda a formulação de múltiplos produtos turísticos em que o passeio pedestre tem um papel secundário.

Em síntese, o quadro 26, elaborado com base no quadro 12 (Factores chave para o desenvolvimento do Turismo de Natureza) e adaptado de acordo com a informação analisada, apresenta os factores que se consideram imprescindíveis num destino de turismo de passeio pedestre de excelência e o seu grau de desenvolvimento no destino Aldeias do Xisto:

Quadro 26. Factores chave num destino de Turismo de Passeio Pedestre: grau de desenvolvimento nas Aldeias do Xisto

Áreas de elevado interesse natural	+++
Paisagem de montanha	+++
Património cultural rico	+++
Adequadas infraestruturas de acolhimento, sinalização e equipamentos básicos (áreas de descanso, centros de acolhimento e informação, ...)	+++
Ampla e variada oferta percursos (extensão, dificuldade, etc.) adaptada a diversas tipologias de turistas / visitantes.	+++
Bom funcionamento de prestadores de serviços de apoio: guias, transporte, etc.	++
Alojamento integrado na envolvente natural	++
Restauração com gastronomia tradicional de qualidade	++
Disponibilidade de informação detalhada sobre os percursos e serviços no destino	+++
Legenda: +++ bom grau de desenvolvimento; ++ insuficiente grau de desenvolvimento	

Fonte: Elaboração própria, com base em THR (2006)

Com base na informação sistematizada no quadro 26, pode concluir-se que o destino Aldeias do Xisto é um destino de Turismo de Passeio Pedestre com grande potencial de desenvolvimento.

É um território de montanha de elevado interesse natural, enquadrando-se por isso na tipologia de território que aparece com maior frequência nos programas de pedestrianismo e de Turismo de Passeio Pedestre.

O património cultural é rico e estão em curso diversas de acções com vista à sua valorização e promoção: recuperação das casas de xisto, valorização da gastronomia, entre outros.

Todo o território é gerido sob uma marca única – Aldeias do Xisto – e tem sido alvo de intervenções integradas que contemplaram a criação de adequadas infra-estruturas de acolhimento, sinalização e equipamentos básicos, como áreas de descanso, praias fluviais, centros de acolhimento e informação, entre outras.

A oferta de percursos é ampla, variada e adaptada a diversas tipologias de turistas ou visitantes. Está prevista a expansão de rede de percursos de pequena rota e a criação de um percurso de grande rota, atravessando todo o território, o que vai permitir diversificar a possibilidade de produtos / configuração de programas.

Existe um conjunto de operadores experientes, com conhecimento profundo da região capaz de prestar bons serviços de apoio ao Turismo de Passeio Pedestre. Contudo, estes serviços são prestados no âmbito de programas organizados. Serviços de transporte de bagagens ou de pessoas entre locais de alojamento, ou entre o local de alojamento e o local de início do percurso e regresso, são difíceis de operacionalizar.

A capacidade de alojamento na envolvente natural das Aldeias do Xisto é suficiente, contudo é escassa a oferta de alojamento turístico nas aldeias onde é também muito reduzida a oferta de serviços de restauração.

A disponibilidade de informação sobre os percursos pedestres e serviços turísticos na rede de Aldeias do Xisto é exemplar e regularmente actualizada. Ganharia maior eficácia e difusão, criando melhores acessos a partir dos portais da Entidade Regional de Turismo do Centro e Agência de Promoção Turística Regional Turismo do Centro.

6. Conclusões

A prática de andar a pé em trilhos sinalizados, ou pedestrianismo, é uma actividade que tem vindo a ganhar um número crescente de praticantes. Utiliza, como recurso fundamental, os percursos pedestres que, idealmente, são caminhos preparados para a prática da actividade oferecendo segurança e conforto a quem os percorre.

As principais motivações associadas ao pedestrianismo são o contacto com a natureza, o bem-estar físico e a descoberta, motivações que se encontram descritas para os mercados de Turismo de Saúde e Bem-Estar e, sobretudo, de Turismo de Natureza, mercados com fortes perspectivas de crescimento e identificados, no âmbito do Plano Estratégico Nacional de Turismo, como de desenvolvimento prioritário.

As federações, os clubes, as associações e outras entidades ligadas às actividades de lazer de ar livre são importantes impulsionadores do pedestrianismo, ao promoverem a marcação de percursos pedestres e a realização de actividades de pedestrianismo. O crescente número de praticantes elevou a prática de um lazer informal a uma verdadeira acção turística, potencialmente geradora de benefícios a nível local.

Neste contexto, os percursos pedestres assumem importância como forma de complementar a experiência do turista num determinado destino, ao constituírem mais uma oferta de actividade em que o turista pode participar, mas também podem assumir o papel principal no produto turístico e constituírem a razão da deslocação ao destino.

Existem operadores especializados na venda de produtos de Turismo de Passeio Pedestre, que organizam programas de vários dias de caminhadas em diferentes destinos do globo. Pela sua relação com o território e com o meio natural a maioria destes programas enquadra-se no âmbito do Turismo de Natureza.

Portugal não é um país com forte tradição de pedestrianismo, contudo a actividade tem vindo a desenvolver-se. Fazendo uma avaliação do que o pedestrianismo representa em Portugal, considerando o número de actividades programadas por diversas entidades, pode afirmar-se que, como actividade de lazer, o pedestrianismo tem uma importância significativa, ocorrendo com crescente regularidade em todo o território nacional.

Ao nível da organização de actividades de pedestrianismo, destacam-se as regiões Norte e Lisboa e Vale do Tejo como as principais dinamizadoras. A distribuição geográfica das actividades faz sobressair algumas áreas do território nacional, de Norte a Sul e ilhas, que têm em comum integrarem ambientes de montanha e espaços de elevado interesse natural.

Em Portugal existem quase 3500 quilómetros de percursos pedestres homologados, distribuídos pela totalidade do território nacional, com excepção do arquipélago dos Açores (onde existe uma importante oferta deste tipo de recurso, embora não homologados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal).

À semelhança do que se verifica em relação à distribuição geográfica das actividades de pedestrianismo, também a oferta de percursos pedestres homologados é maior em áreas de montanha e de elevado interesse natural.

Existem territórios onde não existem percursos homologados e é promovida a realização de actividades desta modalidade. De uma forma geral, onde existem percursos pedestres homologados, existem actividades de pedestrianismo programadas. Territórios que não têm actividades programadas, são, salvo raras excepções, territórios onde não existem percursos homologados.

Factores como o elevado interesse natural de uma região ou existência paisagens de montanha determinam a prática de pedestrianismo e também a existência de percursos pedestres homologados. Áreas de montanha e de elevado interesse natural constituem as principais áreas de potencial desenvolvimento de produtos de Turismo de Passeio Pedestre.

Existe um importante conjunto de operadores, portugueses e estrangeiros, a oferecerem produtos de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal. Os programas apresentam-se em diferentes modalidades, em termos de duração e de configuração dos serviços incluídos.

Grande parte dos programas organizados por empresas portuguesas, são programas de 1 dia, sendo escassa, em comparação com o que oferecem os operadores estrangeiros, a oferta de programas com duração superior a 4 dias, o que revela um subaproveitamento da oportunidade de oferecer programas de Turismo de Passeio Pedestre estruturados.

Para todas as regiões de Portugal, existe oferta de programas de Turismo de Passeio Pedestre. Esta oferta, à semelhança do que acontece com a oferta de actividades de pedestrianismo organizadas sem fins turísticos nem comerciais, ocorre com maior frequência em áreas de grande interesse natural e em áreas de montanha.

Destacam-se as regiões Norte e Lisboa e Vale do Tejo, quando se consideram os programas de 1 dia. A apreciação de programas com duração superior confere a importância da região Norte, e faz sobressair também as regiões da Madeira, Algarve, Alentejo e Centro, como principais destinos de turismo de passeio pedestre em Portugal.

A maioria das regiões apresenta programas de 7/8 dias, com excepção do Centro e Lisboa e Vale do Tejo, que figuram em programas de duração mais curta. Estas regiões são as mesmas que quase não figuram nos programas dos operadores estrangeiros. No entanto, são regiões que ocupam posições importantes quando se considera o número de quilómetros de percursos homologados, o número de actividades de pedestrianismo de carácter não comercial e o número de actividades de pedestrianismo com a duração de um dia. Daqui se conclui que, apesar do potencial que oferecem para a prática do pedestrianismo, estas duas regiões não estão a explorar esse valor, do ponto de vista turístico.

Abordando destinos mais específicos, destacam-se as áreas protegidas (parque nacional e parques naturais), em todas as regiões do país, o Douro, no Norte, e as Aldeias Históricas e Aldeias do Xisto, no Centro.

As entidades oficiais de turismo, nomeadamente as Entidades Regionais do Turismo e as Associações Regionais de Promoção Turística, com competências ao nível da promoção do turismo nos seus territórios, para os mercados interno e externo, respectivamente, não estão a promover o Turismo de Passeio Pedestre. A excepção é feita nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira e no Algarve, onde as entidades oficiais têm um papel de destaque na promoção turística dos percursos pedestres.

O destino Aldeias do Xisto é um destino recente, que se afirma pela cuidada revitalização do património construído de micro-territórios de baixa densidade, para fins turísticos, e que integra interessantes elementos culturais e paisagísticos. Os percursos pedestres são assumidos como factor de inovação e parte integrante do produto turístico a desenvolver.

A envolvente natural do território e as intervenções realizadas recentemente no destino Aldeias do Xisto determinaram um conjunto de características que se consideram aqui reunidas e potenciadoras do desenvolvimento de um destino de Turismo de Passeio Pedestre:

- É um território de montanha de elevado interesse natural, enquadrando-se por isso na tipologia de território que aparece com maior frequência nos programas de pedestrianismo e de turismo de passeio pedestre.
- O património cultural é rico e estão em curso diversas de acções com vista à sua valorização e promoção: recuperação das casas de xisto, valorização da gastronomia, entre outros.
- Todo o território é gerido sob uma marca única – Aldeias do Xisto – e tem sido alvo de intervenções integradas que contemplaram a criação de adequadas infra-estruturas de acolhimento, sinalização e equipamentos básicos, como áreas de descanso, praias fluviais, centros de acolhimento e informação, entre outras.
- A oferta de percursos é ampla, variada e adaptada a diversas tipologias de turistas ou visitantes. Está prevista a expansão de rede de percursos de pequena rota e a criação de um percurso de grande rota, atravessando todo o território, o que vai permitir diversificar a possibilidade de produtos / configuração de programas.
- Existe um conjunto de operadores experientes, com conhecimento profundo da região capaz de prestar bons serviços de apoio ao Turismo de Passeio Pedestre.
- A capacidade de alojamento na envolvente natural das Aldeias do Xisto é suficiente.
- A disponibilidade de informação sobre os percursos pedestres e serviços turísticos na rede de Aldeias do Xisto é exemplar e regularmente actualizada.

Por outro lado, importa enfatizar a possibilidade de crescimento dos percursos pedestres e do mercado turístico associado no âmbito de intervenções relacionadas com o actual quadro de execução das políticas públicas.

A título de exemplo, através do PROVERE (Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos, que pretende estimular iniciativas de melhoria da competitividade territorial dos territórios de baixa densidade, através de um consórcio formado por entidades públicas e privadas, a partir de recursos singulares como o património natural e o património cultural), destaca-se a iniciativa “BuY NATURE – Turismo Sustentável em Áreas Classificadas”. Esta iniciativa, coordenada pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (com base numa rede de parceiros públicos e privados dos territórios envolvidos, entre os quais se encontram a Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, a Associação das Aldeias Históricas de Portugal e a Naturtejo), pretende potenciar os recursos endógenos do património natural das áreas classificadas de montanha da Região Centro – complementados pelo respectivo património cultural – através da implementação de uma estratégia de base territorial alicerçada no turismo de natureza, no desporto de natureza e no turismo activo, que se afirme como uma iniciativa que reforce a competitividade do território, com características inovadoras e sustentável (Carvalho, 2009).

Em síntese, a análise da expressão do pedestrianismo e do Turismo de Passeio Pedestre em Portugal, através do estudo da oferta, revela a importância dos recursos existentes para o desenvolvimento deste tipo de produto turístico no nosso país. Permite perceber quais os factores que constituem oportunidades para afirmar um destino de turismo de passeio pedestre. Abre portas para a necessidade de uma abordagem, focada na procura, da actividade de pedestrianismo e do mercado de Turismo de Passeio Pedestre em Portugal.

Bibliografia

. Obras publicadas

Amaro, P. e Carvalho, A. (1996), *Guia da Rede de Percursos da Serra da Lousã*, Quercus, Porto.

Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra (2002), *Carta de Lazer da Beira Serra*, ADIBER, Góis.

Barbosa, A. (2003). *Norte Alentejano – Percursos na Natureza*, Região de Turismo de São Mamede.

Bethan, D. e Cole, B. (2000), *Walking in Portugal*, 2ª edição, Pilapala Press, Grã-bretanha.

Bietolini, A. (2007), *Manual de Caminhada – Trekking*, Arte Plural Edições, Portugal.

Borges, R. e Lima, S. (2006), “O Turismo de Montanha: Abordagem Conceptual e Enquadramento do Produto”, *Turismo & Desenvolvimento*, No. 6, pp. 157-165.

Bolling, G. (2009), “Jeûne et randonnée, une nouvelle forme de prévention diététique”, *Espaces*, N.º 271, Junho de 2009, pp. 42-43.

Carvalho, A. (2006), “Programa das Aldeias do Xisto – Caminhos para o Turismo de Montanha”, *Turismo & Desenvolvimento*, N.º. 6, pp. 27-30.

Carvalho, Paulo (2005), *Património cultural e trajectórias de desenvolvimento em áreas de montanha. O exemplo da Serra da Lousã*. Dissertação de doutoramento em Geografia apresentada à FLUC, Coimbra, 657 pp.

Carvalho, Paulo (2008), “Questionando as trajectórias e as perspectivas de desenvolvimento das áreas de montanha em Portugal – entre marginalização e integração territorial”, in VALENÇA, Márcio (Coord. e Org.): *Globalização e Marginalidade. Desenvolvimento, na teoria e na prática*. Natal, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil), pp. 935-946.

Carvalho, Paulo (2009), “Planeamento, turismo e património em territórios de baixa densidade”, in *Biblos* (Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Coimbra, Faculdade de Letras, Vol. VII (2ª série), pp. 485-506.

Cunha, L. (2006), *Economia e Política do Turismo*, Editorial Verbo.

Davies e Cole (2000), *Walking in Portugal*, 2ª edição, Pila Pala Press, Reino Unido.

EG (2009), “Trek & Trail - L'outdoor garde le rythme”, *Sport Première Magazine*, Julho/Agosto de 2009, pp. 3-4, Paris.

Federação Portuguesa de Campismo (2000), *Pedestrianismo – O desporto dos que andam a pé. Percursos Pedestres – Normas para implantação e marcação*, Federação Portuguesa de Campismo e Secretaria de Estado do Desporto, Portugal.

Fundação Calouste Gulbenkian (1994), *Guia de Portugal. Volume III, Tomo II – Beira Baixa e Beira Alta*, 2.ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Gonçalves, J. (2002), *Passo-a-passo - Percursos Pedestres de Portugal*, Federação Portuguesa de Campismo, Instituto Nacional do Desporto, Lisboa.

Hall, C.M. e Page, S.J. (1999), *The Geography of Tourism and Recreation – environment, place and space*, Routledge, Londres e Nova Iorque.

Hugo, M. (1999), “A comprehensive approach towards the planning, grading and auditing of hiking trails as ecotourism products”, *Current Issues in Tourism*, Vol. 2, N.º 2, pp. 138-174.

Instituto de Conservação da Natureza (2000), *Percursos – Paisagens & Habitats de Portugal*, Assírio & Alvim, Lisboa.

Middleton, V. e Clarke, J. (2002), *Marketing de Turismo*, Campus, Rio de Janeiro.

Ministério da Economia e Inovação (2009), “Decreto-Lei n.º 108/2009”, *Diário da República*, 1.ª série, N.º 94, 15-5-2009, pp. 3035-3045.

Nunes, M. (2008). *Passeios e Percursos Irrepetíveis por Portugal*, A Esfera dos Livros.

Pinus Verde – Associação de Desenvolvimento (2006), “Aldeias do Xisto – Um Novo Destino no Centro de Portugal”, *Turismo & Desenvolvimento*, N.º 6, pp. 95-100.

Região Autónoma dos Açores – Assembleia Legislativa Regional (2004), “Decreto Legislativo Regional N.º 16/2004/A”, *Diário da República*, I Série A, N.º 85, 10-4-2004, pp. 2221-2224.

Região Autónoma da Madeira – Assembleia Legislativa Regional (2000), “Decreto Legislativo Regional n.º 7-B/2000/M”, *Diário da República*, I Série A, N.º 67, 20-3-2000, pp. 1080(2)-1080(6).

Rodrigues, A. (2006), “Os Trilhos Pedestres como uma actividade de lazer, recreio e turismo – uma análise exploratória ao mercado dos trilhos pedestres em Portugal”, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, N.º 6, pp. 83-94.

Romão, F. e Barreiros, P. (1999), *Guia de Percursos da Serra do Açor e Vale do Ceira*, Quercus, Coimbra.

Romão, F. e Barreiros, P. (1999), *Percursos na Serra de Sicó*, Quercus, Coimbra.

Schelle, K. (2008), *A Arte de Passear*, Publicações Europa-América, Portugal.

Sousa, A., Cardoso, R. (2004), *Portugal Passo-a-Passo*, Ed. Afrontamento, Porto.

Tribe, J., Font, X., Griffiths, N., Vickery, R., Yale, K. (2000), *Environmental Management for Rural Tourism and Recreation*, Cassel, Londres e Nova Iorque.

. Documentos disponíveis on-line

Braga, T. (2007), “Pedestrianismo e Percursos Pedestres”, Amigos dos Açores. Pico da

Pedra, Açores, disponível em:

<http://www.scribd.com/doc/3700898/PEDESTRIANISMO-E-PERCURSOS>, 14-2-2009.

CCDR (2010), “Localização geográfica e caracterização das áreas naturais da região Centro”, disponível em:

https://www.ccdr.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=162%3Alocalizacao-geografica-e-caracterizacao-das-areas-naturais-da-regiao-centro&catid=147%3Alocalizacao-das-areas-naturais&Itemid=46&lang=pt, em: 11-03-2010.

Enterprise Cape Breton Corporation (2003), “A Trails for Tourism Strategy for Cape Breton – Executive Summary Report”, disponível em:

<http://www.ecbc.ca/e/PDFs/Trails%20Study03.pdf>, 16-02-2009.

Instituto de Conservação da Natureza (2010), “Plano Sectorial da Rede Natura 2000 – Complexo do Açor”, em http://www.icnb.pt/propfinal/_Vol.III-S%C3%ADtios%20da%20Lista%20Nacional%20e%20Zonas%20de%20Protec%C3%A7%C3%A3o%20Especial/Fichas%20de%20S%C3%ADtios/Sitio%20COMPLEXO%20A%C3%87OR.pdf, disponível em: 11-3-2010.

Kouchner, F. e Lyard, J. (2001), “A valorização do turismo de passeio pedestre nos territórios rurais – Guia pedagógico para a elaboração e execução de um projecto de passeio pedestre”, *Inovação em Meio Rural*, Caderno No. 12, Observatório Europeu Leader, disponível em: <http://ec.europa.eu/agriculture/rur/leader2/rural-pt/biblio/walking/walking.pdf>, 12-02-2009.

THR – Asesores en Turismo Hotelería y Recreación (2006), “Saúde e Bem-Estar”, Turismo de Portugal, Lisboa, disponível em:

<http://www.turismodeportugal.pt/Português/ÁreasActividade/productosedestinos/productosturisticos/Documents/SAUDE%20E%20BEM-ESTAR.pdf>, 16-02-2009.

THR – Asesores en Turismo Hotelería y Recreación (2006), “Turismo de Natureza”, Turismo de Portugal, Lisboa, disponível em:

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Proturismo/ProductoseDestinosTuristicos/ProductosTuristicos/TurismodeNatureza/Anexos/TURISMO%20DE%20NATUREZA.pdf>, 16-02-2009.

Turismo de Portugal (2007), “Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal”, Lisboa, disponível em: http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/conhecimento/planoestrategiconacionaldoturismo/Anexos/PENT_VERSAO_REVISTA_PT.pdf, 11-2-2010.

Turismo de Portugal (2009), “Estrutura e Organização do Turismo em Portugal”, disponível em:

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasActividade/qualificacaooferta/classificacaoqualidade/ofertaturisticaclassificada/Anexos/Estrutura%20do%20Turismo.pdf>, 19-2-2010.

Turismo do Algarve (2009), “Guia de Percursos Pedestres do Algarve”, disponível em: <http://www.turismoalgarve.pt/>, 19-02-2010.

. Sites consultados

A Abegoaria, <http://www.a-abegoaria.com/>, 13-12-2009.

Adventure line, <http://www.adventureline.co.uk/>, 30-10-2009.

ADXTUR - Aldeias do Xisto, <http://www.aldeiasdoxisto.pt/>, 20-3-2010.

Alentejo Adventures, <http://www.alentejoadventures.com/>, 3-11-2009.

Alfa Aventura, <http://www.alfa-aventura.com/>, 14-12-2009.

Alma de Viajante, <http://www.almadeviajante.com/trekking/trekking.php>, 2-9-2009.

Amigos da Natureza, <http://www.amigosdanatureza.pt.to/>, 14-12-2009.

Anitudes, <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=4253>, 13-12-2009.

Arblaster&Clarke Wine Tours, <http://www.winetours.co.uk/>, 30-10-2009.

Associação de Promoção Regional Autónoma da Madeira, www.ap-madeira.pt, 20-2-2010.

Associação Turismo de Lisboa, www.visitlisboa.com, 20-2-2010.

Associação de Turismo dos Açores, www.visitazores.travel, 20-2-2010.

Associação Turismo do Alentejo, www.visitalentejo.pt, 20-2-2010.

Associação Turismo do Algarve, www.algarvepromotion.pt, 20-2-2010.

Associação Turismo do Centro, www.visitcentro.com, 20-2-2010.

A2Z Adventures, <http://www.a2z-adventures.com/>, 27-2-2010.

Breakaway Adventures, <http://www.breakaway-adventures.com/>, 5-11-2009.

Cabra Montez, <http://www.cabramontez.com/>, 15-12-2009.

Cadogan Holidays, <http://www.cadoganholidays.com/>, 5-11-2009.

Caminhos da Natureza, <http://www.caminhosdanatureza.pt/>, 12-12-2009.

Carpe Vita, <http://www.carpe-vita.com/>, 14-12-2009.

Desafio Sul, <http://www.desafiosul.pt/>, 12-12-2009.

Direcção Regional do Turismo dos Açores, <http://www.azores.gov.pt>, 19-02-2010.

Direcção Regional do Turismo da Madeira, <http://www.madeiraislands.travel/>, 19-02-2010.

- Discovery Travel, <http://www.discoverytravel.co.uk/>, 30-10-2009.
- Down Stream, <http://www.downstream.pt/>, 15-12-2009.
- Dueceira - Associação de Desenvolvimento do Ceira e Dueça, <http://www.dueceira.pt/>, 24-02-2010.
- Dunar, <http://www.dunar.pt/>, 13-12-2009.
- Easy Rider Tours, <http://www.easyridertours.com/>, 4-11-2009.
- Ecoland, <http://www.ecoland.pt/>, 15-12-2009.
- Elemento Terra, <http://www.elementoterra.com/>, 15-12-2009.
- Equinócio, <http://www.equinocio.com/>, 14-12-2009.
- Escola de Rafting Atlântico, <http://www.rafting-atlantico.pt/>, 13-12-2009.
- Euromide, <http://www.euromide.info/euromide/index2.php>, 9-10-2009.
- European Ramblers Association, <http://www.era-ewv-ferp.com/>, 2-9-2009.
- Exodus, <http://www.exodus.co.uk/>, 5-11-2009.
- Explore Worldwide Holidays, <http://www.explore.co.uk/>, 5-11-2010.
- Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, <http://www.fcmportugal.com/>, 17-4-2009.
- Fédération Française de la Randonnée Pedestre, <http://www.ffrandonnee.fr/>, 9-10-2009.
- Freedom Treks, <http://www.freedomtreks.co.uk/>, 2-11-2009.
- Freetour, <http://www.freetour.pt/>, 14-12-2009.
- Fuga Perfeita, <http://www.fugaperfeita.com/>, 12-12-2009.
- Geo Fun, <http://www.geo-fun.com/>, 13-12-2009.
- Graine d'Énergie, <http://grainedenergie.com/>, 9-12-2009.
- Grau 5, <http://www.grau5.pt/>, 12-12-2009.
- Hauser Exkursionen, <http://www.hauser-exkursionen.de/>, 25-2-2010.
- Headwater, <http://www.headwater.com/>, 5-11-2009.
- HF Holidays, <http://www.hfholidays.co.uk/>, 5-11-2009.
- Hooked on Walking Holidays, <http://www.responsibletravel.com/>, 5-11-2009.
- Incentivos Outdoor, <http://www.incentivosoutdoor.com/>, 14-12-2009.
- Inntravel, <http://www.inntravel.co.uk/walking/>, 1-11-2009.
- Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade, <http://portal.icnb.pt/>, 28-2-2010.
- Instituto Nacional de Estatística, www.ine.pt, 10-03-2010.
- Inventura, <http://www.inventura-sintra.com/>, 14-12-2009.

- La Pélerine, <http://www.lapelerine.com/home.html> 15-10-2009.
- Livraria Bertrand, <http://www.bertrand.pt/>, 14-2-2010.
- Livraria Amazon, <http://www.amazon.co.uk/>, 14-12-2010.
- Madeira Explorers, <http://www.madeira-levada-walks.com/>, 14-12-2009.
- MinhAventura, <http://www.minhaventura.com/>, 15-12-2009.
- Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território – Agência Portuguesa do Ambiente, Sistema Nacional de Informação Geográfica – Atlas do Ambiente, em <http://www2.apambiente.pt/atlas/est/index.jsp>, 28-1-2010.
- Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território – DPP, <http://www.dpp.pt/>, 21-01-2010.
- Monchique Alternativo, <http://www.alternativtour.com/>, 13-12-2009.
- Montesd'Aventura, www.montesdaventura.com/, 12-12-2009.
- Montesinho Aventura, <http://web.mac.com/montesinhoaventura>, 14-12-2009.
- Muitaventura, <http://www.muitaventura.com/>, 13-12-2009.
- Nature Meetings, <http://www.walkingmadeira.com/>, 14-12-2009.
- Naturetrek, <http://www.naturetrek.co.uk/>, 4-11-2009.
- No Tecto do Mundo, <http://notectodomundo.com/>, 15-12-2009.
- Oficina da Natureza, <http://www.oficinadanatureza.pt/>, 15-12-2009.
- On Foot Holidays, <http://www.onfootholidays.co.uk/>, 5-11-2009.
- Opções & Alternativas, <http://www.opalternativas.com/>, 15-12-2009.
- Ordep Tour, <http://www.ordeptur.com/>, 14-12-2009.
- Organização Mundial do Turismo, <http://www.unwto.org/facts/eng/methodological.htm> (3-1-2010).
- Outdoor Tours, <http://outdoor-tours.net/>, 13-12-2009.
- Outdoor Travel, http://www.outdoortravel.com.au/content/index_html, 5-11-2009.
- Papa-léguas, <http://www.papa-leguas.com/>, 13-12-2009.
- Passeios & Companhia, <http://www.passeiosecompanhia.com/>, 14-12-2009.
- Pedestrianismo e Percursos Pedestres <http://pedestrianismo.blogspot.com/>, 10-12-2009.
- Peter Café Sport, <http://www.petercafesport.com/>, 13-12-2009.
- Picos de Aventura, <http://www.picosdeaventura.com/>, 13-12-2009.
- Planalto, <http://www.parquecerdeira.com/>, 14-12-2009.
- Planeta Lima, <http://www.planetalima.com/pt/>, 15-12-2009.
- Porto e Norte de Portugal, www.visitportoenorte.com, 20-2-2010.

- Portugal Walks, <http://www.portugalwalks.com/>, 5-11-2009.
- Quinta do Pomarinho, <http://www.quintadopomarinho.com/>, 13-12-2009.
- Ramblers, <http://www.ramblers.org.uk/Home.htm>, 9-10-2009
- Ramblers Worldwide Holidays, <http://www.ramblersholidays.co.uk/>, 5-11-2009.
- Responsible Travel, <http://www.responsibletravel.com/>, 5-11-2009.
- Rotas da Terra, <http://www.rotasdaterra.com/>, 14-12-2009.
- Rotas dos Açores, <http://www.rotasdosacores.com/>, 13-12-2009.
- Rotas do Vento, <http://www.rotasdovento.pt/>, 14-12-2009.
- Sabor Douro Aventura, <http://www.sabordouro.com/>, 14-12-2009.
- SAL – Sistemas de Ar Livre, <http://www.sal.pt/>, 14-12-2009.
- Serra Aventura, <http://www.serra-aventura.pt/>, 13-12-2009.
- Sherpa Expeditions, <http://www.sherpa-walking-holidays.co.uk/>, 5-11-2009.
- SITC Gerês Viva, <http://www.geresviva.com/>, 14-12-2009.
- Tapada de Mafra, <http://www.tapadademafra.pt/>, 15-12-2009.
- Terras de Aventura, <http://www.terrasdeaventura.com/>, 14-12-2009.
- Terras e Serras, <http://www.terraseserras.pt/>, 13-12-2009.
- Tours for You, <http://www.toursforyou.pt/>, 14-12-2009.
- Transserrano, <http://www.transserrano.com/>, 14-12-2009.
- Trek-inn Holidays, <http://www.trek-inn.com/>, 2-11-2009.
- Trilhos, <http://www.trilhos.pt>, 14-12-2009.
- Trilhos dos Açores, <http://www.trails-azores.com/>, 20-2-2010.
- Tundra Aventura, <http://www.tundra-aventura.pt/>, 14-12-2009.
- Turismo de Portugal, “Lista Turismo Activo”, disponível em:
<http://www.visitportugal.com/pturismo/Pdf/f37595e5-b6f6-4ba7-b185-30f639f14024.pdf>, 14-04-2009.
- Turismo de Portugal, www.visitportugal.com, 12-1-2010.
- Turismo de Portugal, www.turismodeportugal.pt, 13-01-2010.
- Turismo dos Açores, www.visit-azores.com, 10-12-2009.
- Turismo do Alentejo, <http://www.turismoalentejo-ert.pt/>, 19-02-2010.
- Turismo do Algarve, <http://www.turismoalgarve.pt/>, 19-02-2010.
- Turismo do Centro de Portugal, <http://www.turismodocentro.pt/>, 19-02-2010.
- Turismo do Douro, <http://douro-turismo.pt/concelhos.php>, 21-2-2010.

- Turismo de Leiria – Fátima, <http://www.rt-leiriafatima.pt/>, 19-02-2010.
- Turismo do Oeste, <http://www.rt-oeste.pt/>, 19-02-2010.
- Turismo do Porto e Norte de Portugal, <http://www.portoenorte.pt/>, 19-02-2010.
- Turismo da Serra da Estrela, <http://www.rt-serradaestrela.pt>, 19-02-2010.
- Turismo Terras do Grande Lago – Alqueva, <http://www.turismoalqueva.pt/>, 19-02-2010.
- Turnauga, <http://www.turnauga.net/>, 13-12-2009.
- Turismo da Madeira, <http://www.madeiraislands.travel/>, 20-02-2010.
- Turispico, <http://www.turispico.com/>, 13-12-2009.
- Turistrela, <http://www.turistrela.pt/>, 15-12-2009.
- Utracks, <http://www.utracks.com/>, 5-11-2009.
- Vertente Natural, <http://www.vertentenatural.com/>, 12-12-2009.
- Vivaventura, <http://www.vivaventura.com/>, 15-12-2009.
- Walks Worldwide, <http://www.walksworldwide.com/home.html>, 4-11-2009.
- Waypoint, <http://www.walkinportugal.com>, 22-2-2010
- Wikinger Reisen, <http://www.wikinger-reisen.de/index.php>, 25-2-2010.
- World Walks, <http://www.worldwalks.com/>, 5-11-2009.
- Zebra Safaris, <http://www.zebraincentives-portugal.com/>, 15-12-2009.

Quadro I. Características gerais dos percursos pedestres nos países europeus

País	Percursos sinalizados (Kms)	Características	Cartografia / informação
Alemanha	200 000	GR e PR, cobrindo todo o país; numerosas associações de pedestrianistas; programação nacional de passeios pedestres	Inúmeros guias e mapas de percursos disponíveis on-line e em livrarias
Áustria	44 000	GR e PR; maior ocorrência em áreas de montanha	Guias editados em várias línguas, em livrarias e entidades oficiais de turismo; mapas 1:50000 e 1:100000
Bélgica	5 000	GR e PR	Guias editados em flamengo e francês; mapas 1:25000 e 1:50000
Bulgária	35000	Percursos de montanha	Alguma informação em inglês e alemão; mapas 1:50000
Chipre	539	GR E4	Informação em inglês e grego, na entidade oficial de turismo
Dinamarca		GR e PR; parques de campismo para pedestrianistas, ciclistas e cavaleiros	Folhetos e mapas disponíveis em dinamarquês, em postos de turismo
Eslováquia		PR e GR, nas principais áreas de montanha	Guias e mapas, disponíveis em livrarias, em inglês e/ou alemão
Eslovénia		Percursos na região alpina	Alguns guias publicados em alemão
Espanha		Percursos nas principais áreas de montanha – Pirinéus, Serra Nevada e Picos da Europa	Folhetos, mapas publicados em espanhol; guias publicados fora do país, em inglês e alemão
Estónia		PR e GR	Informação em estónio
Finlândia	11 000		Informação e guias em finlandês, sendo possível encontrar também em sueco, inglês, francês e alemão, para alguns percursos; mapas 1:200 000, 1:100 000 e 1:50 000
França	178 000	PR e GR, cobrindo todo o país	Guias de GR, em francês e inglês; Informação sobre os PR nos postos de turismo locais; mapas 1:25000 e 1:50000
Grã-bretanha	25 000	Percursos marcados e caminhos classificados como “Public Rights of Way” (225 000 Km); <i>Walking Festivals</i>	Publicações e informação disponível <i>on line</i> , entidades de turismo e livrarias; mapas 1:25000 e 1:40000
Grécia		PR e GR em fase de marcação	Guias em inglês e alemão
Hungria	11 000	PR e GR; alojamento turístico ao longo dos percursos	Informação em húngaro e alguma em alemão
Irlanda		PR e GR; <i>Walking Festivals</i>	Informação disponível <i>online</i>
Islândia		Passeios em grupos organizados	Informação na entidade oficial de turismo
Itália		GR na região alpina	Guias em inglês, francês e alemão, em livrarias dentro e fora do país
Holanda	6 000 (GR)	GR e PR	Guias e mapas disponíveis em inglês, francês e alemão em entidades oficiais

			de turismo e livrarias especializadas em viagens
Luxemburgo	5 000	GR e PR; GR ligando a rede de Pousadas de Juventude	Folhetos nas pousadas de juventude e postos de turismo; mapas 1:50000
Noruega	20 000		Informação <i>online</i> em inglês; Publicações em inglês e alemão
Polónia	65 000		Informação na entidade oficial de turismo ou suas delegações regionais, em polaco; para os percursos das montanhas de Tatra, também em inglês e alemão
Portugal		Percursos marcados no Norte, região de Lisboa, Algarve e Madeira	Guias em inglês e alemão em livrarias
República Checa	37 000	Áreas de montanha, rios e lagos	Mapas publicados pela entidade oficial de turismo; alguns guias em alemão
Roménia		Rede de percursos nos Montes Cárpatos	Informação em romeno e alguns guias alemães
Suécia		Abrigos ao longo dos percursos	Para alguns percursos existe informação em inglês e alemão
Suíça	60 000	PR e GR nas montanhas e áreas rurais	Informação em inglês e alemão

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da *European Ramblers Association*, 2009

Quadro II. Actividades de pedestrianismo, por mês, em 2007, 2008 e 2009

Mês / Ano	2007	2008	2009
Janeiro	21	72	69
Fevereiro	24	84	118
Março	32	127	207
Abril	38	139	191
Maiο	85	47	218
Junho	94	44	162
Julho	65	37	149
Agosto	11	-	186
Setembro	100	-	149
Outubro	86	-	143
Novembro	85	-	127
Dezembro	47	-	61
TOTAL	688	550	1780

Fonte: Elaboração própria, com base no *blog* Pedestrianismo e Percursos Pedestres,
Dezembro de 2009

Quadro III. Percursos Pedestres Homologados: Pequena Rota

Concelho	Região	Nº de Percursos	Total de km
Alandroal	Alentejo	6	48,5
Arronches	Alentejo	3	38,6
Borba	Alentejo	1	8
Évora	Alentejo	1	15
Fronteira	Alentejo	5	56,5
Grândola	Alentejo	2	34
Marvão	Alentejo	2	18,7
Nisa	Alentejo	24	143,3
Ponte de Sor	Alentejo	1	11,4
Portalegre	Alentejo	3	32,6
Albufeira	Algarve	4	37,5
Alcoutim	Algarve	8	97
Castro Marim	Algarve	8	73
Loulé	Algarve	9	79,7
Monchique	Algarve	4	25,2
Tavira	Algarve	15	154,4
Vila Real de Santo António	Algarve	3	22
Alcanena	Centro	1	2
Alcobaça	Centro	1	20,3
Alenquer	Centro	1	6
Cadaval	Centro	4	34,4
Covilhã	Centro	2	35
Figueira da Foz	Centro	6	53,6
Gouveia	Centro	1	11,2
Idanha-a-Nova	Centro	3	23,5
Leiria	Centro	1	15
Lourinhã	Centro	2	30,3
Mortágua	Centro	1	7,3
Ourém	Centro	1	10
Porto de Mós	Centro	9	85
S. Pedro do Sul	Centro	4	54,4
Sever do Vouga	Centro	11	70,7
Sobral de Monte Agraço	Centro	1	14
Tomar	Centro	1	20
Torres Novas	Centro	3	23
Vila Velha de Ródão	Centro	2	16
Vouzela	Centro	4	47
Loures	Lisboa e Vale do Tejo	1	14
Rio Maior	Lisboa e Vale do Tejo	4	30,5
Santarém	Lisboa e Vale do Tejo	1	9
Sesimbra	Lisboa e Vale do Tejo	2	8
Sintra	Lisboa e Vale do Tejo	12	78
Funchal	Madeira	3	18,8
Alfândega da Fé	Norte	1	7
Amarante	Norte	2	18
Arcos de Valdevez	Norte	2	10,2
Arouca	Norte	10	106

Barcelos	Norte	3	15,2
Caminha	Norte	1	16
Fafe	Norte	6	72
Felgueiras	Norte	2	10,7
Guimarães	Norte	1	8,2
Melgaço	Norte	1	17
Montalegre	Norte	6	90
Penedono	Norte	1	15
Ponte da Barca	Norte	1	7,5
Póvoa do Lanhoso	Norte	3	15,9
S. João da Pesqueira	Norte	1	13,8
Tabuaço	Norte	4	52,1
Terras de Bouro	Norte	11	95,2
Valença	Norte	2	29,5
Valongo	Norte	1	7
Valpaços	Norte	1	16
Viana do Castelo	Norte	2	29,1
Vieira do Minho	Norte	5	63,1
Vila Nova de Cerveira	Norte	1	8
Vinhais	Norte	1	12
TOTAL		250	2366,9

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da FCMP, Abril de 2009

Quadro IV. Percursos Pedestres Homologados: Grande Rota

Concelho	Região	Percurso	km
Grândola	Alentejo	Caminho do Atlântico	47
Grândola	Alentejo	Vereda de Sto André	31
Alcoutim	Algarve	Via Algarviana	41
Lagos	Algarve	Via Algarviana	19
Loulé	Algarve	Via Algarviana	37
Monchique	Algarve	Via Algarviana	44
Silves	Algarve	Via Algarviana	32,5
Tavira	Algarve	Percurso Descoberta	45
Tavira	Algarve	Via Algarviana	18
Vila do Bispo	Algarve	Via Algarviana	30,5
Cadaval	Centro	Terras de Cadaval	50,8
Idanha-a-Nova	Centro	Rota da Idanha	80
Penamacor	Centro	Vale da Ursa	52
Almada	Lisboa e Vale do Tejo	Caminho do Atlântico	60
Cascais	Lisboa e Vale do Tejo	Caminho do Atlântico	25
Setúbal	Lisboa e Vale do Tejo	Rota do Cabo	50
Sintra	Lisboa e Vale do Tejo	Caminho do Atlântico	27
Barcelos	Norte	Caminho de Santiago	50
Armamar	Norte	Rota do Vinho da Europa	3
Boticas	Norte	Via Romana XVII	8,5
Chaves	Norte	Via Romana XVII	24
Montalegre	Norte	Via Romana XVII	53
Montalegre	Norte	Caminho Transfronteiriço Jacobeu Português	41,6
Póvoa do Lanhoso	Norte	Via Romana XVII	15
S. João da Pesqueira	Norte	Rota do Vinho da Europa	6,8
Tabuaço	Norte	Rota do Vinho da Europa	16,5
Valpaços	Norte	Via Romana XVII	19,7
Vieira do Minho	Norte	Fojos	35
Vinhais	Norte	Via Romana XVII	18
TOTAL			980,9

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da FCMP, Abril de 2009

Quadro V. Operadores e Programas de Turismo de Passeio Pedestre

Operadores			Programas		
Nome	Nacionalidade	Região	Nº de dias	Destino	
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Norte	PNPG
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Norte	Serra do Soajo
Waypoint	Portuguesa	Centro	7	Norte	PNPG
Waypoint	Portuguesa	Centro	7	Norte	PNPG
Waypoint	Portuguesa	Centro	3	Norte	Douro
Waypoint	Portuguesa	Centro	7	Norte	Douro
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Centro	Aldeias do Xisto
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Centro	Aldeias do Xisto
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Centro	Aldeias do Xisto
Waypoint	Portuguesa	Centro	7	Centro	Aldeias do Xisto
Waypoint	Portuguesa	Centro	8	Centro	Aldeias do Xisto
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Centro	Serra do Caramulo
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Centro	Vouzela
Waypoint	Portuguesa	Centro	2	Norte	Serra da Freita
Breakaway Adventures	EUA		8	Centro	Belmonte
Breakaway Adventures	EUA		8	Madeira	Madeira
Breakaway Adventures	EUA		11	Açores	Açores
Breakaway Adventures	EUA		8	Madeira	Madeira
World Walks	RU		8	Algarve	Algarve
World Walks	RU		8	Norte	Norte
World Walks	RU		8	Alentejo	Castelo de Vide e Monsaraz
World Walks	RU		8	Norte	Vale do Lima e PNPG
World Walks	RU		8	Madeira	Madeira
World Walks	RU		8	Madeira	Madeira
World Walks	RU		8	Madeira	Madeira
World Walks	RU		8	Algarve	Monchique, Lagos, Salema
World Walks	RU		8	Algarve	Querença, Alte, Silves
World Walks	RU		7	Norte	
World Walks	RU		5	Norte	Douro
World Walks	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
World Walks	RU		8	Norte	Viana do Castelo e Ponte de Lima
World Walks	RU		5	Norte	PN Montesinho
World Walks	RU		5	LVT	PN Arrábida
World Walks	RU		8	Madeira	Madeira
Inntravel	RU		7	Algarve	Odiáxere
Inntravel	RU		7	Norte	Douro
Inntravel	RU		7	Açores	Açores
Inntravel	RU		14	Açores	Açores
Inntravel	RU		7	Madeira	Madeira
Utracks	Austrália		5	Douro	Douro
Utracks	Austrália		11	Madeira	Madeira
Headwater	RU		8	Centro	Belmonte
Headwater	RU		8	Madeira	Madeira
Headwater	RU		11	Açores	Açores
Headwater	RU		8	Madeira	Madeira
Portugal Walks	RU		8	Algarve	Algarve

Portugal Walks	RU		8	Algarve	Algarve
Portugal Walks	RU		8	Alentejo	PNSSM e Monsaraz
Portugal Walks	RU		8	Norte	PNPG e Vale do Lima
Portugal Walks	RU		8	Norte	Norte
Portugal Walks	RU		8	Madeira	Madeira
Portugal Walks	RU		8	Açores	Açores
Portugal Walks	RU		8	Algarve	Algarve
Portugal Walks	RU		8	Algarve	Via Algarviana
Portugal Walks	RU		8	Algarve	Algarve
Portugal Walks	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Portugal Walks	RU		8	Alentejo	Alentejo
Portugal Walks	RU		5	LVT	PN Arrábida
Portugal Walks	RU		8	Norte	
Portugal Walks	RU		5	Norte	Douro
Portugal Walks	RU		8	Norte	Douro
Portugal Walks	RU		5	Norte	PN Montesinho
Portugal Walks	RU		8	Norte	Costa Verde
Portugal Walks	RU		11	Madeira	Madeira
Portugal Walks	RU		8	Madeira	Madeira
Portugal Walks	RU		8	Madeira	Madeira
Portugal Walks	RU		8	Açores	S. Jorge
Portugal Walks	RU		8	Açores	S. Miguel
Arblastar&Clarkle	RU		7	Norte	Douro
On Foot Holidays	RU		7	Norte	PNPG
Outdoor Travel	Austrália		7	Algarve	Algarve
HF Holidays	RU		8	Norte	Douro
HF Holidays	RU		8	Algarve	Praia da Luz
HF Holidays	RU		15	Algarve	Praia da Luz
HF Holidays	RU		8	Madeira	Madeira
Responsible Travel	RU		8	Madeira	Madeira
Responsible Travel	RU		6	Algarve	Algarve
Responsible Travel	RU		8	Madeira	Madeira
Responsible Travel	RU		8	Açores	Açores
Responsible Travel	RU		8	Norte	PNPG e Vale do Lima
Responsible Travel	RU		8	Alentejo	Alentejo
Responsible Travel	RU		5	Norte	Douro
Responsible Travel	RU		6	Alentejo	PNSSM
Responsible Travel	RU		5	LVT	Serra de Sintra
Responsible Travel	RU		5	LVT	PN Arrábida
Responsible Travel	RU		8	Algarve	Algarve
Responsible Travel	RU		8	Algarve	Algarve
Responsible Travel	RU		8	Algarve	Algarve
Responsible Travel	RU		8	Madeira	Madeira
Responsible Travel	RU		8	Madeira	Madeira
Responsible Travel	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Responsible Travel	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Hooked on Walking Holidays	RU		8	Alentejo	Vale do Guadiana
Hooked on Walking Holidays	RU		8	Madeira	Madeira
Hooked on Walking Holidays	RU		10	Madeira	Madeira
Hooked on Walking Holidays	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Ramblers Worldwide Holidays	RU		8	Algarve	Algarve
Ramblers Worldwide Holidays	RU		8	Algarve	Algarve

Ramblers Worldwide Holidays	RU		8	Norte	Costa Verde
Ramblers Worldwide Holidays	RU		8	Portugal	Porto, Coimbra, Caldas da Rainha
Ramblers Worldwide Holidays	RU		15	Norte	PNPG e Vila Real
Ramblers Worldwide Holidays	RU		15	Norte	Douro
Sherpa Expeditions	RU		8	Madeira	Madeira
Sherpa Expeditions	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Sherpa Expeditions	RU		8	Madeira	Madeira
Quinta do Pomarinho	Portuguesa	Alentejo	12	Alentejo	PNSSM
Quinta do Pomarinho	Portuguesa	Alentejo	12	Alentejo	PNSSM
Alentejo Adventures	Portuguesa	Alentejo	8	Alentejo	Alentejo
Alentejo Adventures	Portuguesa	Alentejo	8	Alentejo	Costa Alentejana
Alentejo Adventures	Portuguesa	Alentejo	8	Alentejo	Alentejo
Trek-inn Holidays	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Explore Worldwide Holidays	RU		14	Açores	S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Pico e Faial
Explore Worldwide Holidays	RU		8	Madeira	Madeira
Exodus	RU		8	Madeira	Madeira
Easy Rider Tours	EUA		8	Algarve	Algarve
Easy Rider Tours	EUA		7	Açores	Açores
Naturetrek	RU		8	Algarve	Serra de Monchique
Cadogan	RU		7	Madeira	Madeira
Discovery Travel	RU		8	Madeira	Madeira
Discovery Travel	RU		8	Madeira	Madeira
Discovery Travel	RU		8	Alentejo	Costa Alentejana
Freedom Treks	RU		8	Alentejo	Alentejo
Walks Worldwide	RU		8	Alentejo	PNSSM
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	1	Norte	Paiva
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	1	Norte	Minho
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	2	Norte	Paiva
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	2	Norte	Paiva
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	2	Norte	Minho
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	2	Norte	Minho
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	2	Norte	Minho
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	3	Norte	Paiva
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	3	Norte	Paiva
Escola de Rafting Atlântico	Portuguesa	Norte	3	Norte	Paiva
Montesinho Aventura	Portuguesa	Norte	2	Norte	PN Montesinho
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra d'Arga
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Costa Verde
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra d'Arga
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Lindoso
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra d'Arga
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	PP Corno do Bico
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
MinhAventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Rotas da Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Chaves
Rotas da Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Chaves
Rotas da Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Rotas da Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Chaves
Dunar	Portuguesa	Norte	1	Norte	Costa Verde
Dunar	Portuguesa	Norte	1	Norte	Costa Verde

Dunar	Portuguesa	Norte	1	Norte	Costa Verde
Dunar	Portuguesa	Norte	1	Norte	Costa Verde
Tundra Aventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Vila Pouca de Aguiar
Anitudes	Portuguesa	Norte	1	Norte	Mirandela
Anitudes	Portuguesa	Norte	1	Norte	Mirandela
Anitudes	Portuguesa	Norte	1	Norte	Mirandela
Anitudes	Portuguesa	Norte	1	Norte	Mirandela
No Tecto do Mundo	Portuguesa	Norte	1	Norte	Douro
No Tecto do Mundo	Portuguesa	Norte	3	Norte	Douro
No Tecto do Mundo	Portuguesa	Norte	1	Norte	Alto Minho
No Tecto do Mundo	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
No Tecto do Mundo	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	Vale do Lima
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	Vale do Lima
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	2	Norte	Norte
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	2	Norte	Norte
Planeta Lima	Portuguesa	Norte	3	Norte	Norte
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	Viana do Castelo
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Oficina da Natureza	Portuguesa	Norte	1	Norte	Douro
Elemento Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra d'Arga
Elemento Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra d'Arga
Elemento Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra da Freita
Elemento Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra da Freita
Elemento Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Norte
Elemento Terra	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra da Freita
Incentivos Outdoor	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Trilhos	Portuguesa	Norte	5	Açores	Açores
Trilhos	Portuguesa	Norte	1	Norte	rio Côa
Trilhos	Portuguesa	Norte	1	Norte	PN Montesinho
Trilhos	Portuguesa	Norte	1	Norte	PN Montesinho
Trilhos	Portuguesa	Norte	1	Norte	Douro
Trilhos	Portuguesa	Norte	1	Norte	rio Côa
Trilhos	Portuguesa	Norte	2	Norte	Norte
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG

Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Planalto	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
SITC Gerês Viva	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
Sabor, Douro e Aventura	Portuguesa	Norte	1	Norte	Douro
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	Viana do Castelo
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	Ponte de Lima
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	Monção
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	PNPG
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	Serra d'Arga
OrdepTur	Portuguesa	Norte	1	Norte	Monção
A2Z Adventures	Portuguesa	Centro	5	Centro	Aldeias do Xisto
A2Z Adventures	Portuguesa	Centro	8	Centro	Aldeias Históricas
A2Z Adventures	Portuguesa	Centro	7	Norte	Douro e Aldeias Históricas
A2Z Adventures	Portuguesa	Centro	8	Norte	PNPG
A2Z Adventures	Portuguesa	Centro	8	Centro	Aldeias Históricas
A2Z Adventures	Portuguesa	Centro	8	Norte	Caminho de Santiago
Down Stream	Portuguesa	Centro	1	Centro	Centro
Turistrela	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Grau 5	Portuguesa	Centro	1	Centro	Rio Ceira
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Gardunha
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Malcata
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Gardunha
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Idanha-a-Nova
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Serra Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Aldeias Históricas
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra do Açor
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra do Açor
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Rio Ceira
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Rio Ceira
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Aldeias do Xisto
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Vale do Alva
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Oliveira do Hospital
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra do Açor

Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra de Sicó
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra do Caramulo
Transserrano	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Transserrano	Portuguesa	Centro	2	Centro	Serra da Estrela
Transserrano	Portuguesa	Centro	2	Centro	Serra da Estrela
Vivaventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Estrela
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Montes d'Aventura	Portuguesa	Centro	1	Centro	Serra da Lousã
Turnauga	Portuguesa	Centro	1		
Turnauga	Portuguesa	Centro	1		
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Norte	Douro
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Norte	PNPG
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Centro	Litoral Centro
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Centro	Litoral Centro
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Centro	PN Serras d'Aire e Candeeiros
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Centro	Batalha / Porto de Mós
Freetour	Portuguesa	Centro	1	LVT	PN Serra da Arrábida
Freetour	Portuguesa	Centro	1	Norte	Serra do Marão
Opções & Alternativas	Portuguesa	Centro	1	LVT	Castelo de Bode
Opções & Alternativas	Portuguesa	Centro	1	LVT	Castelo de Bode
Opções & Alternativas	Portuguesa	Centro	1	LVT	Castelo de Bode
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Rio Zêzere
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Castelo de Bode
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	1	Centro	Vila de Rei
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	1	Centro	Vila de Rei
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Mação
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	1	Centro	Serra da Estrela
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Estrela
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Lousã
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	2	Centro	Aldeias Históricas
Alfa Aventura	Portuguesa	LVT	2	Alentejo	Marvão
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Serra de Montejunto
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sesimbra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Equinócio	Portuguesa	LVT	1	LVT	Queluz
Papa-léguas	Portuguesa	LVT	2	Centro	Aldeias Históricas
Papa-léguas	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Évora
Papa-léguas	Portuguesa	LVT	1	LVT	Estuário do Tejo
Papa-léguas	Portuguesa	LVT	3	Alentejo	Évora
Papa-léguas	Portuguesa	LVT	1	LVT	Serras d'Aire e Candeeiros

Papa-légua	Portuguesa	LVT	1	LVT	Costa da Caparica
Papa-légua	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Papa-légua	Portuguesa	LVT		LVT	Sintra
Papa-légua	Portuguesa	LVT	2	LVT	Sesimbra - Costa da Caparica
Papa-légua	Portuguesa	LVT	5	Madeira	Madeira
Rora dos Ventos	Portuguesa	LVT	8	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tours for You	Portuguesa	LVT	1	Madeira	Madeira
Tapada de Mafra	Portuguesa	LVT	1	LVT	Mafra
Tapada de Mafra	Portuguesa	LVT	1	LVT	Mafra
Tapada de Mafra	Portuguesa	LVT	1	LVT	Mafra
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	1	LVT	Serras d'Aire e Candeeiros
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	1	LVT	Estuário do Tejo
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Grândola
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	1	Norte	Serra d'Arga
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Norte	Montalegre
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Norte	PNPG
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Norte	Douro
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Norte	Serras da Freita e Arada
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Estrela
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Lousã
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Gardunha
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Algarve	Monchique
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	3	Norte	Douro
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Centro	Aldeias Históricas
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Norte	Douro
Terras e Serras	Portuguesa	LVT	2	Norte	PN Montesinho
Vertente Natural	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sesimbra
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida
SAL	Portuguesa	LVT	1	LVT	PN Arrábida

SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Alentejo
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Costa Alentejana
SAL	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Costa Alentejana
SAL	Portuguesa	LVT	1	Centro	Zêzere
SAL	Portuguesa	LVT	1	Centro	Zêzere
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Norte	PNPG
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Norte	PNPG
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Norte	PN Douro Internacional
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Centro	Serra da Estrela
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Centro	Serra da Estrela
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Centro	Serra da Estrela
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Centro	Aldeias Históricas
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Centro	Idanha-a-Nova
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Vimeiro
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Fátima
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Lisboa
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	LVT	Estuário do Tejo
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Costa Alentejana
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Vale do Guadiana
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Vale do Guadiana
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Mértola
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Alentejo	Costa Alentejana
Cabra Montez	Portuguesa	LVT	1	Algarve	Costa Alentejana
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Lousã
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Estrela
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	2	Alentejo	Costa Alentejana
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	2	Alentejo	Costa Alentejana
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	10	Madeira	Madeira
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	3	Algarve	Costa Alentejana
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	2	Centro	Serra da Lousã
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	2	Norte	
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	10	Madeira	Madeira
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	3	Centro	Serra da Estrela
Caminhos da Natureza	Portuguesa	LVT	5	Norte	
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra

Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Inventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	Centro	Serra da lousã
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	Centro	Serra do Caramulo
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Sintra
Muitaventura	Portuguesa	LVT	1	LVT	Serra da Estrela
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	LVT	Sintra
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	LVT	Sintra
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	LVT	Sintra
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Estuário do Sado
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Fuga Perfeita	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Desafio Sul	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Évora
Desafio Sul	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Évora
Desafio Sul	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Évora
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Costa Alentejana
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	LVT	Sintra
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	LVT	Sintra
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	Centro	Serra da Estrela
Passeios & Companhia	Portuguesa	Alentejo	1	Alentejo	Serra d'Ossa
Ecoland	Portuguesa	Alentejo	2	Alentejo	Guadiana
Zebra Safari	Portuguesa	Algarve	1	Algarve	
Carpe Vita	Portuguesa	Algarve	1	Algarve	Costa Vicentina
Carpe Vita	Portuguesa	Algarve	1	Algarve	Costa Vicentina
Carpe Vita	Portuguesa	Algarve	2	Algarve	Costa Vicentina
Carpe Vita	Portuguesa	Algarve	3	Algarve	Costa Vicentina
Carpe Vita	Portuguesa	Algarve	7	Algarve	Costa Vicentina
Monchique Alternativtour	Portuguesa	Algarve	1	Algarve	Monchique

Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Madeira Explorers	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Nature Meetings	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira
Terras de Aventura	Portuguesa	Madeira	1	Madeira	Madeira

Fonte: Elaboração própria, com base em pesquisa na Internet

Quadro VI. Alojamento turístico no território das Aldeias do Xisto

Nome do estabelecimento	Nº de Camas	Local	Concelho	Área
Casa do Vale Linteiro CC	6	Serpins	Lousã	Serra da Lousã
Casa da Eira	15	Casal do Ermio	Lousã	Serra da Lousã
Casa Princesa Peralta	6	Talasnal	Lousã	Serra da Lousã
Hotel Mélia Palácio da Lousã Boutique Hotel	92	Lousã	Lousã	Serra da Lousã
Pousada da Juventude da Lousã	62	Lousã	Lousã	Serra da Lousã
Quinta do Além Ribeiro TR	18	Ceira dos Vales	Lousã	Serra da Lousã
Vila Jesuína	8	Serpins	Lousã	Serra da Lousã
Pátio do Xisto - TER	5	Gondramaz	Miranda do Corvo	Serra da Lousã
Estalagem Quinta do Viso	45	Miranda do Corvo	Miranda do Corvo	Serra da Lousã
Casa da Cerejinha	4	Pena	Góis	Serra da Lousã
Casa do Neveiro	2	Pena	Góis	Serra da Lousã
Quinta da Simantorta TR	12	Simantorta	Góis	Serra da Lousã
Casa de Campo da Comareira de Góis	6	Comareira	Góis	Serra da Lousã
Casa de São Francisco da Chã CC	10	Chã de Alvares	Góis	Serra da Lousã
Albergaria Lagar do Lago	37	Sítio do Carvalhal	Castanheira de Pera	Serra da Lousã
Casa da Ribeira de Pera TR	10	Castanheira de Pera	Castanheira de Pera	Serra da Lousã
Villa Praia	32	Castanheira de Pera	Castanheira de Pera	Serra da Lousã
Quinta do Couço TR	14	Podentes	Penela	Serra da Lousã
Casa do Zé Sapateiro	11	Ferraria de S.. João	Penela	Serra da Lousã
Casa da Quinta do Espanhol TR	12	Penela	Penela	Serra da Lousã
Casa Brigitte	4	Porto Douro	Figueiró dos Vinhos	Serra da Lousã
Casa A Lura	5	Casal de S. Simão	Figueiró dos Vinhos	Serra da Lousã
Casa do Pedro	8	Casal de S. Simão	Figueiró dos Vinhos	Serra da Lousã
Solar da Quinta do Sobral	4	Porto Douro	Figueiró dos Vinhos	Serra da Lousã
Hotel Rural Solar das Freiras	22	Figueiró dos Vinhos	Figueiró dos Vinhos	Serra da Lousã
Hotel Arganil	64	Arganil	Arganil	Açor e Zêzere
Casa de Janeiro	13	Janeiro de Cima	Fundão	Açor e Zêzere
Casa da Pedra Rolada	6	Janeiro de Cima	Fundão	Açor e Zêzere
Fundão Palace Hotel	88	Fundão	Fundão	Açor e Zêzere
Hotel Príncipe de Beira	132	Donas	Fundão	Açor e Zêzere
Pousada da Juventude da Mina	34	Silvares	Fundão	Açor e Zêzere
Hotel Resort O Alambique de Ouro	254	Fundão	Fundão	Açor e Zêzere
Casa dos Hospitalários	9	Álvaro	Oleiros	Açor e Zêzere
Vilar dos Condes	18	Maderã	Oleiros	Açor e Zêzere
Casa da Moita	4	Fajão	Pampilhosa da Serra	Açor e Zêzere
Casais do Termo	4	Carreira	Pedrogão Grande	Açor e Zêzere
Villa Isaura TR	10	Troviscais Cimeiros	Pedrogão Grande	Açor e Zêzere
Hotel da Montanha	146	Pedrogão Pequeno	Sertã	Açor e Zêzere
Albergue do Bonjardim TR	8	Nesperal	Sertã	Açor e Zêzere
Quinta de Santa Teresinha TR	12	Cabeçudo	Sertã	Açor e Zêzere
Best Wester Rainha D. Amélia	116	Castelo Branco	Castelo Branco	Tejo - Ocreza
Hotel Tryp Colina do Castelo	218	Castelo Branco	Castelo Branco	Tejo - Ocreza
Aldeia das Oliveiras - Casas em Xisto	22	Sobreira Formosa	Proença-a-Nova	Tejo - Ocreza
Casas da Pedra AL	3	Cimadas Cimeiras	Proença-a-Nova	Tejo - Ocreza
Pousada das Amoras	66	Proença-a-Nova	Proença-a-Nova	Tejo - Ocreza
O Abrigo	8	Trutas	Vila de Rei	Tejo - Ocreza

Casa dos Azulejos	3	Vila de Rei	Vila de Rei	Tejo - Ocreza
Casa do Cerro	2	Foz do Cobreão	Vila Velha de Ródão	Tejo - Ocreza
Casa da Meia Encosta	4	Foz do Cobreão	Vila Velha de Ródão	Tejo - Ocreza
Estalagem Portas de Ródão	45	Vila Velha de Ródão	Vila Velha de Ródão	Tejo - Ocreza
	1739			





Fonte: Elaboração própria, com base em informação da ADXTUR, 2010

Quadro VII. Caminhos do Xisto

Caminhos do Xisto	Aldeia(s)	Concelho	Extensão (km)	Duração	Forma	Desnível acumulado (metros)	Altitude Mínima (metros)	Altitude Máxima (metros)
CX da Barroca	Barroca	Fundão	9,2	2h30	Circular	205	350	439
CX da Lousã - Rota das Aldeias Serranas	Talasnal, Casal Novo	Lousã	6		Circular	905	223	574
CX da Lousã - Rota dos Moinhos		Lousã	6		Circular	433	133	276
CX de Álvaro - Longra	Álvaro	Oleiros	7		Circular	490	328	650
CX de Álvaro - Gaspalha	Álvaro	Oleiros	6		Circular	368	271	466
CX do Gondramaz	Gondramaz	Miranda do Corvo	5,6	2h40 / 3h45	Linear	640	231	643
CX de Sarzedas	Sarzedas	Castelo Branco	15		Circular	402	273	420
CX das Aldeias de Góis	Aigra Nova, Aigra Velha, Pena e Comareira	Góis	9,2	4h00	Circular	639	543	792
CX de Casal de S. Simão	Casal de S. Simão	Figueiró dos Vinhos	5,1	2h30	Circular	276	196	319
CX de Figueira	Figueira	Proença-a-Nova	6,3	3h00	Circular	182	294	397
CX Acessível do Gondramaz	Gondramaz	Miranda do Corvo	0,45	15 min	Linear	20	600	640
CX de Água Formosa	Água Formosa	Vila de Rei	7,4	2h50	Circular	211	220	326
CX da Foz do Cobreão	Foz do Cobreão	Vila Velha do Ródão	11,3	3h45	Circular	541	154	450
CX de Fajão	Fajão	Pampilhosa da Serra	4		Circular	318	625	865
CX de Martim Branco	Martim Branco	Castelo Branco	9,5	2h30	Linear	188	266	348
CX da Benfeita	Benfeita	Arganil	10		Circular	576	299	598

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da ADXTUR, 2010

Quadro VIII. MIDE (*Método de Información de Excursiones*)

 Medio. Severidad del medio natural	1 El medio no está exento de riesgos 2 Hay más de un factor de riesgo 3 Hay varios factores de riesgo 4 Hay bastantes factores de riesgo 5 Hay muchos factores de riesgo		
 Itinerario. Dificultad de orientarse en el itinerario	1 Caminos y cruces bien definidos 2 Sendas o señalización que indica la continuidad 3 Exige la identificación precisa de accidentes geográficos y de puntos cardinales 4 Exige técnicas de orientación y navegación fuera de traza 5 La navegación es interrumpida por obstáculos que hay que bordear		
 Desplazamiento. Dificultad en el desplazamiento	1 Marcha por superficie lisa 2 Marcha por caminos de herradura 3 Marcha por sendas escalonadas o terrenos irregulares 4 Es preciso el uso de las manos para mantener el equilibrio 5 Requiere pasos de escalada para la progresión		
 Esfuerzo. Cantidad de esfuerzo necesario	<table> <tr> <td data-bbox="534 936 1077 1097"> 1 Hasta 1 h de marcha efectiva 2 Más de 1 h y hasta 3 h de marcha efectiva 3 Más de 3 h y hasta 6 h de marcha efectiva 4 Más de 6 h y hasta 10 h de marcha efectiva 5 Más de 10 h de marcha efectiva </td><td data-bbox="1077 936 1348 1097"> Calculado según criterios MIDE para un excursionista medio poco cargado </td></tr> </table>	1 Hasta 1 h de marcha efectiva 2 Más de 1 h y hasta 3 h de marcha efectiva 3 Más de 3 h y hasta 6 h de marcha efectiva 4 Más de 6 h y hasta 10 h de marcha efectiva 5 Más de 10 h de marcha efectiva	Calculado según criterios MIDE para un excursionista medio poco cargado
1 Hasta 1 h de marcha efectiva 2 Más de 1 h y hasta 3 h de marcha efectiva 3 Más de 3 h y hasta 6 h de marcha efectiva 4 Más de 6 h y hasta 10 h de marcha efectiva 5 Más de 10 h de marcha efectiva	Calculado según criterios MIDE para un excursionista medio poco cargado		

Fonte: Euromide, 2009

Quadro IX. Pontos de interesse nos Caminhos do Xisto

Caminho do Xisto	Património Cultural			Património Natural	Espaços de Lazer e equipamentos
	Arquitectónico	Arqueológico	Etnográfico		
CX da Barroca	Capela N. Sra. da Rocha, capela	Gravura Rupestre	Moinhos	Ribeiro da Bica, escombreyras	Centro Dinamizador das Aldeias do Xisto, miradouro
CX da Lousã – Rota das Aldeias Serranas					
CX da Lousã – Rota dos Moinhos					
CX de Álvaro – Longra	Ponte romana		Lagar de azeite		Praia fluvial de Álvaro
CX de Álvaro – Gaspalha	Ponte romana		Lagar de azeite	Rio Zêzere	Praia fluvial de Álvaro
CX de Gondramaz			Ruína de azenha	Cascata, Penedo dos Corvos, Castelo do Espinho	Parque de merendas da Chapinha
CX de Sarzedas	Fonte e lavadouro, igreja matriz e campanários, capela de S. Sebastião, capela de Sta Maria Madalena, fonte santa	Minas de volfrâmio, poço mineiro			
CX das Aldeias de Góis	Fonte dos bois		Açude e levada antiga	Penedo da Abelha	
CX de Casal de S. Simão	Ponte do Brás Curado		Azenhas e levadas	Ribeira do Fato (cascatas), floresta laurissilva requial, mata de sobreiros	
CX da Figueira	Muros em xisto, ponte		Lagar		
CX Acessível do Gondramaz	Largo dos Petiscos, casas de xisto, capela de N. Sra. das Candeias		Esculturas	Souto	Salão de baile

CX de Água Formosa	Fonte, fonte		Azenha em ruínas, levadas		
CX da Foz do Cobreão			Moinhos de água	Portas do Vale Mourão, Rio Ocreza e Ribeira do Alvito	Piscina fluvial, casa de turismo de natureza
CX de Fajão	Capela dos Mouros			Penedos de Penalva	
CX de Martim Branco					
CX de Benfeita	Fonte, fonte da aldeia do Sardal, N. Sra. das Necessidades		Núcleo museológico de Pardieiros	Fraga da Pena	Centro de interpretação da Mata da Margaraça
TOTAL	23	3	14	16	9

Fonte: Elaboração própria, com base em informação da ADXTUR, 2010